Pav.
Sala
Prat.
Est.

A lenda da lua

De
CARLOS RAMOS

ERA costume da garotada da rua das Palmeiras ir á casa do velho Pedro, e pedir-lhe que contasse historias. E, só por isso, lhe queriam muito bem.

Naquella tarde, quando o sol agonizava por traz da Serra do Mar, ensanguentando o lençol de nuvem que o envolvia, o Zamith, o Djalma, o Armando e outros surgiram, álacres, á porta da minha casa.

— Vamos á casa do "seu" Pedro! — disseram elles, quasi em unisono.

— Olé, pessoal! — concordei, ao mesmo passo que me acercava do grupo.

— Então toca a andar! — advertiu um garoto loiro, com ares de conductor de homens...

Dali a pouco nos achavamos sentados no chão, defronte do velho Pedro, escutando com emoção as coisas que elle nos dizia.

Lembro-me muito bem que nessa noite o garoto loiro e magro, de olhar penetrante e testa boleada, observando através da janella aberta a lua cheia que fluctuava no azul, fez esta pergunta o velho amigo da garotada da rua das Palmeiras:

— "Seu" Pedro, por que é que a lua tem manchas?

Todos se riram gostosamente e até houve um arremedo de assuada, provocado pela pergunta ingenua do magricella, que, desapontado, baixou o olhar.

Mas, "seu" Pedro, sempre bondoso, acudiu em soccorro do menino, dizendo:

— Não se riam, meus amigos. Nada ha que não tenha a sua origem, a sua historia. A proposito, vou contar-lhes porque é que a lua tem a cara manchada.

Movimento geral de attenção! Cada qual quer ficar mais proximo do "seu" Pedro. O velho cruza as pernas, passa as mãos pela alva cabelleira, e começa:

— Qundo Jeovah fez o mundo, não pensem vocês que levou muito tempo. Apenas seis dias gastou o Creador para dar ao mundo o que nelle existe.

No primeiro dia fez a lua. No segundo, fez o firmamento, a que chamou céo. No terceiro, creou as plantas, as arvores e os mares. No quarto, o sol, a lua e as estrellas. No quinto, as aves e os peixes. No sexto, fez todos os animaes e, finalmente, o homem, que coroou a obra sem par.

— Isso mesmo eu li já na Historia Sagrada — arriscou o Zamith.

— Psiu! — fizeram os demais, ansiosos por que "seu" Pedro proseguisse.

— Vendo Jeovah que Adão — o primeiro homem — não se conformava em viver a sós com os bichos, penalizou-se delle e deu-lhe Eva por companheira, advertindo-os, antes, que fugissem de incidir no peccado. Adão, cordato como provam ser os seus descendentes masculinos, dispuzéra-se a seguir á risca as determinações superiores. O mesmo, entretanto, não aconteceu com Eva, que logo appareceu com todos os requintes de galanteria que até hoje são o apanagio de suas graciosasa filhas. Adão, recostado a uma arvore, quedou-se a admirar a paizagem maravilhosa que se descortinava deante dos seus olhos. Eva contemplou-o com ternura e esperou que della se acercasse... Mas qual! Adão não ligava mesmo... Foi então que á formosa mulher occorreu uma idéa.. Instinctivamente, colheu uma rubra e succulenta maçã, e, num gesto langue, offertou-a ao companheiro...

"Adão empertigou-se e sorriu. Eva occultou o lindo rosto na farta cabelleira, numa expressão pura de feminilidade. O primeiro varão sobre a terra, num assomo de irreprimivel enthusiasmo, correu para a companheira ,tomou-a nos braços, e o mundo conheceu o primeiro beijo...

"Quando Jeovah volveu a contemplar a sua portentosa obra, comprehendeu, com tristeza, que fôra desobedecido. Zangou-se e condemnou-os ambos á pena de trabalho rude e soffrimentos atrozes. Emquanto isto se passava, a lua, branca e sentimental, escondida por traz de uma cortina de nuvens ralas, no céo, trocava amabilidades com o sol... Jeovah, de um relance, tudo percebeu. A lua, indiscretamente, observára a scena do Eden e, sem perda de tempo, imitára a primeira mulher, lançando ao sol a sua rêde de seducções. Jeovah olhou para o alto, brandiu o sceptro que sustinha na dextra, e disse, com voz retumbante:

"— De hoje por deante, ambos terão as faces maculadas pela ignominia e pela vergonha! E não é tudo: nunca mais se encontrarão, por isso que o sol será visivel de dia, e a lua de noite!"

— Eis como o sol e a lua, tal como Adão e Eva, tambem soffreram o castigo da desobediencia...

De Eça de Queiroz

que se abeirou, psychologou, attribuindo intenções sagazes ao peixe que assim se recusava. E a cada um o Gran-Duque, escarlate, mostrava um dedo tragico, no fundo da cava o seu peixe! Todos afundavam a face, murmuravam "lá está"! Todelle, na sua precipitação, quasi se despenhou. O periquito ... de Caiygny batia as azas, gania ndo: — "Que cheiro elle deita, que delicia!" Na copa atulhada os decotes das senhoras roçavam a farda dos lacaios. O velho caiado de pó de arroz metteu o pé num balde de gelo, com um berro ferino. E o Historiador dos Duques d'Anjou movia por cima de todos o seu nariz bicudo e triste. De repente, Todelle teve uma idéia!

— E' muito simples... E' pescar o peixe! O Gran-Duque bateu na côxa uma palmada t r i u m p h a l. Está claro! Pescar o peixe! E no gozo daquella facecia, tão rara e tão nova, toda a sua colera se sumira, de novo se tornara o principe amavel, de magnifica polidez, desejando que as senhoras se sentassem para assistir á pesca miraculosa! Elle mesmo seria o pescador! Nem se necessitava, para a divertida façanha, mais que uma bengala, uma guia e um g a n c h o. Immediatamente Madame d'Orioi, excitada, offereceu um dos seus ganchos. Apinhados em volta della, sentindo o seu perfume, o calor da sua pelle, todos exaltamos a amoravel dedicação. E o Psychologo proclamou que nunca se pescara com tão divino anzol!

Quando dois escudeiros estontecidos voltaram, trazendo uma bengala e um cordel, já o Gran-Duque, radiante, vergava o gancho em anzol. Jacintho, com uma paciencia livida, erguia uma lampada sobre a escuridão do pôço fundo. E os senhores mais graves, o Historiador, o director do *Boulevard*, o conde de Tréves, o homem de cabeça á Van-Dyck, sorriam, amontoados á porta, num interesse reverente pela fantasia de S. Alteza. Madame de Tréves, essa examinava serenamente, com a sua nobre luneta, a installação da copa. Só Dornan não se erguera da mesa, com os punhos cerrados sobre a toalha, o gordo pescoço encovado, no tedio sombrio de fera a quem arrancaram a posta.

No emtanto S. Alteza pescava com fervor! Mas debalde! O gancho, pouco agudo, sem presa, bamboleando na extremidade da guita frouxa, não fisgava.

— Oh Jacintho, erga essa luz! — gritava elle, inchado e suado. — Mais!... Agora! Agora! E' na gueira! Só na gueira é que o gancho o pode prender. Agora... Qual! Que diabo! Não vae!

Tirou a face do pôço, resfolgando e affrontado. Não era possivel! Só carpinteiros, com alavancas!... E todos, anciosamente, bradamos que se abandonasse o peixe!

O Principe, risonho, sacudindo as mãos, concordava que por fim "fôra mais divertido pescal-o do que comel-o". E o elegante bando refluiu sôfregamente para a mesa, ao som duma valsa de Strauss, que os Tziganes arremessaram em arcadas de languido ardor. Só Madame de Tréves se demorou ainda, retendo o meu pobre Jacintho, para lhe assegurar quanto admirava o arranjo da sua copa... Oh perfeita! Que comprehensão da vida, que fina intelligencia do conforto!

(Trecho de "A cidade e as serras")

MODERNISMO ?...

— ORA bolas! Isso é demais! Não acredito.

— Não acredita? Paciencia...

— Mas você quer mesmo fazer crêr que u'a mulher tenha pedido um homem em casamento? Isso é possivel?

— Possivel ou impossivel, a verdade é essa. E depois não se póde estranhar. Estamos no século do modernismo, meu caro. Modernismo, ultra-civilisação, machina e... tudo.

Amigos de longa data separados pelo destino encontraram-se pelo mesmo destino. E Carlos, que andára por plagas longinquas, trazendo ainda nos olhos o brilho estranho das paragens outras, ousára a affirmação que escandalizava o amigo.

Lauro, vivendo na metropole, no meio que se julga ultra-moderno, nesta terra das coisas incriveis, não esperava pela novidade atrevida. U'a mulher pedir um homem em casamento! Inversão dos papeis! Isso era demais!

Caminhando pelo Flamengo das tardes mansas, sem pressa, elles deixavam morrer a conversa.

Minutos depois, Carlos, que parecia meditar, num esforço maior, despercebido ao amigo, voltára a fallar:

— E' uma grande verdade. Foi lá no Sul. Ella era morena. Morena e nada mais. Você pense numa figura flexivel de mulher, vestindo um espirito culto alliado a uma fina sensibilidade. Ella era assim. Irradiava tantas coisas bôas, que a gente ficava ás vezes a pensar na difficuldade de se conseguir um todo assim perfeito, harmonioso. Positivamente, era um exemplar raro. E a rapaziada toda vivia a cortejar aquella moreninha do Sul, embora nas rodas dos cafés fallassem mal della. Pudéra! Ella passava altiva e fina, indifferente aos olhares cubiçosos da legião masculina. Pelo menos apparentava indifferença...

— E eu — continuára Carlos, não podendo mais occultar a sua parte na historia — tambem criára aquella mania: observar a mulher bonita; analysar

NOTAS E...

HOJE, são os estrangeiros que estudam e estimam a nossa antiga literatura: nós, não. A crescente e hoje quasi total desnacionalização do espirito publico é o facto mais consideravel da nossa psychologia collectiva, nos ultimos 50 annos. Os da actual geração pode-se dizer que, pelo pensar, pelo sentir, deixaram já de ser portuguezes. Ha por ahi muito rapaz intelligente e, a seu modo, instruido, que conhece mais ou menos Molière, Racine, Voltaire e até Rabelais e Ronsard, e que nunca leu um auto de Gil Vicente, uma canção de Camões, uma egloga de Bernardim Ribeiro ou de Bernardes, uma carta de Ferreira ou de Sá de Miranda.

Os que conhecem um pouco intimamente a historia das revoluções portuguezas neste seculo (não são só das politicas) e têm reflectido sobre ella, acharão facilmente a explicação deste facto, e, mais do que a

...DE A. BELTRAM SOUSA

todos os seus contornos, acompanhar todos os seus gestos. Um dia, fui-lhe apresentado numa festa. Conversámos. Fallamos do Rio, de São Paulo, do Brasil... Ella mostrou-se interessada pela minha palestra e na tarde seguinte, cruzando no jardim principal, convidou-me a circular. Esse facto se repetiu. Fui alvo de toda a sorte de descomposturas da parte dos despeitados. E, confesso, sentia-me orgulhoso daquella companhia. Mas, você me conhece, e garanto-lhe que não mudei em coisa alguma; sou apenas para o exterior nessa questão de mulher. Gosto de impressionar, sem passar dahi. E assim, sem comprehender aquella mulher, fui vivendo dias inesqueciveis. Uma tarde, retornando da estação ferroviaria, aonde acompanhára um conhecido, encontrei-a em minha casa. Minha tia, com um sorriso differente disse-me:

"— Olha, Carlos, a Luizinha veiu contar que quer casar com você. Ella até disse que veiu pedil-o em casamento.

"Fiquei com uma cara de quem viu assombração em noite escura. Olhei para Luizinha e ella, com naturalidade:

"— Eu gosto de você. Sei que você me admira. Você é differente desses inúteis que perambulam por ahi... Você chega até a ser timido. E por isso...

"Nem sei explicar o trabalho que tive para dar o fóra. Acredite no emtanto, que foi difficilimo. E essa é a verdade: fui pedido em casamento, concluiu Carlos".

Lauro não interrompêra a historia do amigo. Parando para dar maior valor á phrase, deixou cahir, pesadamente, este conceito antigo: — as mulheres são mysteriosas como a propria noite escura. Quem conhecerá o fundo de uma alma de mulher? Nem a sua propria dona. As mulheres...

Agil, fina, nervosa, u'a mulher cruzára com os dois amigos. Um perfume subtil, enternecedor...

IMPRESSÕES

explicação, a necessidade delle. Mas nem por isso deixa de ser coisa triste de considerar este abysmo de esquecimento, que se abre cada vez mais largo entre o pállido, anemico e inexpressivo Portugal de hoje e aquelle seu grande ascendente, o heroico, pittoresco e inspirado seculo XVI. A falta de sentimento nacional poderia, até certo ponto (no que diz respeito ao estudo da nossa antiga literatura) ser supprida pelo sentimento historico, pela curiosidade critica e *philologica*, como dizem os allemães: mas a decadencia dos estudos historicos tem vindo acompanhando *pari passu* a decadencia do sentimento nacional, sem que um ponto de vista mais largo, puramente scientifico, viesse, como em França, por exemplo, substituil-o efficazmente, para compensar aquella falta, pelo menos na esphera da intelligencia e do gosto.

ANTHERO DO QUENTAL

UM GRITO D'ALMA

"A descoberta que eu fiz...

Ella é desconcertante. Imprevista. Terrivel...

E' que...

Eu estou louco!

Completamente louco!

Doido varrido!

Na minha pobre cabeça as idéas não mais se coordenam... Misturam-se... Baralham-se... E' um cáos tremendo!

Vejo passar ante os olhos de minha imaginação de louco as coisas mais desencontradas... Estapafurdias...

José...

Aubert...

Tótó...

Néli...

Amor...

Odio...

Nomes de pessôas... Nomes de animaes... Sentimentos... Tudo numa promiscuidade perturbadora!

Aubert!

Quem é Aubert?

Não sei!

Jamais conheci alguem com esse nome.

Porém, elle me occorre agora. E eu o escrevo: *Aubert...*

Coisas de louco!

Convencido da minha loucura, eu quero entrar para um manicomio.

Mas, não comsigo!

Por mais que eu affirme estar doido, os outros se riem de mim.

Chegam até a chamar-me de engraçado...

Que horror!

Sou louco e não posso viver entre os meus irmãos de sorte. Entre os unicos que me comprehendem.

Quero abandonar esta sociedade asquerosa que me rodeia. E não mo permittem.

Já por duas vezes tomei veneno. E por duas vezes um maldito medico não me deixou alcançar o que queria.

Agora minha pena está correndo sobre este papel...

Por que?

Para que?

Não sei.

Não posso saber!

Deixo-a deslizar, vasando nestas linhas impassiveis o fél que me enche a alma.

Uma alma que óra grita estrangulada pelos preconceitos duma moral vil e peçonhenta.

Ella!

Aquelles labios sangrentos...

Aquelle corpinho mimoso...

Ella chama-se...

Não. Ella não tem nome. Ella é ella. E seria minha si não fosse o mundo!

Foi ella que me fez enlouquecer. Mas, ella propria não crê na minha loucura!...

E eu que desejava acreditasse ella no meu desequilibrio mental.

Por que?

Para que?

De novo essas duas perguntas. E, mais uma vez, eu só posso responder: Não sei!

E não sei porque o meu cerebro é de louco.

Mas, ainda conseguirei fazer o mundo crêr na minha loucura.

Commetterei disparates... Perpetrarei crimes...

Quem faz os criminosos si não a sociedade?"

* * *

Era isso que estava escripto no papel que eu achei no bolso do suicida que matára a menina loira...

AFFONSO NETTO

JARDIM DE ATHENAS

HA livros novos e bem encadernados que são lidos apenas uma vez e isso mesmo sem despertar nenhum enthusiasmo, nenhuma vibração. Livros frios e inuteis. Têm apenas desenhos bonitos pelas capas. Livros feitos para as vitrines...

Outros ha, porém, carcomidos e velhos, que valem um mundo de solidas meditações. São thesouros preciosos que os amigos das bôas leituras guardam para sempre com carinho.

No silencio claustral de bibliothecas vetustas, longe da vida moderna trepidante e aspera, é um gozo para o espirito se viver em dialogo com esses companheiros profundos, sabios e serenos.

Livros velhos... Pensamentos dos poetas que morreram.

Conversar com os vivos é, por vezes, tão banal e tão prosaico...

* * *

Os athenienses comparavam os falsos amigos com as andorinhas, que cantam quando o tempo é lindo povoando as almas de sonhos, e que se afastam e fogem quando o inverno vem chegando com o seu cortejo de sombras. E é verdade. Os amigos são mesmo assim...

"Feliz aquelle que póde na vida encontrar um amigo", dizia o grande poeta comico Menandro. "Aquelle que cessa de ser amigo, jamais o foi". Tal proverbio é da autoria do philosopho Aristoteles.

Aristoteles disse ainda: "um amigo é uma alma que vive em dois corpos".

* * *

Até a presente data, o melhor amigo que encontrei na vida foi um livro de capa amarella, comprado no *cêbo*.

Ha uns caracteres gregos, roidos de traça, que somente eu entendo.

Anekhou kai apekhou... Bella maxima! E' esta a melhor philosophia da vida...

* * *

O erudito La Bruyére, nos seus *Caractéres*, faz uma critica aos adeptos do estoicismo, dizendo: *ni la goutte la plus doulourense ni la colique la plus aigue ne sauroient lui arracher une plainte.*

O escriptor francez foi muito acerbo na sua critica. Não foi justo.

O estoicismo é — em que pese La Bruyére — uma linda doutrina philosophia. Negar o estoicismo, equivale negar ao homem a posse de um acervo fabuloso de virtudes. Epitecto é um symbolo.

* * *

Todos os dias, encontro, neste meu "Jardim de Athenas", um motivo de suave contentamento.

E' aqui que vou fazendo os meus commentarios á margem dos livros e a respeito dos homens e das coisas.

Sentindo o perfume das flores do "Jardim de Athenas", vou perdendo a noção do espaço e do tempo, na ansia de viver um pouco para a Arte.

PAULO FREITAS

PRIMEIRA DESILLUSÃO

"PAULO: o nosso amôr é impossivel. Adeus!"

E assim terminava a carta.

Lucia depôz o papel sobre a mesinha que a luz coada de um *abat-four* violeta illuminava.

Joven de 18 annos, entrára na vida cheia desse ingenuo optimismo que constitúe a alegria de viver.

Bem cêdo, porém, uma desillusão veiu arrebatar-lhe desse paiz de sonho em que vivia.

Desillusão — palavra vã, apenas convenção.

O que para uns não passa de uma simples aventura, para outros representa ruina completa da vida.

Emfim, tudo na vida é convencional...

Lucia era dessas creaturas sensiveis, para quem o amôr exerce papel preponderante na existencia. Por isso, ao terminar a carta, sentiu um vazio completo no coração; vazio na vida não, porque sempre soubéra preencher todas as horas, pois já era musicista e fazia versos...

Conheceu Paulo numa festa. Entre um *fox* gritante, o som dolente de um tango argentino e trocas de amabilidades nasceu uma profunda sympathia.

Não uma sympathia banal, mas no sentido perfeito da palavra. E como o amôr é soffrimento, essa sympathia era quasi amôr.

O acaso os approximou uma tarde, á beira-mar.

A noite vinha cahindo e as estrellas começavam a surgir no firmamento e surgiu tambem nos labios de Paulo a confissão de amôr.

Dias depois, um encontro e juras eternas seladas por duas bôccas que se uniram.

Beijo — representação sublime de duas almas que se querem.

Para alguns... passa tempo agradavel.

Talvez Paulo pensasse deste modo. Mais tarde, um convite para um cinema, a recusa... Mas a in[sis]tencia, unida ao sentimento q[ue] dia a dia tomava guarida nesse c[o]ração feminino, fez com que o "sim" fôsse proferido.

Tanta felicidade não havia de [du]rar muito...

Bem disse Olegario Mariano:

—*A felicidade consiste apenas [...]*
[des]
Louco, que a gente tem de [...]
[feliz]

No meio do film, uma divergencia de opiniões fez com que Pa[ulo] genioso e impulsivo, exteriorize de uma maneira um pouco impe[n]sada seu aborrecimento.

Depois, o arrependimento e [o] perdão de Lucia.

Mas, se perdoou, não esquece[u]. Essa alma, sensivel e sonhado[ra] se perdoou a Paulo, não esquece[u] as palavras que tão profundame[nte] vieram ensinar-lhe a realidade [da] vida...

E, depois disso, uns dois encon[tros] mais levaram Lucia á certe[za] de que o amôr, "este sentimen[to] que constituia a razão de ser d[a] sua existencia", não era para el[e] senão um meio de distracção.

E, assim, desilludida e co[nfor]mada, resolveu enviar aquella [mis]siva, que marcaria um ponto, e[m] vez de interrogação, a esse des[tino] que tão cêdo já se mostrara [tão] cruel.

MARIÚCHA

O decifrador da alma da mulher do samba...

("Copyright" da Empreza de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista. — Expresso para FON-FON, por João de Minas).

ELLE é um sábio feminino, quer dizer, um sábio que se atracou com os segredos e abysmos da alma da mulher, estudou-os, esmiuçou-os, e hoje se considera um perito na materia. Esse homem é balzaqueano, conhece a alma feminina, sabe-lhe toda a capacidade diabolica, ou divina, como quizerem.

Por isso, eu chamo esse mestre de mestre feminino, isto é, mestre em psychologia mulherenga.

Hans — é o acatado nome delle — é allemão. Esteve na Grande Guerra, matou muita gente, e, por ter assim tão largamente assassinado o seu semelhante, ganhou uma porção de medalhas e cruzes. Veiu para o Brasil, de terceira, e nesta vertiginosa Paulicéa retomou de novo os seus maravilhosos estudos, esgaravatando com pinças de uma ladinice subtil a alma da doce mulher paulista.

Vae para um anno, uma noite de garôa, no Braz, dei com o profundo psychologo feminino num *bar* napolitano. Era bem tarde, e havia um par de caixeiras não menos napolitanas, gordas e bôas, capazes de vender fiado, sinão um prato de *macaroni*, ao menos um pouco de coração cosmopolita.

Hans bebia os *chopps* do estylo, magro, sêcco, aéreo, arripiado como todo philosopho, possuido da experiencia dos seus estudos mulherís especializados e da compostura dos seus quarenta annos celibatarios.

Por essa occasião, o meu amigo me contou que estava fazendo o seu livro unico, primeiro, ultimo e completo sobre a mulher. E não era a mulher universal, a mulher apenas. Era a mulher morena, a mulher do carnaval, a perigosissima mulher que samba. Emfim, a... mulher bra-si-le-i-ra!

— Porque a mulher brasileira é que é mulher. Ah, ainda não encontrei nada como a mulher brasileira, principalmente as morenas, as de olhos meio parados, assim em cima da gente...

— Estupendo!

— Acontece, porém, que quero fazer um livro vivo, sentido na hora, como uma esculptura da verdade immediata... Sim, que fazer o livro de accôrdo com modelo, e para isso estou es dando anatomicamente a al morena de uma pequena, mi vizinha, lá perto da pensão...

Hontem, encontrei o sabio. E estava uma ruina. Parecia louco. E disse-me, fazendo tas furiosas, cheirando a cachaça:

— Vou dynamitar o Viaducto Chá. Tenho a carga de dynam aqui no bolso... Apaixonei-me meu modelo literario, a min vizinha de pensão, de que te fa Ella trahiu-me, com um joga de *football*, um analphabeto materia de alma feminina... que mulher ordinaria! Ag quando ella passar de manhã Viaducto, eu dynamitarei o V ducto...

— E seu livro sobre a al da mulher, decifrando-a?...

— E' esse o meu livro... é o meu formidavel livro...

E o sabio feminino deu um gargalhada de louco, segurando carga de dynamite... com que decifrar a alma da mulher samba, da mulher brasileira...

JOÃO DE MINAS

saibam todos...

LEON NOEL (S. Paulo) — Upa! Lá vem um poeta das Arabias... Arreda, gente! Deixa o rapazêlho passar com a sua versalhada... Elle vae directamente para... Não digam que é a *cesta*... Elle vae para a gloria, num bonde qualquer da Jardim Botanico... Mas é possivel que não passe do Largo da Lapa...

— Vamos ouvir as suas razões. E isso gravemente, sem ar de riso. La vae:

"São Paulo, 14 de Março de 1934. Meu caro Yves. Chegou a minha vez de dar as mãos á palmatoria. Aqui estão as minhas rimas. Chamam-se "Luzes de Ouro". Custou-me mais o titulo que mesmo os proprios versos. Submeto-me á sua apreciação.

Se não fosse tu quem és, jamais terias o desprazer de conhecer-me, embora em "espirito" somente. Mas a tua acolhida é convidativa, e aqui estou eu. E' o que ganhas em seres complacente com os coitatos. Passas a vida a ser caceteado pelos rapazolas romanticos, cujo temperamento sanguineo, impede-os de guardar para si só, as inspirações que têm, e força-os a transformal-as em versos, que fazem a infelicidade da familia, dos amigos e dos homens pachorrentos como tu.

E que versos fazem os coitadinhos!

A's vezes o objecto é bello, a emoção profunda e o ambiente propicio. Tudo indica maravilhosos versos. Mas, qual, elles nascem mortos. Falta o poeta.

Pois isso aconetceu commigo, caro Yves. Se tivesse admirado a minha noite, que versos bellos não terias feito. Mas, eu, pobre de mim, fiz isso que ahi está.

Mas deixemos de historias. Vamos logo ao que me interessa. E' uma consulta com duas perguntas e um pedido.

1ª — O que achas dos meus versos?

2ª — Devo continuar a escrevel-os, ou parar immediatamente, por falta absoluta de geito?

Agora vae o pedido: — Quero que publiques os meus versos, se elles forem bons. Mas, manda-me, tambem, sem dó, para junto dos outros condemnados, que na tua cesta, se acotovelam expremidos. Nada ha de mais nisso. Ella é o lugar dos que se metem a escrever versos, sem poder. De antemão já estou conformado. O que seria extraordinario é que tu viesses dizendo que os meus versos não estão assim tão maus, etc... etc. Mas isso é lá do teu criterio.

Estou certo de que tu, camarada e justiceiro, tudo farás para evitar a minha derrocada. Versos que se inspiraram na serena belleza daquella noite, em que tive a felicidade de contemplar maravilhado, o ceu mais lindo que já se viu, e que ainda hoje me dá saudades, é pena que sejam arremessados de tão alto, para o esquecimento de uma cesta, ao pé da tua mesa. Pensa bem no sacrificio, mas haja como quizer.

Desculpa. — *Leon Noel.*"

Ora, caro Leon Noel! O sr. declara que os seus versos se chamam: "Luzes de ouro". E esclarece mais: "Custou-me mais o titulo que mesmo os proprios versos"...

Tem razão. O titulo é um encanto. Os versos são uma dróga. Leiamol-os:

Já o sol os seus raios escondia
E sobre a terra o negro veu tom-
[bava
De estrellas o ceu se engalanava
E a lua de prata apparecia

Assim em noite o dia se fizera
E por ordem de Deus se transfor-
[mara
Que em vez do branco o preto alli
[puzera
E o azul por outra côr trocara

De diamantes as pedras lapidadas
Eram estrellas que no céu brilha-
[vam
No preto onde foram encrustadas
Cadentes e raiando ellas trilhavam

Obra divina que o ceu domina
Tua grandeza eu tinha de louvar
A vista dos mortaes é pequenina
E não te pode inteira divisar

.. ..

Já que os versos são uma dróga, e só o titulo é que se salva — vamos então publicar apenas este ultimo.

Está satisfeito. Então lá vae:

LUZES DE OURO

SA-POTY (Pernambuco) — Caro confrade. Por intermedio do Théo-Filho, recebi um n. do *Jornal do Recife* de 22 de fevereiro de 1934, onde o sr. me deu o prazer de emittir o seu juizo critico sobre o meu livro *Azul e rosa*.

O sr. foi excessivamente benevolo. Concedeu-me palavras demasiado bondosas, julgando-me um poeta de merecimento. Tudo para mim é surprehendente. Tanto mais quanto ahi, na minha terra, — segundo me informam — não é pequeno o numero dos que me atacam e me negam.

No fim da sua chronica, o sr. faz uma observação. E quando nota: "Mando-lhe o meu abraço pela victoria do seu terceiro livro, sem o despeito que poderia ter por não haver recebido um agradecimento siquer pelo exemplar que lhe enviei do meu". — *P. Lopes.*

Eu não lhe assevero si, de facto, escrevi sobre o seu livro *Bahú de Turco*. E' possivel que sim, mas, como disse, não o asseguro. Sem duvida, houve esquecimento de mi-

(Continúa na pag. seguinte)

nha parte. E, como é grande a avalanche de livros que recebo de toda parte, é natural que houvesse confusão.

De resto, aqui no *Fon-Fon* ha uma praxe.

1º — Não damos noticias de livros, e sim uma photo do autor, com uma legenda, mais ou menos desenvolvida, registrando o apparecimento da obra;

2º — A critica literaria está a cargo do nosso Mario Poppe, que a faz na secção competente. O meu papel é julgar a correspondencia destinada ao *Fon-Fon*. Notadamente, a poetica. O que faço, commumente, é agradecer a gentileza da offerta de livros, que me fazem. Mas, isso, sem outra preoccupação ou outro compromisso.

Ora, si nem sequer lhe enviei uma palavra de agradecimento não foi porque o sr. não me merecesse muito, como intellectual que é. E a prova é que, quando os livros que me offerecem, são de todo sem valor, eu não guardo na minha estante... Entende?

Entretanto, o seu, que me foi enviado em 8 de janeiro de 1933, ainda continúa a figurar no meu armario.

E já que cheguei até aqui, quero aproveitar o ensejo para felicitál-o pela sua musa risonha.

O sr. é verdadeiramente um humorista.

Quando se escreve sobre um poeta qualquer, e se deseja louval-o, todo o esforço é orientado no sentido de provar que elle é um grande lyrico, um épico ou um modernista audacioso. Mas, tratando-se de um humorista, nada mais é preciso fazer do que citar os seus proprios versos. Si elle é, de facto, um artista e possue *verve*, — quem melhor o dirá é a sua poesia.

Pois bem. Para convencer as leitoras bonitas do *Saibam todos*... de que o sr. é realmente um poeta que faz rir, basta que lhe publique os dois sonetos que extrahi ao seu *Bahú de Turco*.

Aqui vae:

O TEU AMOR E UMA CABANA

Amar sem ter dinheiro é maluquice.
Quem de outro modo pensa, ó flôr, se engana...
Qual a moça hoje diz a patetice:
—Querido, o teu amor e uma cabana?

O dinheiro é a alavanca soberana
que move o mundo, e si ela se partisse
talvez a humanidade se extinguisse
tal é o horror á pobreza franciscana!

Francamente, é bonito, é muito nobre

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

casar-se um rico com uma moça pobre.
Isso, afinal de contas, se suporta...

Mas um pobre mais pobre do que Job
casar-se c'outra pobre? Mete dó.
—São dois pobres batendo á mesma porta!...

Outro soneto não menos interessante, ao mesmo tempo que envolve uma tremenda satyra aos esculapios, é o que se segue:

SABIA CUMPRIR A OBRIGAÇÃO

Pulquério padecia enormemente
de aguda dôr (lá nele!) no pulmão
e por isso gritava, impertinente,
gritava de partir o coração.

Veio o doutor, emquanto o padecente
berrava na mais trágica aflição:
— Oh! Mate-me, doutor! Sofro atrozmente,
quero morrer como libertação...

O médico sorriu devagarinho,
com um sorriso diabólico, escarninho
e disse-lhe, aplicanado-lhe a injeção:
—Nós estudamos a arte de curar
mas quando chega a vez de "liquidar"
eu sei cumprir a minha obrigação.

E com este esclarecimento, o meu distincto confrade já não terá ensejo de queixar-se da minha indifferença ou ingratidão pelo seu optimo livro.

CYRA (R. G. do Sul) — Muito bem. A carta de uma gaúcha é sempre motivo de contentamento para mim. As gaúchas são creaturas bonitas, intelligentes e leaes. Logo... ao escrever esse *logo*, eu fico sem saber como ir adeante. Que responder a v. ex., que é uma gaúcha sympathica?

Vejamaos a sua carta, D. Cyra.

"Bagé, 1º de Março de 1934. Yves. Desejo-te bôa saude e muita felicidade!

Assidua ledôra do "Fon-Fon", hei lido sempre tuas crônicas e criticas, produtos de tua bela intelligencia. Ha muito eu desejava pedir-te um obsequio, mas receava que não me attendesses... hoje, mais encorajada apelo pro teu bondoso coração.

Sei que és optimo graphólogo, e não teria expressões para agradecer, si me enviasses por intermedio do "Fon-Fon" o estudo da minha calligrafia.

Desculpa-me, sim Yves? Sou uma gurya imprudente, não é?...

Peço-te a honra de ser tamb[em] anotada no rol de tuas amig[ui]nhas; não me conheces, e nem a ti, porêm, te estimo muitissi[mo] e desde que me dês esse doce [no]me de amiguinha, considera[r-me-ei] uma particula de tua amizade [e] vaes realizar esse meu desejo, [não] é?

Antecipadamente grata, offe[re]ço-te esse poema em prosa pa[ra] guardares no cantinho mais hu[mil]de e occulto do teu album de [re]cordações.

Opportunamente enviar-te-hei [mi]nha fotografia, para que me co[nhe]ças.

Mas não te assustes!... De[sde] já te concedo o direito de envi[al-a] ou para o jardim zoologico ou [dal-a] pra um camponês, afim de [ex]pôl-a na lavoura quando apparecer muita caturrita...

Effusivas saudades de

Tua amiguinha — *Cyra.*

"P|S. Envio-te esse acrostic[o e] esses... "retalhos..." para pu[bli]cares no "Fon-Fon", se achares [que] merecem publicidade, *A mesma*"

Como vê, tudo falhou até e[m] materia de letras. Quer dizer, [co]mo literata, v. ex. não honrou [a] intelligencia do sul. Isto é, [não] deu uma escriptora como era [de] esperar: — falhou.

Agora, como mulher (ou g[u]gya?) é possivel que seja uma [gra]cinha... E, nestes casos, esp[ero] a sua photographia para melh[or] julgal-a. Como me escreve á [ma]china, (é dactylographa de al[gu]ma companhia, empreza, repar[ti]ção publica?) e me pede um est[udo] da sua letra, direi que v. ex. de[ve] ter o caracter de uma *Remingt[on]* ou de uma *Underwood*... A int[el]ligencia deve tambem estar [no] mesmo caso... E' uma intellig[en]cia mechanica... Vibrará de ac[cor]do com a agilidade dos dedos [de] um, ou de uma dactylographa.

Parabens, D. Cyra!

A. L. B. (Estado do Rio) — A sua correspondencia errou [a] porta. Ella devia ser endereç[ada] para a rua da Candelaria... [ou] para o Batalhão Naval... *A b[on] entendeur*... Sim, porque não [gos]to de beijos, senão femininos.

Repito: o sr. errou a porta. Por que não endereçou a sua m[is]siva a um fuzileiro naval?

Vejamos o que me escreve o s[r.]:

"Niterói, 9 de de Março de 19[34]. Caro amigo Yves. Saudações. [To]mo a liberdade de escrever-te [o] presente, remetendo junto a m[es]ma, umas quadras, que o meu [...] são poesias.

Peço que as julgue com cam[ara]dagem, pois ainda sou um prin[ci]piante.

(*Cont, na pag. seguinte*)

Faço as poesias quando acabo de conversar com a minha amada.

Sem mais, recebe um beijo na testa, que te envia o amigo."

Agora, os versos:

SONHOS DE AMOR

Sentado agora em meu desterro
E pensando em ti, oh! minha'
[amada,
Reparo na minha vida amargurada
E que tambem amar-te ainda é o
[meu erro.

Amei-te, amei-te loucamente,
Mas a tua ingratidão, a tua infide-
[lidade
Fez desaparecer por compléto a
[minha felicidade
E implantou no meu pobre coração
[esta dor cruente.

Juras amor, falas em paixão,
Mas isso tudo é puro fingimento,
Por isso já caiste no meu esqueci-
[mento
E quasi desapareceste do meu co-
[ração.

Vê-se bem que o sr. quiz fazer blague. Quiz fazer graça... Mas, ainda assim, o sr. nada conseguiu... Nem mesmo para fazer palhaçadas o sr. está treinado...

Em todo caso, o seu destino, poeta, é — ou circo ou o batalhão da Ilha das Cobras...

A. N. (Capital) — Eis a carta que o sr. me dirige:

"Exmo. Sr. Dr. Bastos Portela! Eis-me nóvameante em presença de V. Exa.

Passou o Carnaval. Agóra é a realidade. Já não nos é dado ser aquilo que queremos. Devemos retomar o papél que a Vida nos confiou.

V. Exa. vólta á sua catedra de critico. Tórna aos momentos cruciantes que a "inspiração nacional" lhe proporciona. Vólve aos minutos de ironia diante cartinhas de "consulentes de 15 anos" .. E reentra na sua faina de poéta incansavel.

Eu retómo tambem a minha pena sem brilho. E com ela continuo o enfrentar a Sórte. Talvez ela um dia se lembre de mim... Ataco-a para chamar-lhe a atenção. !. Assim como aquele arabe que virava cambalhótas para se fazer notado do sultão...

E, por falar em sultão, viu V. Exa. as palavras de Nelson Firmo acerca de personalidade de Medeiros de Albuquerque?

Eu, francamente, não as consegui compreender. Com aquilo tudo, que quererá dizer o autor? Ele termina recomendando com elogios a "Minha Vida"...

A não ser que o caso seja como o de uma loura caprichósa que me disse:

"Eu sou paradoxal para me tornar interessante..."

E aqui termino, com o pedido de publicação para os trabalhos inclusos e a expressão de meu sincéro agradecimento. Seu cr. atoobr. — *A. N.*"

Meu caro collega, não sei a que allude, quando se refere á pessôa do sr. Nelson Firmo. Nem sei tambem que livro é esse — *Minha Vida* — de Medeiros e Albuquerque.

Ultimamente, só leio obras nacionaes, de literatura, quando estas me são enviadas pelo autor ou pelos seus editores.

Quanto ao resto, creio que o sr. deve estar contente, não?

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 24-3-934

Data da consulta..........
Nome da consulente..........
....

A carruagem parou em frente de uma casa. Sherlock Holmes entrou nella como um pé de vento e tornou a sahir logo acompanhado de uma mulher toda coberta de um espesso véo.

Esta tomou assento na carruagem e o policia deu ordem ao cocheiro para seguir para Kensington-road a todo o galope, com a promessa de uma gorgeta.

O cocheiro partiu como se fizesse tenção de atropelar dez pessoas.

— Com esta pressa ainda chego lá antes delle, disse comsigo o policia, esfregando as mãos.

A carruagem parou em Kensington-road, e Sherlock Holmes entrou na casa bancaria Titchburu com a dama do véo.

Flora veiu-lhes ao encontro.

— O patife está cá? perguntou logo o policia.

— Não.

— Tanto melhor. Conduza-me o mais breve possivel ao quarto delle.

Chegado ali, Sherlock Holmes escondeu-se assim como a dama velada, atraz de um reposteiro verde que interceptava uma parte do aposento.

Mediaram alguns instantes. Abriu-se a porta bruscamente e como uma rajada entrou o homem que julgavam ser Arthur Titchburu.

Estava pallido como a morte. Sem perda de um momento, precipitou-se para a secretaria, abriu o cofre e com ambas as mãos tirou de lá notas de banco e dinheiro em ouro.

— E' preciso fugir o mais depressa possivel, disse por entre os dentes. Estou sendo seguido, com certeza, mas quero tirar algum proveito desta aventura. Vejamos, aqui estão cinco mil libras que tive a boa inspiração de pôr de parte. Esta noite mesmo saiu de Londres!

Nisto sentiu uma mão no hombro... Voltou-se soltando uma praga.

Estava em frente de Sherlock Holmes.

— Em nome da rainha, está preso!... gritou o policia. Perdeu a partida Patrick Scott. Está-me nas mãos!... Está-me nas mãos.

— Atrevido! replicou o criminoso. Você ousa prender-me, a mim, o banqueiro Arthur Titchburu?

— O verdadeiro Titchburu está na hospedaria dos Emigrantes; soffre as consequencias de uma tentativa de assassinato que commetteste contra elle, respondeu Holmes. Não mintas, tu és Patrick Scott.

— O senhor está doido varrido, rugiu o miserav...

Sherlock Holmes afastou o reposteiro e mostro... uma mulher miseravelmente vestida. Devia ter ... bella... Era de feições regulares, de estatura ... e perfeita mas tinha no rosto visiveis signaes ... mais vergonhosos vicios, dos mais terriveis mal...

Ao vel-a o falso banqueiro recuou horrorizado.

— Conheces esta mulher? gritou Sherlock Holm... Do fundo do antro onde a abandonaste, veio ... para te desmascarar!

— Betsy! exclamou, empallidecendo terrivelmen...

— Ah!... reconheces-me agora, Patrick Scott? ... seravel que fizeste isto de mim, isto que sou, u... rameira; que me atiraste para a rua para te arran... dinheiro e que um bello dia me abandonaste na ... tuação em que vivo!

"Mas tenho fé em Deus que me ha de vingar!

— E tambem na justiça dos homens, respond... Sherlock Holmes com vaz grave. E' hoje, Patri... Scott que tens de prestar tuas contas.

"Roubastes oitocentas libras ao carniceiro Mu... bery.

"Tentaste assassinar Arthur Titchburu. Depois ... voltares a Londres, usurpaste-lhe a sua fortuna, a s... posição e o seu posto na casa de seus paes.

"Emfim, para cumulo das tuas infamias, quize... dar cabo deste desgraçado, salvo milagrosamente ... morte.

"Patrick Scott, carniceiro ,entrego-te á justiça d... homens, aguardando a de Deus.

E lançou-lhe aos pulsos as algemas.

O falso Arthur Titchburu foi condemnado a ... annos de prisão.

O verdadeiro filho do banqueiro recuperou a sa... na casa que fôra de seu pae, graças aos desvelos ... sua irmã e de Nelly com quem casou.

A pobre Mrs. Mulbery, que fôra indignamente ro... bada pelo miseravel Patrick, recebeu da familia Ti... chburu não só as oitocentas libras que perdera m... tambem uma boa gratificação.

Quanto a Sherlock Holmes recebeu uma recompe... sa real.

Além disso tornou-se amigo inseparavel de Titc... buru e de todos os seus. Pois não fora elle o salvad... da honra da casa?

Ainda mais, não foi elle quem tornou quatro pe... soas felizes? Arthur, Nelly, Luiz Burgueil e Flor...

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

A LENDA DO CÃO PHANTASMA

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso

THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136
Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir Internacional de Publicité Garçon & Levindrey Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

COMO O LINO ACABOU COM UM SACRIFICIO

As laminas Gillette dão melhor apparencia e fazem do barbear um PRAZER DIARIO

Si o senhor procura uma desculpa para deixar de fazer a sua barba diaria, é signal certo de que não se barbeia a contento. Pois experimente as laminas GILLETTE! São fabricadas com aço especial, que lhes permitte ter um fio muito mais agudo e ser mais duraveis que quaesquer outras. Esse é o motivo porque fazer a barba com as GILLETTE é mais barato, embora o seu preço de venda seja um pouco mais alto que o das imitações. Comprar as legitimas GILLETTE é fazer economia real.

Gillette

GILLETTE SAFETY RAZOR CO. OF BRAZIL
Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro

8-8

O CONTO BRASILEIRO

RA costume da garotada da rua das Palmeiras ir á casa do velho Pedro, e pedir-lhe que contasse historias. E, só por so, lhe queriam muito bem.

Naquella tarde, quando o sol gonizava por traz da Serra do Mar, ensanguentando o lençol de nuvem que o envolvia, o Zamith, o Djalma, o Armando e utros surgiram, álacres, á porta da minha casa.

— Vamos á casa do "seu" Pedro! — disseram elles, quasi m unisono.

— Olé, pessoal! — concordei, o mesmo passo que me acercara do grupo.

— Então toca a andar! — dvertiu um garoto loiro, com res de conductor de homens...

Dali a pouco nos achavamos ntados no chão, defronte do elho Pedro, escutando com moção as coisas que elle nos izia.

Lembro-me muito bem que essa noite o garoto loiro e magro, de olhar penetrante e testa oleada, observando através da anella aberta a lua cheia que luctuava no azul, fez esta pergunta o velho amigo da garotada da rua das Palmeiras:

— "Seu" Pedro, por que é que a lua tem manchas?

Todos se riram gostosamente e até houve um arremedo de assuada, provocado pela pergunta ingenua do magricella, que, desapontado, baixou o olhar.

Mas, "seu" Pedro, sempre bondoso, acudiu em soccorro do menino, dizendo:

— Não se riam, meus amigos. Nada ha que não tenha a sua origem, a sua historia. A proposito, vou contar-lhes porque é que a lua tem a cara manchada.

Movimento geral de attenção! Cada qual quer ficar mais proximo do "seu" Pedro. O velho cruza as pernas, passa as mãos pela alva cabelleira, e começa:

De
CARLOS RAMOS

* *

— Qundo Jeovah fez o mundo, não pensem vocês que levou muito tempo. Apenas seis dias gastou o Creador para dar ao mundo o que nelle existe.

No primeiro dia fez a lua. No segundo, fez o firmamento, a que chamou céo. No terceiro, creou as plantas, as arvores e os mares. No quarto, o sol, a lua e as estrellas. No quinto, as aves e os peixes. No sexto, fez todos os animaes e, finalmente, o homem, que coroou a obra sem par.

— Isso mesmo eu li já na Historia Sagrada — arriscou o Zamith.

— Psiu! — fizeram os demais, ansiosos por que "seu" Pedro proseguisse.

— Vendo Jeovah que Adão — o primeiro homem — não se conformava em viver a sós com os bichos, penalizou-se delle e deu-lhe Eva por companheira, advertindo-os, antes, que fugissem de incidir no peccado. Adão, cordato como provam ser os seus descendentes masculinos, dispuzéra-se a seguir á risca as determinações superiores. O mesmo, entretanto, não aconteceu com Eva, que logo appareceu com todos os requintes de galanteria que até hoje são o apanagio de suas graciosasa filhas. Adão, recostado a uma arvore, quedou-se a admirar a paizagem maravilhosa que se descortinava deante dos seus olhos. Eva contemplou-o com ternura e esperou que della se acercasse... Mas qual! Adão não ligava mesmo... Foi então que á formosa mulher occorreu uma idéa.. Instinctivamente, colheu uma rubra e succulenta maçã, e, num gesto langue, offertou-a ao companheiro...

"Adão empertigou-se e sorriu. Eva occultou o lindo rosto na farta cabelleira, numa expressão pura de feminilidade. O primeiro varão sobre a terra, num assomo de irreprimivel enthusiasmo, correu para a companheira ,tomou-a nos braços, e o mundo conheceu o primeiro beijo...

"Quando Jeovah volveu a contemplar a sua portentosa obra, comprehendeu, com tristeza, que fôra desobedecido. Zangou-se e condemnou-os ambos á pena de trabalho rude e soffrimentos atrozes. Emquanto isto se passava, a lua, branca e sentimental, escondida por traz de uma cortina de nuvens ralas, no céo, trocava amabilidades com o sol... Jeovah, de um relance, tudo percebeu. A lua, indiscretamente, observára a scena do Eden e, sem perda de tempo, imitára a primeira mulher, lançando ao sol a sua rêde de seducções. Jeovah olhou para o alto, brandiu o sceptro que sustinha na dextra, e disse, com voz retumbante:

"— De hoje por deante, ambos terão as faces maculadas pela ignominia e pela vergonha! E não é tudo: nunca mais se encontrarão, por isso que o sol será visivel de dia, e a lua de noite!"

— Eis como o sol e a lua, tal como Adão e Eva, tambem soffreram o castigo da desobediencia...

NA CASA DE JACINTHO

DESENROLOU ainda outras enormidades, com um riso claro nos olhos claros. Mas eu não attendia o gentil pedante, colhido por outro cuidado — reparando que em torno, subitamente, todo o serviço estacara como no conto do Palacio Petrificado. E o prato agora devido era o peixe famoso da Dalmacia, o peixe de S. Alteza, o peixe inspirador da festa! Jacintho, nervoso, esmagava entre os dedos uma flôr. E todos os escudeiros sumidos!

Felizmente o Gran-Duque contava a historia duma caçada, nas coutadas de Servan, em que uma senhora, mulher de um banqueiro, saltara bruscamente d[...] cav[...] num descampado, sem arvo[...] Elle e todos os caçadores para[...] — e a galante senhora, l[...]vida, e[...] a amazona arregaçada, corre p[...] traz duma pedra... Mas n[...] soubemos em que s[...] occ[...]va a bánqueira, nesse descam[...]do, agachada atraz da pedra, porque justamente o mordomo [...]pareceu, reluzente de suor, e [...]buciou uma confidencia a Jacin[...] que mordeu o beiço, trespass[...] O Gran-Duque emmudecera. To[...] se entreolhavam, numa ansied[...] alegre. Então o meu principe, [...] paciencia, com heroicidade, [...]çando pallidamente o sorriso:

— Meus amigos, ha uma [...] graça...

Dornan pulou na cadeira:

— Fogo?

Não, não era fogo. Fóra o [...]vador dos pratos, que inesper[...]mente, ao subir o peixe de S. [...]teza, se desarranjara e não se [...]via, encalhado!

O Gran-Duque arremessou [...] guardanapo. Toda a sua poli[...] estalava como um esmalte [...]posto:

— Essa é forte!... Pois um p[...]xe que me deu tanto trabalho! [...]ra que estamos nós aqui então [...]cear? Que estupidez! E por que não trouxeram á mão, simplesm[...]te? Encalhado... Quero vêr! O[...] é a copa?

E, furiosamente, investiu para [...] copa, conduzido pelo mordomo q[...] tropeçava, vergava os hombros [...]te esta esmagadora colera de pri[...]cipe. Jacintho seguiu, como u[...] sombra, levado na rajada de S. A[...]teza. E eu não me contive, tamb[...] me atirei para a copa, a conte[...]plar o desastre, emquanto Dorna[...] batendo na côxa, clamava que [...] ceiasse sem peixe!

O Gran-Duque lá estava, debr[...]çado sobre o escuro pôço do ele[...]dor, onde mergulhara uma ve[...] que lhe avermelhava mais a fa[...] esbraseada. Espreitei, por sobre [...] seu hombro real. Em baixo, n[...] treva, sobre uma larga prancha, [...] peixe precioso alvejava, deitado [...] travessa, ainda fumegante entr[...] rodelas de limão. Jacintho branc[...] como a gravata, torturava desesp[...]radamente a mola complicada [...] ascensor. Depois foi o Gran-Duq[...] que, com os pulsos cabelludos, a[...]rou um empuxão tremendo aos [...]bos em que elle rolava. [...]baldo O apparelho enrijara numa [...] de bronze eterno.

Sêdas roçaram á entrada da [...]pa. Era Madame d'Oriol, [...] atra[...] Madame Verghane, com os [...] faiscar, na curiosidade [...] lance em que o principe [...] tanta paixão. Marizac, no[...] [...]mo, surgiu tambem, risonho, p[...]pondo uma descida ao pêre [...] escadas. Depois foi o Psy[...]

De Eça de Queiroz

que se abeirou, psychologou, attribuindo intenções sagazes ao peixe que assim se recusava. E a cada um o Gran-Duque, escarlate, mostrava com dedo tragico, no fundo da cova, o seu peixe! Todos afundavam a face, murmuravam "lá está"! Todelle, na sua precipitação, quasi se despenhou. O periquito [illegible] de Caiygay batia as azas, grunindo: — "Que cheiro elle deita, que delicia!" Na copa atulhada os decotes das senhoras roçavam a farda dos lacaios. O velho caiado de pó de arroz metteu o pé num balde de gelo, com um berro ferino. E o Historiador dos Duques d'Anjou movia por cima de todos o seu nariz bicudo e triste. De repente, Todelle teve uma idéia!

— E' muito simples... E' pescar o peixe! O Gran-Duque bateu na côxa uma palmada triumphal. Está claro! Pescar o peixe! E no gozo daquella facecia, tão rara e tão nova, toda a sua colera se sumira, de novo se tornara o principe amavel, de magnifica polidez, desejando que as senhoras se sentassem para assistir á pesca miraculosa! Elle mesmo seria o pescador! Nem se necessitava, para a divertida façanha, mais que uma bengala, uma guia e um gancho. Immediatamente Madame d'Orioi, excitada, offereceu um dos seus ganchos. Apinhados em volta della, sentindo o seu perfume, o calor da sua pelle, todos exaltamos a amoravel dedicação. E o Psychologo proclamou que nunca se pescara com tão divino anzol!

Quando dois escudeiros estonteados voltaram, trazendo uma bengala e um cordel, já o Gran-Duque, radiante, vergara o gancho em anzol. Jacintho, com uma paciencia lucida, erguia uma lampada sobre a escuridão do pôço fundo. E os senhores mais graves, o Historiador, o director do *Boulevard*, o conde de Tréves, o homem de cabeça á Van-Dyck, sorriam, amontoados á porta, num interesse reverente pela fantasia de S. Alteza. Madame de Tréves, essa examinava serenamente, com a sua nobre luneta, a installação da copa. Só Dornan não se erguera da mesa, com os punhos cerrados sobre a toalha, o gordo pescoço encovado, no tedio sombrio de fera a quem arrancaram a posta.

No emtanto S. Alteza pescava com fervor! Mas debalde! O gancho, pouco agudo, sem presa, bamboleando na extremidade da guita frouxa, não fisgava.

— Oh Jacintho, erga essa luz! — gritava elle, inchado e suado. — Mais!... Agora! Agora! E' na guelra! Só na guelra é que o gancho o pode prender. Agora... Qual! Que diabo! Não vae!

Tirou a face do pôço, resfolgando e affrontado. Não era possivel! Só carpinteiros, com alavancas!... E todos, anciosamente, bradámos que se abandonasse o peixe!

O Principe, risonho, sacudindo as mãos, concordava que por fim "fôra mais divertido pescal-o do que comel-o". E o elegante bando refluiu sôfregamente para a mesa, ao som duma valsa de Strauss, que os Tziganes arremessaram em arcadas de languido ardor. Só Madame de Tréves se demorou ainda, retendo o meu pobre Jacintho, para lhe assegurar quanto admirava o arranjo da sua copa... Oh perfeita! Que comprehensão da vida, que fina intelligencia do conforto!

(Trecho de "A cidade e as serras")

MODERNISMO ?... DE

— ORA bolas! Isso é demais! Não acredito.

— Não acredita? Paciencia...

— Mas você quer mesmo fazer crêr que u'a mulher tenha pedido um homem em casamento? Isso é possivel?

— Possivel ou impossivel, a verdade é essa. E depois não se póde estranhar. Estamos no século do modernismo, meu caro. Modernismo, ultra-civilisação, machina e... tudo.

Amigos de longa data separados pelo destino encontraram-se pelo mesmo destino. E Carlos, que andára por plagas longinquas, trazendo ainda nos olhos o brilho estranho das paragens outras, ousára a affirmação que escandalizava o amigo.

Lauro, vivendo na metropole, no meio que se julga ultra-moderno, nesta terra das coisas incriveis, não esperava pela novidade atrevida. U'a mulher pedir um homem em casamento! Inversão dos papeis! Isso era demais!

Caminhando pelo Flamengo das tardes mansas, sem pressa, elles deixavam morrer a conversa.

Minutos depois, Carlos, que parecia meditar, num esforço maior, despercebido ao amigo, voltára a fallar:

— E' uma grande verdade. Foi lá no Sul. Ella era morena. Morena e nada mais. Você pense numa figura flexivel de mulher, vestindo um espirito culto alliado a uma fina sensibilidade. Ella era assim. Irradiava tantas coisas bôas, que a gente ficava ás vezes a pensar na difficuldade de se conseguir um todo assim perfeito, harmonioso. Positivamente, era um exemplar raro. E a rapaziada toda vivia a cortejar aquella moreninha do Sul, embora nas rodas dos cafés fallassem mal della. Pudéra! Ella passava altiva e fina, indifferente aos olhares cubiçosos da legião masculina. Pelo menos apparentava indifferença...

— E eu — continuára Carlos, não podendo mais occultar a sua parte na historia — tambem criára aquella mania: observar a mulher bonita; analysar

todos ... tos. U... sámos ... Ella ... tarde ... me a ... a sor... E, co... Mas, ... em c... quest... dahi. ... viver... estaç... enco... riso ...

NOTAS E

HOJE, são os estrangeiros que estudam e estimam a nossa antiga literatura: nós, não. A crescente e hoje quasi total desnacionalização do espirito publico é o facto mais consideravel da nossa psychologia collectiva, nos ultimos 50 annos. Os da actual geração pode-se dizer que, pelo pensar, pelo sentir, deixaram já de ser portuguezes. Ha por ahi muito rapaz intelligente e, a seu modo, instruido, que conhece mais ou menos Moliére, Racine, Voltaire e até Rabelais e Ronsard, e que nunca leu um auto de Gil Vicente, uma canção de Camões, uma egloga de Bernardim Ribeiro ou de Bernardes, uma carta de Ferreira ou de Sá de Miranda.

Os que conhecem um pouco intimamente a historia das revoluções portuguezas neste seculo (não falo só das politicas) e têm reflectido sobre ella, acharão facilmente a explicação deste facto, e, mais do que a

DE A. BELTRAM SOUSA

todos os seus contornos, acompanhar todos os seus gestos. Um dia, fui-lhe apresentado numa festa. Conversámos. Fallamos do Rio, de São Paulo, do Brasil... Ella mostrou-se interessada pela minha palestra e na tarde seguinte, cruzando no jardim principal, convidou-me a circular. Esse facto se repetiu. Fui alvo de toda a sorte de descomposturas da parte dos despeitados. E, confesso, sentia-me orgulhoso daquella companhia. Mas, você me conhece, e garanto-lhe que não mudei em coisa alguma: sou apenas para o exterior nessa questão de mulher. Gosto de impressionar, sem passar dahi. E assim, sem comprehender aquella mulher, fui vivendo dias inesqueciveis. Uma tarde, retornando da estação ferroviaria, aonde acompanhára um conhecido, encontrei-a em minha casa. Minha tia, com um sorriso differente disse-me:

"— Olha, Carlos, a Luizinha veiu contar que quer casar com você. Ella até disse que veiu pedil-o em casamento.

"Fiquei com uma cara de quem viu assombração em noite escura. Olhei para Luizinha e ella, com naturalidade:

"— Eu gosto de você. Sei que você me admira. Você é differente desses inúteis que perambulam por ahi... Você chega até a ser timido. E por isso...

"Nem sei explicar o trabalho que tive para dar o fóra. Acredite no emtanto, que foi difficilimo. E essa é a verdade: fui pedido em casamento, concluiu Carlos".

Lauro não interrompêra a historia do amigo. Parando para dar maior valor á phrase, deixou cahir, pesadamente, este conceito antigo: — as mulheres são mysteriosas como a propria noite escura. Quem conhecerá o fundo de uma alma de mulher? Nem a sua propria dona. As mulheres...

Agil, fina, nervosa, u'a mulher cruzára com os dois amigos. Um perfume subtil, enternecedor...

IMPRESSÕES

explicação, a necessidade delle. Mas nem por isso deixa de ser coisa triste de considerar este abysmo de esquecimento, que se abre cada vez mais largo entre o pallido, anemico e inexpressivo Portugal de hoje e aquelle seu grande ascendente, o heroico, pittoresco e inspirado seculo XVI. A falta de sentimento nacional poderia, até certo ponto (no que diz respeito ao estudo da nossa antiga literatura) ser supprida pelo sentimento historico, pela curiosidade critica e *philologica*, como dizem os allemães: mas a decadencia dos estudos historicos tem vindo acompanhando *pari passu* a decadencia do sentimento nacional, sem que um ponto de vista mais largo, puramente scientifico, viesse, como em França, por exemplo, substituil-o efficazmente, para compensar aquella falta, pelo menos na esphera da intelligencia e do gosto.

ANTHERO DO QUENTAL

UM GRITO D'ALMA

"A descoberta que eu fiz...

Ella é desconcertante. Imprevista. Terrivel...

E' que...

Eu estou louco!

Completamente louco!

Doido varrido!

Na minha pobre cabeça as idéas não mais se coordenam... Misturam-se... Baralham-se... E' um cáos tremendo!

Vejo passar ante os olhos de minha imaginação de louco as coisas mais desencontradas... Estapafurdias...

José...

Aubert...

Tótó...

Néli...

Amor...

Odio...

Nomes de pessôas... Nomes de animaes... Sentimentos... Tudo numa promiscuidade perturbadora!

Aubert!

Quem é Aubert?

Não sei!

Jamais conheci alguem com esse nome.

Porém, elle me occorre agora. E eu o escrevo: *Aubert*...

Coisas de louco!

Convencido da minha loucura, eu quero entrar para um manicomio.

Mas, não comsigo!

Por mais que eu affirme estar doido, os outros se riem de mim.

Chegam até a chamar-me de engraçado...

Que horror!

Sou louco e não posso viver entre os meus irmãos de sorte. Entre os unicos que me comprehendem.

Quero abandonar esta sociedade asquerosa que me rodeia. E não mo permittem.

Já por duas vezes tomei veneno. E por duas vezes um maldito medico não me deixou alcançar o que queria.

Agora minha pena está correndo sobre este papel...

Por que?

Para que?

Não sei.

Não posso saber!

Deixo-a deslizar, vasando nestas linhas impassiveis o fél que me enche a alma.

Uma alma que óra grita estrangulada pelos preconceitos duma moral vil e peçonhenta.

Ella!

Aquelles labios sangrentos...

Aquelle corpinho mimoso...

Ella chama-se...

Não. Ella não tem nome. Ella é ella. E seria minha si não fosse o mundo!

Foi ella que me fez enlouquecer. Mas, ella propria não crê na minha loucura!...

E eu que desejava acreditasse ella no meu desequilibrio mental.

Por que?

Para que?

De novo essas duas perguntas. E, mais uma vez, eu só posso responder: Não sei!

E não sei porque o meu cerebro é de louco.

Mas, ainda conseguirei fazer o mundo crêr na minha loucura.

Cometterei disparates... Perpetrarei crimes...

Quem faz os criminosos senão a sociedade?"

* * *

Era isso que estava escripto no papel que eu achei no bolso da suicida que matára a menina loira...

AFFONSO NETTO

JARDIM DE ATHENAS

HA livros novos e bem encadernados que são lidos apenas uma vez e isso mesmo sem despertar nenhum enthusiasmo, nenhuma vibração. Livros frios e inuteis. Têm apenas desenhos bonitos pelas capas. Livros feitos para as vitrines..

Outros ha, porém, carcomidos e velhos, que valem um mundo de solidas meditações. São thesouros preciosos que os amigos das bôas leituras guardam para sempre com carinho.

No silencio claustral de bibliothecas vetustas, longe da vida moderna trepidante e aspera, é um gozo para o espirito se viver em dialogo com esses companheiros profundos, sabios e serenos.

Livros velhos... Pensamentos dos poetas que morreram.

Conversar com os vivos é, por vezes, tão banal e tão prosaico...

* * *

Os athenienses comparavam os falsos amigos com as andorinhas, que cantam quando o tempo é lindo povoando as almas de sonhos, e que se afastam e fogem quando o inverno vem chegando com o seu cortejo de sombras. E é verdade. Os amigos são mesmo assim...

"Feliz aquelle que póde na vida encontrar um amigo", dizia o grande poeta comico Menandro. "Aquelle que cessa de ser amigo, jamais o foi". Tal proverbio é da autoria do philosopho Aristoteles.

Aristoteles disse ainda: "um amigo é uma alma que vive em dois corpos".

* * *

Até a presente data, o melhor amigo que encontrei na vida foi um livro de capa amarella, comprado no *cébo*.

Ha uns caracteres gregos, roidos de traça, que somente eu entendo.

Anckhou kai apekhou... Bella maxima! E' esta a melhor philosophia da vida...

* * *

O erudito La Bruyére, nos seus *Caractères*, faz uma critica aos adeptos do estoicismo, dizendo: *ni la goutte la plus doulourense ni la colique la plus aigue ne sauroient lui arracher une plainte.*

O escriptor francez foi muito acerbo na sua critica. Não foi justo.

O estoicismo é — em que pese La Bruyére — uma linda doutrina philosophia. Negar o estoicismo, equivale negar ao homem a posse de um acervo fabuloso de virtudes. Epitecto é um symbolo.

* * *

Todos os dias, encontro, neste meu "Jardim de Athenas", um motivo de suave contentamento.

E' aqui que vou fazendo os meus commentarios á margem dos livros e a respeito dos homens e das coisas.

Sentindo o perfume das flores do "Jardim de Athenas", vou perdendo a noção do espaço e do tempo, na ansia de viver um pouco para a Arte.

PAULO FREITAS

PRIMEIRA DESILLUSÃO

"PAULO: o nosso amôr é impossivel. Adeus!"

E assim terminava a carta.

Lucia depôz o papel sobre a mesinha que a luz coada de um *abat-jour* violeta illuminava.

Joven de 18 annos, entrára na vida cheia desse ingenuo optimismo que constitúe a alegria de viver.

Bem cêdo, porém, uma desillusão veiu arrebatar-lhe desse paiz de sonho em que vivia.

Desillusão — palavra vã, apenas convenção.

O que para uns não passa de uma simples aventura, para outros representa ruina completa da vida.

Emfim, tudo na vida é convencional...

Lucia era dessas creaturas sensiveis, para quem o amôr exerce papel preponderante na existencia. Por isso, ao terminar a carta, sentiu um vazio completo no coração; vazio na vida não, porque sempre soubéra preencher todas as horas, pois já era musicista e fazia versos...

Conheceu Paulo numa festa. Entre um *fox* gritante, o som dolente de um tango argentino e trocas de amabilidades nasceu uma profunda sympathia.

Não uma sympathia banal, mas no sentido perfeito da palavra. E como o amôr é soffrimento, essa sympathia era quasi amôr.

O acaso os aproximou uma tarde, á beira-mar.

A noite vinha cahindo e as estrellas começavam a surgir no firmamento e surgiu tambem nos labios de Paulo a confissão de amôr.

Dias depois, um encontro e juras eternas seladas por duas bôccas que se uniram.

Beijo — representação sublime de duas almas que se querem.

Para alguns... passa tempo agradavel.

Talvez Paulo pensasse deste modo. Mais tarde, um convite para um cinema, a recusa... Mas a insistencia, unida ao sentimento que dia a dia tomava guarida nesse coração feminino, fez com que o "sim" fôsse proferido.

Tanta felicidade não havia de durar muito...

Bem disse Olegario Mariano:

—*A felicidade consiste apenas n[...]
[des]
Louco, que a gente tem de s[er]
[feliz...]*

No meio do film, uma divergencia de opiniões fez com que Paulo, genioso e impulsivo, exteriorizasse de uma maneira um pouco impensada seu aborrecimento.

Depois, o arrependimento e o perdão de Lucia.

Mas, se perdoou, não esqueceu. Essa alma, sensivel e sonhadora, se perdoou a Paulo, não esqueceu as palavras que tão profundamente vieram ensinar-lhe a realidade da vida...

E, depois disso, uns dois encontros mais levaram Lucia á certeza de que o amôr, "este sentimento que constitúia a razão de ser de sua existencia", não era para ella senão um meio de distracção.

E, assim, desilludida e conformada, resolveu enviar aquella missiva, que marcaria um ponto, talvez de interrogação, a essa desillusão que tão cêdo já se mostrara tão cruel.

MARIÓCHA

Não Sofra

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

Use Regulador Gesteira

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo

a usar Regulador Gesteira

O decifrador da alma da mulher do samba...

("Copyright" da Empreza de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista. — Expresso para FON-FON, por João de Minas).

ELLE é um sábio feminino, quer dizer, um sábio que se atracou com os segredos e abysmos da alma da mulher, estudou-os, esmiuçou-os, e hoje se considera um perito na materia. Esse homem é balzaqueano, conhece a alma feminina, sabe-lhe toda a capacidade diabolica, ou divina, como quizerem.

Por isso, eu chamo esse mestre de mestre feminino, isto é, mestre em psychologia mulherenga.

Hans — é o acatado nome delle — é allemão. Esteve na Grande Guerra, matou muita gente, e, por ter assim tão largamente assassinado o seu semelhante, ganhou uma porção de medalhas e cruzes. Veiu para o Brasil, de terceira, e nesta vertiginosa Paulicéa retomou de novo os seus maravilhosos estudos, esgaravatando com pinças de uma ladinice subtil a alma da doce mulher paulista.

Vae para um anno, uma noite de garôa, no Braz, dei com o profundo psychologo feminino num *bar* napolitano. Era bem tarde, e havia um par de caixeiras não menos napolitanas, gordas e bôas, capazes de vender fiado, sinão um prato de *macaroni*, ao menos um pouco de coração cosmopolita.

Hans bebia os *chopps* do estylo, magro, sêcco, aéreo, arripiado como todo philosopho, possuido da experiencia dos seus estudos mulherís especializados e da compostura dos seus quarenta annos celibatarios.

Por essa occasião, o meu amigo me contou que estava fazendo o seu livro unico, primeiro, ultimo e completo sobre a mulher. E não era a mulher universal, a mulher apenas. Era a mulher morena, a mulher do carnaval, a perigosissima mulher que samba. Emfim, a... mulher bra-si-le-i-ra!

— Porque a mulher brasileira é que é mulher. Ah, ainda não encontrei nada como a mulher brasileira, principalmente as morenas, as de olhos meio parados, assim em cima da gente...

— Estupendo!

— Acontece, porém, que quero fazer um livro vivo, sentido na hora, como uma esculptura da verdade immediata... Sim, quero fazer o livro de accôrdo com um modelo, e para isso estou estudando anatomicamente a alma morena de uma pequena, minha vizinha, lá perto da pensão...

Hontem, encontrei o sabio. Elle estava uma ruina. Parecia um louco. E disse-me, fazendo caretas furiosas, cheirando a vasta cachaça:

— Vou dynamitar o Viaducto do Chá. Tenho a carga de dynamite aqui no bolso... Apaixonei-me pelo meu modelo literario, a minha vizinha de pensão, de que te falei. Ella trahiu-me, com um jogador de *football*, um analphabeto em materia de alma feminina... Vê que mulher ordinaria! Agora, quando ella passar de manhã no Viaducto, eu dynamitarei o Viaducto...

— E seu livro sobre a alma da mulher, decifrando-a?...

— E' esse o meu livro. E' esse o meu formidavel livro...

E o sabio feminino deu uma gargalhada de louco, segurando a carga de dynamite... com que ia decifrar a alma da mulher do samba, da mulher brasileira...

JOÃO DE MINAS

saibam todos...

LEON NOEL (S. Paulo) — Upa! Lá vem um poeta das Arabias... Arreda, gente! Deixa o rapazêlho passar com a sua versalhada... Elle vae directamente para... Não digam que é a *cesta*... Elle vae para a gloria, num bonde qualquer da Jardim Botanico... Mas é possivel que não passe do Largo da Lapa...

— Vamos ouvir as suas razões. E isso gravemente, sem ar de riso. La vae:

"São Paulo, 14 de Março de 1934. Meu caro **Yves**. Chegou a minha vez de dar as mãos á palmatoria. Aqui estão as minhas rimas. Chamam-se "Luzes de Ouro". Custeu-me mais o titulo que mesmo os proprios versos. Submeto-me á sua apreciação.

Se não fosse tu quem és, jamais terias o desprazer de conhecer-me, embora em "espirito" somente. Mas a tua acolhida é convidativa, e aqui estou eu. E' o que ganhas em seres complacente com os novatos. Passas a vida a ser caceteado pelos rapazolas romanticos, cujo temperamento sanguineo, impede-os de guardar para si só, as inspirações que têm, e força-os a transformal-as em versos, que fazem a infelicidade da familia, dos amigos e dos homens pachorrentos como tu.

E que versos fazem os coitadinhos!

A's vezes o objecto é bello, a emoção profunda e o ambiente propicio. Tudo indica maravilhosos versos. Mas, qual, elles nascem mortos. Falta o poeta.

Pois isso aconetceu commigo, caro Yves. Se tivesse admirado a minha noite, que versos bellos não terias feito. Mas, eu, pobre de mim, fiz isso que ahi está.

Mas deixemos de historias. Vamos logo ao que me interessa. E' uma consulta com duas perguntas e um pedido.

1ª — O que achas dos meus versos?

2ª — Devo continuar a escrevel-os, ou parar immediatamente, por falta absoluta de geito?

Agora vae o pedido: — Quero que publiques os meus versos, se elles forem bons. Mas, manda-me, tambem, sem dó, para junto dos outros condemnados, que na tua cesta, se acotovelam expremidos. Nada ha de mais nisso. Ella é o lugar dos que se metem a escrever versos, sem poder. De antemão já estou conformado. O que seria extraordinario é que tu viesses dizendo que os meus versos não estão assim tão maus, etc... etc. Mas isso é lá do teu criterio.

Estou certo de que tu, camarada e justiceiro, tudo farás para evitar a minha derrocada. Versos que se inspiraram na serena belleza daquella noite, em que tive a felicidade de contemplar maravilhado, o ceu mais lindo que já se viu, e que ainda hoje me dá saudades, é pena que sejam arremessados de tão alto, para o esquecimento de uma cesta, ao pé da tua mesa. Pensa bem no sacrificio, mas haja como quizer.

Desculpa. — *Leon Noel.*"

Ora, caro Leon Noel! O sr. declara que os seus versos se chamam: "Luzes de ouro". E esclarece mais: "Custou-me mais o titulo que mesmo os proprios versos"...

Tem razão. O titulo é um encanto. Os versos são uma dróga. Leiamol-os:

Já o sol os seus raios escondia
E sobre a terra o negro veu tom-[bava
De estrellas o ceu se engalanava
E a lua de prata apparecia

Assim em noite o dia se fizera
E por ordem de Deus se transfor-[mara
Que em vez do branco o preto alli [puzera
E o azul por outra côr trocara

De diamantes as pedras lapidadas
Eram estrellas que no céu brilha-[vam
No preto onde foram encrustadas
Cadentes e raiando ellas trilhavam

Obra divina que o ceu domina
Tua grandeza eu tinha de louvar
A vista dos mortaes é pequenina
E não te pode inteira divisar

. . . .

Já que os versos são uma dróga, e só o titulo é que se salva — vamos então publicar apenas este ultimo.

Está satisfeito. Então lá vae:

LUZES DE OURO

SA-POTY (Pernambuco) — Caro confrade. Por intermedio do Théo-Filho, recebi um n. do *Jornal do Recife* de 22 de fevereiro de 1934, onde o sr. me deu o prazer de emittir o seu juizo critico sobre o meu livro *Azul e rosa*.

O sr. foi excessivamente benevolo. Concedeu-me palavras demasiado bondosas, julgando-me um poeta de merecimento. Tudo para mim é surprehendente. Tanto mais quanto ahi, na minha terra, — segundo me informam — não é pequeno o numero dos que me atacam e me negam.

No fim da sua chronica, o sr. faz uma observação. E quando nota: "Mande-lhe o meu abraço pela victoria do seu terceiro livro, sem o despeito que poderia ter por não haver recebido um agradecimento siquer pelo exemplar que lhe enviei do meu". — *P. Lopes.*

Eu não lhe assevero si, de facto, escrevi sobre o seu livro *Bahú de Turco*. E' possivel que sim, mas, como disse, não o asseguro. Sem duvida, houve esquecimento de mi-

(Continúa na pag. seguinte)

nha parte. E, como é grande a avalanche de livros que recebo de toda parte, é natural que houvesse confusão.

De resto, aqui no *Fon-Fon* ha uma praxe.

1º — Não damos noticias de livros, e sim uma photo do autor, com uma legenda, mais ou menos desenvolvida, registrando o apparecimento da obra;

2º — A critica literaria está a cargo do nosso Mario Poppe, que a faz na secção competente. O meu papel é julgar a correspondencia destinada ao *Fon-Fon*. Notadamente, a poetica. O que faço, commumente, é agradacer a gentileza da offerta de livros, que me fazem. Mas, isso, sem outra preoccupação ou outro compromisso.

Ora, si nem sequer lhe enviei uma palavra de agradecimento não foi porque o sr. não me merecesse muito, como intellectual que é. E a prova é que, quando os livros que me offerecem, são de todo sem valor, eu não guardo na minha estante... Entende?

Entretanto, o seu, que me foi enviado em 8 de janeiro de 1933, ainda continúa a figurar no meu armario.

E já que cheguei até aqui, quero aproveitar o ensejo para felicitál-o pela sua musa risonha.

O sr. é verdadeiramente um humorista.

Quando se escreve sobre um poeta qualquer, e se deseja louval-o, todo o esforço é orientado no sentido de provar que elle é um grande lyrico, um épico ou um modernista audacioso. Mas, tratando-se de um humorista, nada mais é preciso fazer do que citar os seus proprios versos. Si elle é, de facto, um artista e possue *verve*, — quem melhor o dirá é a sua poesia.

Pois bem. Para convencer as leitoras bonitas do *Saibam todos*... de que o sr. é realmente um poeta que faz rir, basta que lhe publique os dois sonetos que extrahi ao seu *Bahú de Turco*.

Aqui vae:

O TEU AMOR E UMA CABANA

Amar sem ter dinheiro é maluquice.
Quem de outro modo pensa, ó flôr, se engana...
Qual a moça hoje diz a patetice:
—Querido, o teu amor e uma cabana?

O dinheiro é a alavanca soberana
que move o mundo, e si ela se partisse
talvez a humanidade se extinguisse
tal é o horror á pobreza franciscana!

Francamente, é bonito, é muito nobre

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

casar-se um rico com uma moça pobre.
Isso, afinal de contas, se suporta...
Mas um pobre mais pobre do que Job
casar-se c'outra pobre? Mete dó.
—São dois pobres batendo á mesma porta!...

Outro soneto não menos interessante, ao mesmo tempo que envolve uma tremenda satyra aos esculapios, é o que se segue:

SABIA CUMPRIR A OBRIGAÇÃO

Pulquério paderia enormemente
de aguda dôr (lá nele!) no pulmão
e por isso gritava, impertinente.
gritava de partir o coração.

Veio o doutor, emquanto o padecente
berrava na mais trágica aflição:
—Oh! Mate-me, doutor! Sofro atrozmente,
quero morrer como libertação...

O médico sorriu devagarinho,
com um sorriso diabólico, escarninho
e disse-lhe, aplicanado-lhe a injeção:
—Nós estudamos a arte de curar
mas quando chega a vez de "liquidar"
eu sei cumprir a minha obrigação.

E com este esclarecimento, o meu distincto confrade já não terá ensejo de queixar-se da minha indifferença ou ingratidão pelo seu optimo livro.

CYRA (R. G. do Sul) — Muito bem. A carta de uma gaúcha é sempre motivo de contentamento para mim. As gaúchas são creaturas bonitas, intelligentes e leaes. Logo... ao escrever esse *logo*, eu fico sem saber como ir adeante. Que responder a v. ex., que é uma gaúcha sympathica?

Vejamaos a sua carta, D. Cyra.

"Bagé, 1º de Março de 1934. Yves. Desejo-te bôa saude e muita felicidade!

Assidua ledôra do "Fon-Fon", hei lido sempre tuas crônicas e criticas, produtos de tua bela inteligencia. Ha muito eu desejava pedir-te um obsequio, mas receava que não me attendesses... hoje mais encorajada apelo pro teu bondoso coração.

Sei que és optimo graphólogo. e não teria expressões para agradecer, si me enviasses por entermedio do "Fon-Fon" o estudo da minha calligrafia.

Desculpa-me, sim Yves? Sou uma gurya imprudente, não é?...

Peço-te a honra de ser tambe[m] anotada no rol de tuas amig[ui]nhas; não me conheces, e nem [eu] a ti, porém, te estimo muitissim[o] e desde que me dês esse doce [no]me de amiguinha, considero-[me] uma particula de tua amizade[.] [Tu] vaes realizar esse meu desejo, nã[o] é?

Antecipadamente grata, offe[re]ço-te esse poema em prosa pa[ra] guardares no cantinho mais hum[il]de e occulto do teu album de [re]cordações.

Opportunamente enviar-te-hei [mi]nha fotografia, para que me co[nhe]ças.

Mas não te assustes!... Des[de] já te concedo o direito de envi[ál-a] ou para o jardim zoologico ou [dá-]la pra um camponês, afim de [ex]pôl-a na lavoura quando appare[cer] muita caturrita...

Effusivas saudades de

Tua amiguinha — *Cyra*.

"P|S. Envio-te esse acrostic[o e] esses... "retalhos..." para pu[bli]cares no "Fon-Fon", se achares [que] merecem publicidade, *A mesma*".

Como vê, tudo falhou até, [em] materia de letras. Quer dizer, [co]mo literata, v. ex. não honrou [a] intelligencia do sul. Isto é, [não] deu uma escriptora como era [de] esperar: — falhou.

Agora, como mulher (ou [gu]gya?) é possivel que seja uma [gra]cinha... E, nestes casos, espe[ro] a sua photographia para melh[or] julgala-. Como me escreve á m[a]china, (é dactylographa de al[gu]ma companhia, empreza, repar[ti]ção publica?) e me pede um est[udo] da sua letra, direi que v. ex. de[ve] ter o caracter de uma *Remingt[on]* ou de uma *Underwood*... A in[tel]ligencia deve tambem estar [no] mesmo caso... E' uma intellig[en]cia mechanica... Vibrará de ac[cor]do com a agilidade dos dedos [de] um, ou de uma dactylographa.

Parabens, D. Cyra!

A. L. B. (Estado do Rio) — A sua correspondencia errou [a] porta. Ella devia ser endereç[ada] para a rua da Candelaria... [ou] para o Batalhão Naval... *A b[on] entendeur*... Sim, porque não [fala] to de beijos, senão femininos.

Repito: o sr. errou a porta. Por que não endereçou a sua m[is]siva a um fuzileiro naval?

Vejamos o que me escreve o s[r.]

"Niterói, 9 de de Março de 19[34]. Caro amigo Yves. Saudações. [To]mo a liberdade de escrever-te [a] presente, rometendo junto a [...]ma, umas quadras, que o meu [...] são poesias.

Peço que as julgue com camar[a]dagem, pois ainda sou um prin[ci]piante.

(Cont. na pag. seguinte)

Faço as poesias quando acabo de conversar com a minha amada.

Sem mais, recebe um beijo na testa, que te envia o amigo."

Agora, os versos:

SONHOS DE AMOR

Sentado agora em meu desterro
E pensando em ti, oh! minha' [amada,
Reparo na minha vida amargurada
E que tambem amar-te ainda é o [meu erro.

Amei-te, amei-te loucamente,
Mas a tua ingratidão, a tua infide- [lidade
Fez desaparecer por complêto a [minha felicidade
E implantou no meu pobre coração [esta dor cruente.

Juras amor, falas em paixão,
Mas isso tudo é puro fingimento,
Por isso já caiste no meu esqueci- [mento
E quasi desapareceste do meu co- [ração.

Vê-se bem que o sr. quiz fazer blague. Quiz fazer graça... Mas, ainda assim, o sr. nada conseguiu... Nem mesmo para fazer palhaçadas o sr. está treinado... Em todo caso, o seu destino, poeta, é — ou circo ou o batalhão da Ilha das Cobras...

A. N. (Capital) — Eis a carta que o sr. me dirige:

"Exmo. Sr. Dr. Bastos Portela! Eis-me nóvameante em presença de V. Exa.

Passou o Carnaval. Agóra é a realidade. Já não nos é dado ser aquilo que queremos. Devemos retomar o papél que a Vida nos confiou.

V. Exa. vólta á sua catedra de critico. Tórna aos momentos cruciantes que a "inspiração nacional" lhe proporciona. Vólve aos minutos de ironia diante cartinhas de "consulentes de 15 anos" .. E reentra na sua faina de poéta incansavel.

Eu retómo tambem a minha pena sem brilho. E com ela continuo a enfrentar a Sórte. Talvez ela um dia se lembre de mim... Ataco-a para chamar-lhe a atenção...

Assim como aquele arabe que virava cambalhótas para se fazer notado do sultão...

E, por falar em sultão, viu V. Exa. as palavras de Nelson Firmo acerca de personalidade de Medeiros de Albuquerque?

Eu, francamente, não as consegui compreender. Com aquilo tudo, que quererá dizer o autor? Ele termina recomendando com elogios a "Minha Vida"...

A não ser que o caso seja como o de uma loura caprichósa que me disse:

"Eu sou paradoxal para me tornar interessante..."

E aqui termino, com o pedido de publicação para os trabalhos inclusos e a expressão de meu sincéro agradecimento. Seu cr. ato. obr. — *A. N.*"

Meu caro collega, não sei a que allude, quando se refere á pessôa do sr. Nelson Firmo. Nem sei tambem que livro é esse — *Minha Vida* — de Medeiros e Albuquerque.

Ultimamente, só leio obras nacionaes, de literatura, quando estas me são enviadas pelo autor ou pelos seus editores.

Quanto ao resto, creio que o sr. deve estar contente, não?

YVES

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 24-3-934

Data da consulta...........

Nome do consulente..........

....

Notas de ARTE

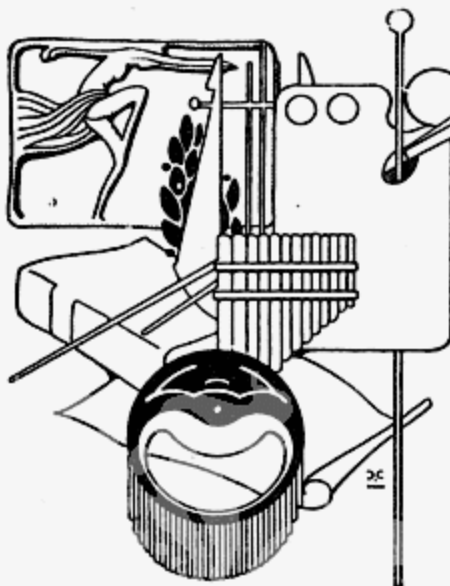
VOZISTAS E CANTORES. — Não é nossa a classificação, mas do famoso artista lyrico e grande mestre da sua arte — Léon Melchissédec: cantor da Opera de Paris e professor do Conservatorio da capital das capitaes do mundo.

"Para as necessidades da minha causa — escreve elle, tratando do estado actual do canto— criei uma palavra: *vozista*. Chama-se oboista o que toca oboé. Voz, vozista! Quem não tem senão uma voz, a sua voz: vozista!..." E adeante, dizendo do canto *piano*, escreve ainda: "Sim, *cantar piano*, mas como? Querendo. Como? Só isso? — Não é só, mas é simples, facil, natural, com a condição do que a voz do cantor seja emittida naturalmente, que já não tenha sido alterada, entravada, por um ensino falso ou superficial, ou por algum desvio de orgão, e tambem que a voz não mude de lugar... não *vá* fazer, mesmo inconscientemente excursões... aqui, ali... e acolá... Voz de peito... voz daqui, dalli... de onde ainda?... Sem que insista demais nisso pensai bem que se não é, que se não pode ser um cantor si, á vontade, não se pode cantar *piano*. O vosso canto seria sem accento, monotono, monocordio, e cansaria depressa o ouvinte. Além disso não poderias introduzir nas vossas execuções accentos dictados pela emoção, pela ternura pela compaixão, etc... Serias pois um cantor incompleto. Cantor? Não... Vozista! Sómente vozista!"

Se bem comprehendemos a classificação de Léon Melchissédec, restringe elle a significação generica de vozista dando-lhe um sentido especifico. Realmente, philologicamente, vozista é o instrumentista da voz, como o oboista é o instrumentista do oboé, o pianista, do piano, o violinista, do violino, etc. E assim como há bons e máus oboistas, pianistas, violinistas, etc, há tambem bons e máus vozistas. Mas o exercicio da voz se biparte; ora é a fala, ora é o canto; de sorte que há o vozista que fala e o vozista que canta; o declamador e o canto. Uns e outros podem ser bons ou máus, conforme a natureza das vozes e o seu grão de cultura. Assim no sentido proprio, o termo vozista não deve querer dizer só por si, uma designação pejorativa. Mas, não se chamando *vozistas* todos os que, por assim dizer, *tocam a voz*, bem ou mal, como se chamam violoncellistas e clarinetistas, os que, bem ou mal, tocam violoncello e clarineta — e sim *declamadores* ou *cantores*, bons ou máos, claro é que se pode, como fez L. Melchissédec attribuir ao termo *vozista*, o significado restricto e pejorativo de máu cantor, ou de cantor incompleto, para designar emfim quem *toque mal a voz*, ou quem tenha voz mas não tenha arte.

Mas então o que distingue essencialmente o artista da voz, do tocador, de máu tocador da voz, o cantor, do vozista?

Respondam á pergunta todos os verdadeiros mestres da arte lyrica. Por elles fale agora o mestre que acabamos de citar.

"Cheguei aos confins da vida — diz Léon Melchissédec. Canto há *setenta e dois annos*, e desde a idade de *dezesete annos em publico. Nunca deixei de cantar.* Quantos podem invocar taes estados de serviço? Há *quarenta e cinco annos, estudo e professo.* Tudo o que se relaciona com a voz e o canto é a minha paixão, foi o objecto de meus estudos, das minhas pesquizas e de uma documentação abundante. Fortalecido pelos *resultados obtidos por toda a parte e sempre, pelas provas accumuladas todos os dias, com cada educação vocal começada corrigida ou rectificada*, por minha fé absoluta, por minha legendaria franqueza, posso combater sem medo contra numerosos pseudo-professores, chamados de canto, que espalham o seu ensino com uma prodigalidade cotada muito alto... por elles!... Eu affirmo que *a voz, instrumento natural, deve ser utilizada naturalmente, sem esforços, sem fadiga*, que o *som tem um lugar unico*, em o *nivel da glotte;* de cima a baixo, de baixo a cima, o *centro de phonação não se modifica; jamais, portanto, passagens, voz de peito, voz de cabeça. A voz de peito* é um *anatomico* e *phynologico. O peito* é para a voz o que a caixa é para o piano, disse Hamlultz... "Mas, como diz Lamarch, as verdades custam muito mais a apparecer, a se fazerem ouvir, a se espalharem, do que as contraverdades. Infelizmente é isso muito verdadeiro!

"Ha: a *provisão natural do som*, a *sua eclosão*, uso emoção, modificações e terminações. O executante *fica sempre senhor da sua execução.* Tudo isso é de uma *simplicidade absoluta*, de uma *indiscutivel nitidez.* Tem-se *obstinado, obstinam-se* por toda a parte em *desconhecer* essas *verdades natuaes*, com grande damno para a voz e para o canto.

"Delicadas de tratar, exigem essas questões *conhecimentos multiplos*, uma *grande experiencia.* Confundem alguns muito facilmente as *aptidões naturaes* e a *expressão cantando.* Mas de uma certa ignorancia nascem difficuldades para explorar os dotes naturaes. Logo, isto *torna-se urgente, estabelecer um methodo de ensino do mecanismo verbal.* ELLE NUNCA EXISTIU. Reputamol-o.

"Feito isso, qualquer que seja a voz de um alumno, será uma *verdadeira voz utilizavel. Corbeia* todos os *beneficios do methodo.* Attingirá o seu *maximum de rendimento.*" (1)

Escriptos há cerca de dez ou doze annos e mais especialmente sobre a arte do canto em França, essas e outras paginas de Léon Melchissédec no seu livro — *Le Chant* — applicam-se indifferentemente a quaesquer paizes e em qualquer tempo. Resumem-se todos na regra invariavel de que é preciso para ser *cantor* e não simplesmente *vozista*, conhecer rigorosamente todo o mecanismo vocal, toda a technica da arte do canto.

Infelizmente é o que falta á grande maioria dos cantores. Todos elles podem ser classificados, em tres grupos, como o fez há tempos, um redactor de *Commoedia*, citado no livro a que nos referimos: "1º — os que possuem bella voz e delle se servem com mais ou menos intelligencia e habilidade; 2º — os que possuem apenas uma voz qualquer mas têm bastante habilidade e algumas qualidades naturaes para dellas tirar o melhor partido possivel; 3º — os que nada posuem, nem voz nem qualidades, mas conseguem illudir, e procuram por todos os meios possiveis persuadir ao publico credulo que dispõem de todos esses dons ausentes."

Parece-nos rigorosa demais essa classificação, porque nella figuram como hoje inexistentes, cantores completos, cantores sem defeitos. A verdade entretanto é que, dado o relativismo de tudo, há hoje, como houve hontem cantores classificáveis sem favor entre os artistas perfeitos. A differença é só de quantidade: hontem mais, hoje menos. Ainda assim existe algo de commum nas duas épocas, é que tanto hontem como hoje são raros os cantores perfeitos. A quasi totalidade dos actuaes inscreve-se na classificação ternária de *Commoedia*, que Léon Melchissédec subscreve. E' que quasi todos carecem da cultura integral, da technica toda da arte — embora alguns sejam dotados de bellos predicados naturaes — e um grande numero não possue mesmo a necessaria cultura para ser verdadeiro cantor e não apenas vozista. Basta tomar para criterio da classificação, a faculdade de cantar *piano* para avaliar-se quanto é numeroso o grupo dos vozistas, diante da ala reduzida dos cantores.

Para essa lamentavel, nefasta situação muito concorre o publico. Para este o que vale é cantor *forte*. Até os cantores celebres cedem ao máu gosto das multidões. Tornam-se momentaneamente vozistas, e acabam sacrificando a voz. Assim a conheceu, entre mil outros, com o celebre tenor francez Adolpho Nourrit, que perdeu a voz e se suicidou aos 38 annos. O proprio Caruso não escapou a perigosa transigencia. Teve de soffrer por isso varias operações. E ambos, tanto Nourrit como Caruso, informa-nos um critico francez — e para satisfazer ao gosto contemporaneo da voz poderosa, cantavam como tenores fortes sem o ser."

Contra o máo gosto do publico, devem reagir os cantores, impondo-lhe o bom gosto artistico. Mas para isso é preciso que estudem integralmente a sua arte, sem esquecer nunca a regra de Schumann formulada para os pianistas, mas applicavel tambem aos cantores, e em geral, a todos os cultores de qualquer conhecimento artistico ou scientifico: *On n'a jamais fini d'apprendre.* Só assim ter-se-á uma pleiade de cantores, em vez de um bando de vozistas...

OSCAR D'ALTA

(1) São do original, todos os griphos da traducção... — *O. d'A.*

A vida não é longa!..

Passará o arthritico, toda a sua vida com o seu rheumatismo ou seus males de rins, lumbago, dôres sciaticas, etc. todas essas pequenas e grandes miserias de seu organismo carregado de ACIDO URICO?

Está arthritico condemnado...

A não poder se livrar, quer seja na vida activa ou nos esportes, nas viagens, nos prazeres da meza na sociedade ou nos negocios, sem pagar duramente as consequencias?

— Não...

porque

URODONAL

dissolve o acido urico

é um producto **CHATELAIN**

A MARCA DE CONFIANÇA

Laboratorio do Urodonal, Caixa Postal Nº 624 e 96, Rua Conde de Bomfim, Rio-de-Janeiro

A PORTUGAL

De A. THOMÁS RIBEIRO

Meu Portugal, meu berço de innocente;
lisa estrada que andei debil infante;
variado jardim do adolescente,
meu laranjal em flôr sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante,
meu vergado pomar dum rico outomno
sê meu berço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos
desde que soube amar; e amei-os tanto!...
afogava de enlevo, em riso e em pranto.
Quiz dar-te hymnos de amor, debeis os dedos,
não sabiam soltar da lyra o canto,
mas amar-te o esplendor de immenso brilho...
eu tinha um coração, e era teu filho!

Jardim da Europa á beira-mar plantado
de louros e de acacias olorosas;
de fontes e de arroios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas;
onde num cêrro erguido e requeimado
se casam em festões jasmins e rosas;
balsa virente de eternal magia
onde as aves gorgeiam noite e dia.

O que te desdenhar, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes;
ou nunca, ao pôr do sol de ameno estio,
viu franjas de ouro e rosas os horizontes.
ondas de azul e prata em cada rio,
as perolas e os rubis de tuas fontes;
nem de teus anjos, terreio paraiso,
sentiu o magnetismo num sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas éras
em que lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhe os esqueletos das galeras
que foram descobrir mundos e mares.
Se alguem menosprezar teu manto pobre,
ri-te do fatuo, que se julga nobre!

Porque te miras triste sobre as aguas,
pobre... daquem e dalem-mar senhora?
e te consomes nas candentes fraguas
das saudades crueis que tens doutrora?

por tantos louros que te deram? magoas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
Has de cingir o teu diadema augusto;
são teus filhos leaes, e Deus é justo!

A Independencia do Brasil

De OLIVEIRA MARTINS

SE para todos os miguelistas ainda no gozo de um pedaço de juizo a reconquista do Brasil parecia já impossivel, a esperança de restaurar a situação antiga formava, comtudo, um dos artigos do programma do partido. Os homens de 20 eram, no dizer delle, os culpados da separação, que de facto 1820 não fez mais do que precipitar com as suas medidas impoliticas e temerarias. Quem separara o Brasil fôra d. João VI. Desde 1808 que as rendas da casa de Bragança, da do Infantado, da das rainhas, de muitas casas particulares, alem de uma valiosa consignação mensal, embarcavam em Lisbôa com destino ao Rio. A situação relativa invertera-se; Portugal era a colonia, metropole o Brasil onde se acha o rei. Portugal, o velho conquistador das costas de Africa e Asia, o colonizador da America, diz Herculano, tinha-se tornado, por sua vez, uma colonia do Brasil, onde um governo corrupto, os ministros de d. João VI especie de rei Renato com os chapéus gordurosos de Luiz XI, desperdiçavam loucamente os impostos ou os roubavam, para se locupletarem ou para enriquecerem aventureiros sem merito e fidalgos abastardos. Politicamente, eram colonos inglezes. O nosso exercito era inglez, com soldados apenas nascidos em Portugal.

Um general inglez governava-nos por meio de uma Regencia servil que se dizia representar em Portugal o rei, fugido no Rio de Janeiro.

A abertura dos portos do Brasil aos navios de todas as nações, e o tratados de 1810, finalmente, eis ahi os principaes actos que de facto haviam dado ao Brasil a autonomia economica, infallivel precursora da autonomia politica. As cortes de 1820 não fizeram mais do que precipitar a consummação de um facto realizado pela immigração e pelas medidas de d. João VI.

Da "Historia de Portugal".

SAUDADES --- De Almeida Ga

Leva este ramo, Pepita,
de saudadeas portuguezas;
E' flôr nossa, e tão bonita
Não ha noutras devesas.

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz.
Vive á sombra foge á luz,
As glorias d'amor não diz:

Mas na modesta belleza
de sua melancolia
E' tão suave a tristeza,
Inspira tal sympathia!...

E tem um dote esta flôr
Que de outra egual se não diz:
Não perde o viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com tudo o que as outras mata;
Até ás vezes mais cresce
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,
Que te não devo esconder;
Plantada no coração,
Toda outra flor faz morrer.

E, se o quebra e despedaça
Com as raizes mofinas,
Mais ella tem brilho e graça,
E' como a flor das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou...
Fiz mal em dar-te essa flor,
Que eu sei o que me custou
Tratei-a com tanto amor...

EMBAIXADORES DE LETRAS BRASILEIRAS NA EUROPA

De Ramalho Ortigão

A chronica das idéas, o mais precioso titulo da gloria d'um povo, tem, em contraposição a datas funestas, datas jucundas, as quaes, pelo que respeita ao Brasil, á imprensa brasileira cabe assignalar nas suas ephemerides por meio de uma pedra branca. São, no fim de contas, as puras idéas, apesar da deterioração por que geralmente ellas passam desde que se produzem até que chegam a penetrar, tantas e tantas vezes desnaturadas e pervertidas, no cerebro renitente e crasso das multidões, são as idéas — digo — que definitivamente governam o mundo através de todos os ephemeros e variados accidentes da força militarmente, financeiramente ou revolucionariamente organizada.

Virgilio o disse: *mens agitat molem*. E' com effeito o pensamento que move o mundo. O sentido politico deste aphorismo explicou-o Proudhon no derradeiro dos seus livros, hoje pouco lido, constituindo para lição das gerações novas como que o testamento philosophico do grande polemista que tão radicalmente alvoroçou a imaginação dos rapazes do meu tempo.

Dirigindo-se ao povo soberano, legitimo filho da Revolução, cuja marcha elle tanto contribuiu para accelerar, Proudhon, o esforçado tratadista da Capacidade politica das classes operarias, diz-lhes estas solennes palavras, dignas de serem inscriptas em letras indeleveis no portico de todas as democracias: "Povo soberano, triumphas. Tens neste momento por ti a força e tens o numero. Emquanto igualmente não tiveres a idéa tu não governarás jamais. Continuarás simplesmente a ser, como até aqui tens sido, a poderosa besta de carga".

Prestando á historia das idéas em movimento o preito que lhe devo é uma das pedras brancas a que acima me refiro que eu hoje me permitto collocar nos registos da *Gazeta de Noticias* em commemoração, na travessia mental entre o Brasil e a Europa, da passagem de mais um dos seus embaixadores de letras.

E' já consideravel o numero de homens desta especie que desde o ultimo quartel do seculo XIX até hoje o Brasil periodicamente expede para aquem do Equador em permuta, pelo que toca a Portugal, daquelles outros homens que ha cerca de cem annos, com o sequito de D. João VI, tanto depauperaram a metropole para irem liberalmente enxertar na symbolica arvore brasilica, a que os colonos até então chamavam a arvore das patacas, a mais fina e a mais aristocratica flôr da mentalidade lusitana. Foi dessa delicada transplantação que resultou no Rio de Janeiro o estranho phenomeno de desabrocharem ahi, quasi repentinamente, como fructos exoticos originarios das mais estranhas regiões, as escolas superiores, os museus, os laboratorios, as collecções de arte, tapeçarias, joias, brocados, guadamecins, porcelanas, pratas cinzeladas dos seculos XV e XVI, melhor parte emfim, do sumptuoso recheio dos paços reaes de Bemposta, de Mafra, de Cintra, da Ajuda, subitamente transferidos ao Brasil como por um golpe de vara magica. A relação dessa culminante época da historia luso-brasileira nunca a souberam fazer os modernos historiographos portuguezes, de criterio lastimosamente combalido pelas allucinadoras chimeras da nossa revolução liberal. A historia da influencia que teve a politica de D. João VI sobre os brilhantes destinos da civilização brasileira são os novos escriptores brasileiros que presentemente estão fazendo, prestando assim á literatura portugueza um tributo de talento, de erudição e de critica historica equivalente áquelle com que tão copiosamente tem enrequecido a literatura ingleza os seus collaboradores anglo-americanos.

(*Das "Ultimas farpas"*).

Terra Mater

Madeira! Berço de ouro de princeza,
Embala a minha doce fantasia.
Deixa-me ver-te cheia de belleza,
— Rainha da Magia!

Sobre os teus altos montes, bem pertinho
Dos astros e das águias no seu ninho,
Deixa-me voar, voar...

Quero ver-te toda, toda!
Como um noivo, apoz a bôda
Cinge a noiva toda, toda...
E adormece a sonhar!

Funchal.

BAPTISTA SANTOS

Na Mão de Deus

DE ANTHERO DO QUENTAL

Na mão de Deus, na sua mão direita
Descansou afinal meu coração.
No palacio encantado da Illusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A forma transitoria e imperfeita.

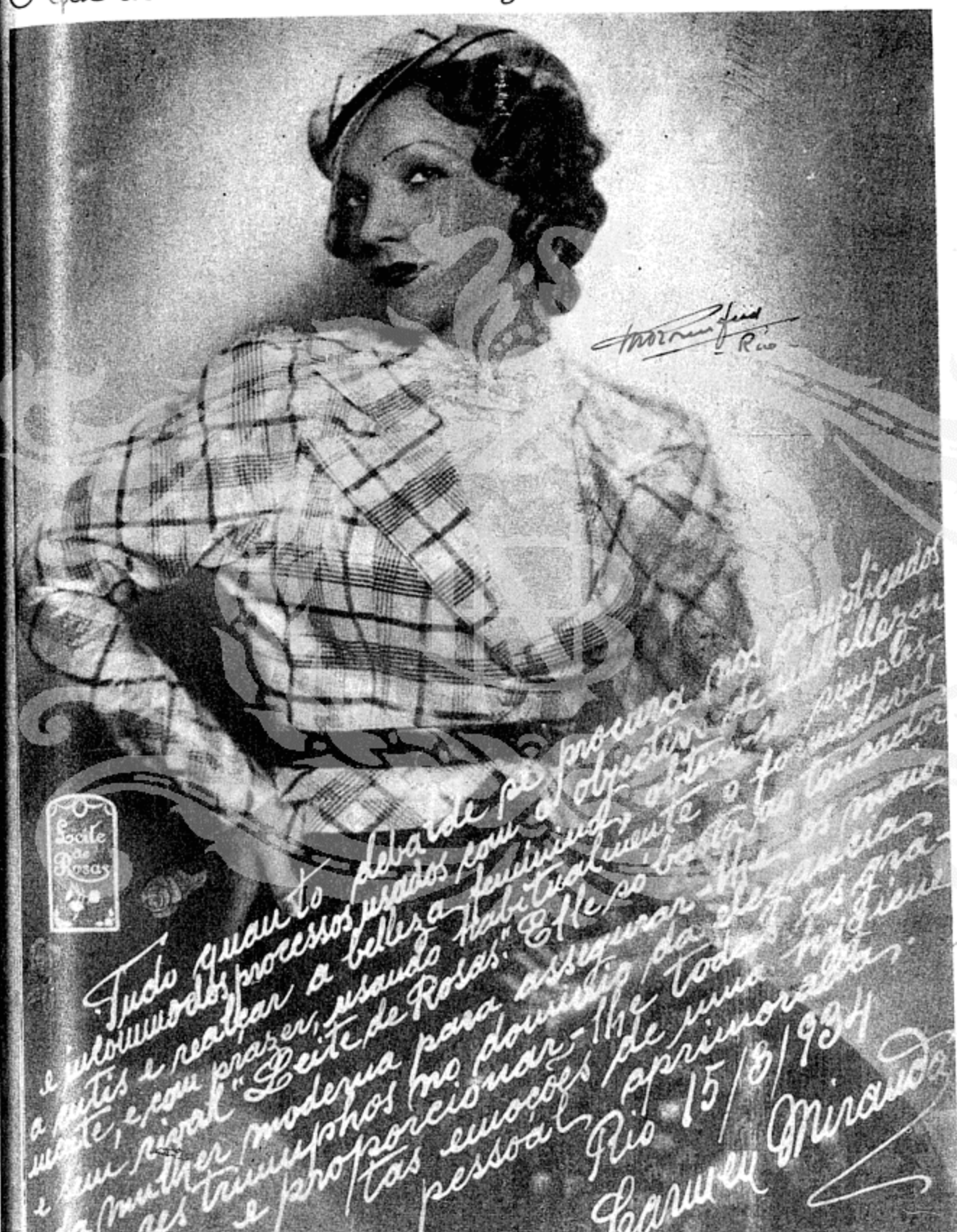
Como criança em lobrega jornada,
Que a mãe leva no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Perco um olho!

O decote exaggerado,
Saia curta, era o peccado
Que naquella igreja entrava...
O padre diz com voz cava:
— "Cégo quem olhar p'ra alli!"
Um piloto a Eva sorri,
E este brado se lhe escapa:
— "Perco um olho!" E um olho tapa.

LEOPOLDO D. AMARAL

O que as mulheres bonitas dizem de Leite de Rosas...

Carmen Miranda, que na photographia desta pagina preconiza, tão enthusiasticamente, as excellencias do afamado «Leite de Rosas», é a voz harmoniosa e ardente que enche de rythmos fortes a sensibilidade e o coração de quantos a escutam no «broadcasting» nacional, como a legitima e fulgurante interprete das canções brasileiras.

Rainha de multiplos encantos, artista de fascinação envolvente, a formosa cantora exalta ahi, com effusão de sinceridade, as virtudes subtis desse producto que transfigura a mulher, defendendo-a, suavemente, dos seus mil e um inimigos invisiveis. Não poderia estar melhor recommendado o «Leite de Rosas». O prestigio de Carmen Miranda, aureolando o prestigio do grande producto brasileiro, offerece, ao nosso mundo feminino, um nobre exemplo de altruismo, rehabilitando assim a mulher no conceito dos que lhe attribuem, injustamente, o feio peccado do egoismo...

Ella não quer só para si o que é bom: recommenda-o ás suas irmãs de saia...

LEVES SABOROSOS NUTRITIVOS

Agua	Indigenas
Alphabeto	Leite
Carioca	Luzitanos
Champagne	Maizena
Chá Rico	Marie
Chocolate	Mel
Chocolate-Creme	Perolas
Côco	Petit-Beurre
Combinação	Sortidos
Cream Crackers	Thé Dansant
Digestivos	Trigo e Araruta
Ginger Nut	31

Zoologicos

MARCA REGISTRADA

BISCOITOS THÉ DANSANT AYMORÉ

BISCOITOS AYMORÉ

FON-FON

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1934

O Oasis do Oceano

POR toda a vasta superficie do Atlantico afloram os picos da Atlantida lendaria, submergida ha milhares e milhares de annos. Ilhéos e ilhas, rochosas, montuosas, plantas, aridas, vicejantes, tristes ou feias, apontôam a immensa toalha achamalotada das ondas. E o viajante vae nellas demorando os seus olhos ávidos da comprehensão do mysterio que occultam.

Os archipélagos dos Açores, das Canarias, de Cabo Verde e da Madeira são aquelles que prendem mais a attenção. A Madeira faz parte desse archipelago tambem. Ella não está sozinha. A poucos passos ergue-se a ilha povoada de Porto Santo e varios ilhéos hispidos, hostis, as Desertas. E o coração se alegra ao vêl-a surgir das aguas com sua belleza fascinante, no meio dessa côrte de penhascos que lhe servem de *repoussoir*.

Perdem-se nas nuvens os cimos dos altos montes. Do céu de velludo azul como que desce a frescura perfumada do ar. Por todas as encostas e declives, trepam as casas brancas rodeadas de parreiraes, grimpam os jardins, as hortas e os pomares. A cidade do Funchal se adensa á borda da praia onde as vagas espumejam á sombra do velho forte portuguez. E' como um presepe que nos offerecessem de repente no meio do oceano.

Quem vem de longe, da America do Sul, repousa naquelle oasis do mar a vista fatigada da monotonia azul-verde, o espirito cansado da vida de bordo. Depois, ruma de novo pelo oceano em busca de outro continente. Os picos altos vão se perdendo no céu, onde o Ruivo apunhala as nuvens. A ponta do Sal azulesce e desmaia. A ponta de S. Lourenço avulta e cresce. A Deserta Grande levanta-se como uma muralha tragica. As rochas do Bugio vão se colorindo de rubro á luz do sol que transmonta.

Navega-se algum tempo. Vae se perdendo de vista a ponta de S. Lourenço e avistando a ilhota aspera do Baxio. Porto Santo se offerece lavada de luz com o casario da Villa Baleria a branquejar. Passa-se adeante. Uma pedra perdida no mar surge como um pontinho negro: é a rocha do Falcão. Que não teria ella testemunhado ao tempo dos cataclismas millenares, quando era, como o Ruivo, como o Bugio, o pincaro dum daquelles altissimos montes que as galeras avistavam de longe e deram origem ao grande symbolo do pontuado tridente de Neptuno?

Da memoria de quem gozou algumas horas o clima e a belleza da ilha famosa, a visão da Madeira nunca mais se apaga...

João do Norte

A ilha da Madeira e Olavo Bilac

A grande penna de Olavo Bilac, o poeta que foi um dos maiores da lingua portugueza, escreveu sobre a ilha da Madeira estas palavras de exaltação á belleza e ao clima daquelle privilegiado recanto do mundo:

A ilha encantada era toda uma fulguração de ouro e prata no banho luminoso da manhã... está cheia de rumores e de perfumes; mil instrumentos mágicos resôam confusamente; parece-me que vejo abrirem-se as nuvens mostrando-me thesouros que vão chover sobre mim... Ainda hoje, quem pela primeira vez atravessa o Atlantico em busca da Europa tem a impressão, ao chegar á Madeira, de haver descoberto, não uma qualquer porção vulgar da crosta do planeta, separada do continente por uma convulsão telurica ou levantada do fundo mar por uma erupção, mas um Paraiso, ou melhor o Paraiso, o Eden authentico e legitimo, esse jardim de delicias que todos os fundadores de religiões idearam, berço encantado dos primeiros homens ainda na ingenuidade e na pureza do aurorar da vida. A chegada á Madeira é a revelação do *Fardés* hebraico e caldaico, do *Pamir* dos hindús, do *Hara Berezaiti* dos iranianos, do *Beheschet* dos persas, do *Walhala* dos escandinavos. Gonçalves Zarco e Tristão Teixeira, por menos poetas que fossem, teriam, em 1419, o mesmo deslumbramento que fére os viajantes de hoje, poetas ou não, quando o mar lhes depára aquella verdura inesperada, aquelle remanso de águas azues, aquelle casario branco, aquelles recórtes caprichosos de angras, aquelles vultos de montes altos, tudo sorrindo e fulgindo á luz de um sol que beija sem morder, dentro de um ar de veludo que entra pelos pulmões em caricias e afagos... A tantos lugares lembrados para séde do horto sagrado, theatro do primeiro drama amoroso, berço do primeiro beijo, é justo accrescentar a Madeira... Tudo concorre para dar á ilha um distinctivo edenico. Nem calor nem frio... Nunca ali se accendeu um fogareiro para aquecer corpo humano, nunca ali uma garganta escaldada de sêde deixou de contentar-se com a frescura natural das águas das *levadas*... Dizem os geologos que a Madeira foi antigamente um foco de medonhas erupções... Mas só existe uma recordação vulcánica: a excellencia dos vinhos capitosos, filhos da terra adubada de lava... Não foi sem razão que os naturalistas déram ao archipélago da Madeira e ao das Canárias o dôce nome de Macaronesia, que quer dizer — *archipélago dos Bemaventurados.*

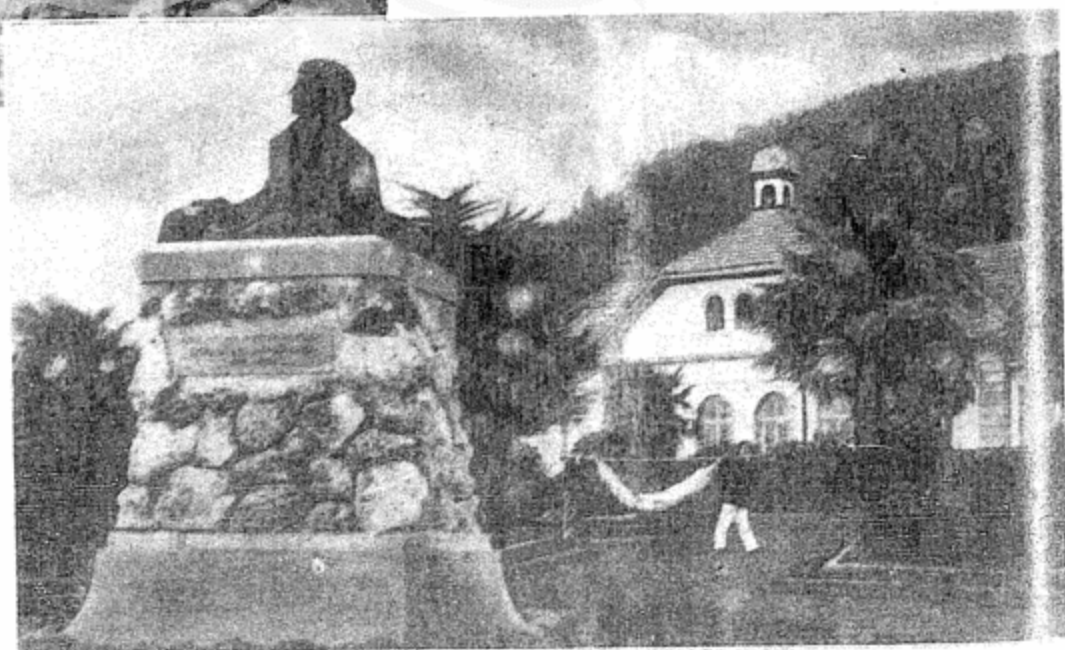
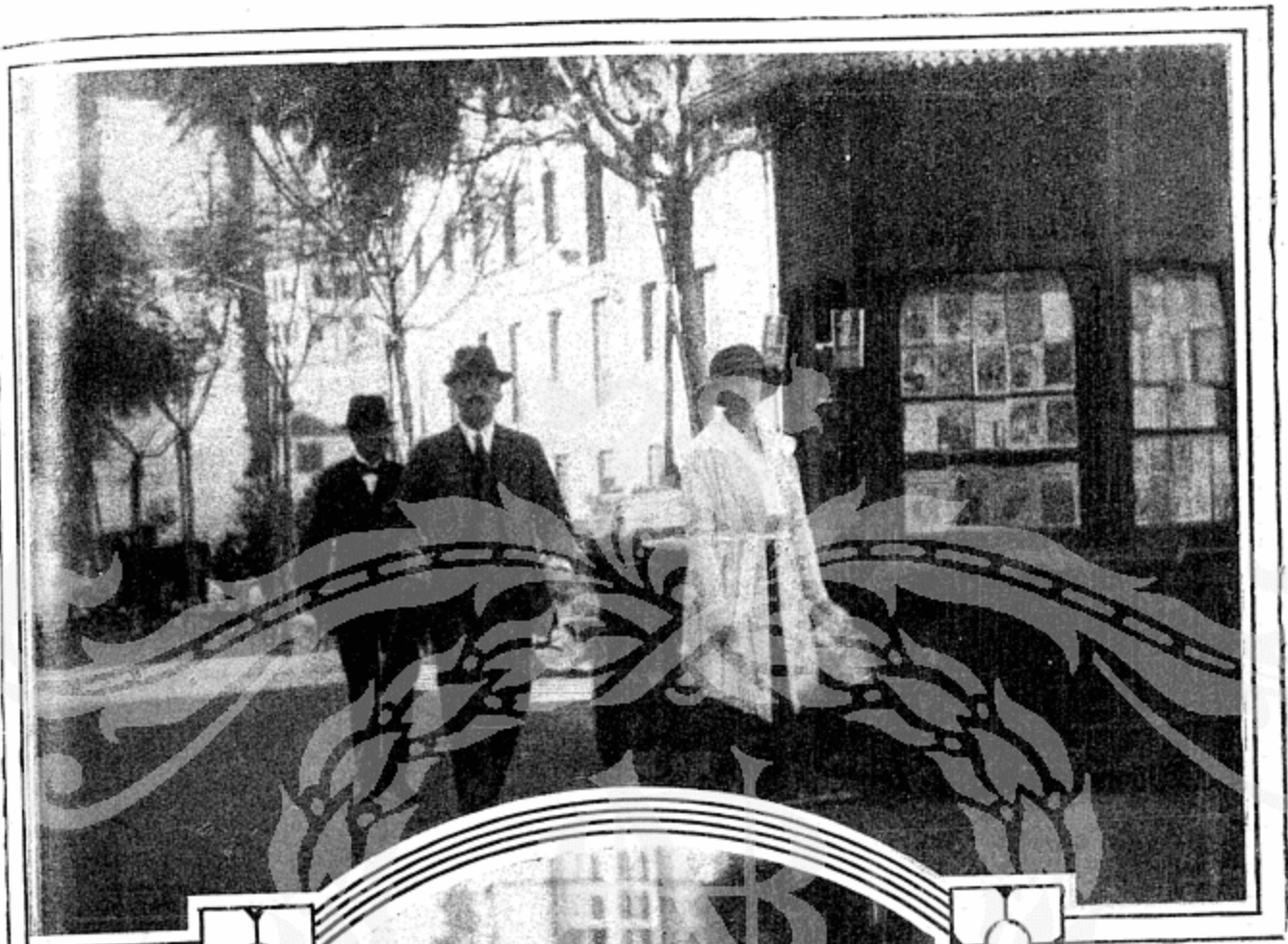
OLAVO BILAC

O governador civil da Madeira dr. Antonio Corrêa Caldeira Coelho ao lado do correspondente especial de FON-FON, sr. Bricio Abreu, que ao primeiro se refere na chronica publicada en outro logar da presente edição.

No alto: a Camara de Lôbos, considerada a maior região vinicola da ilha da Madeira.
Em baixo: vista parcial da linda cidade de Funchal, séde do governo madeirense,

O Monumento da Paz, no Terreiro da Lucta (Funchal).

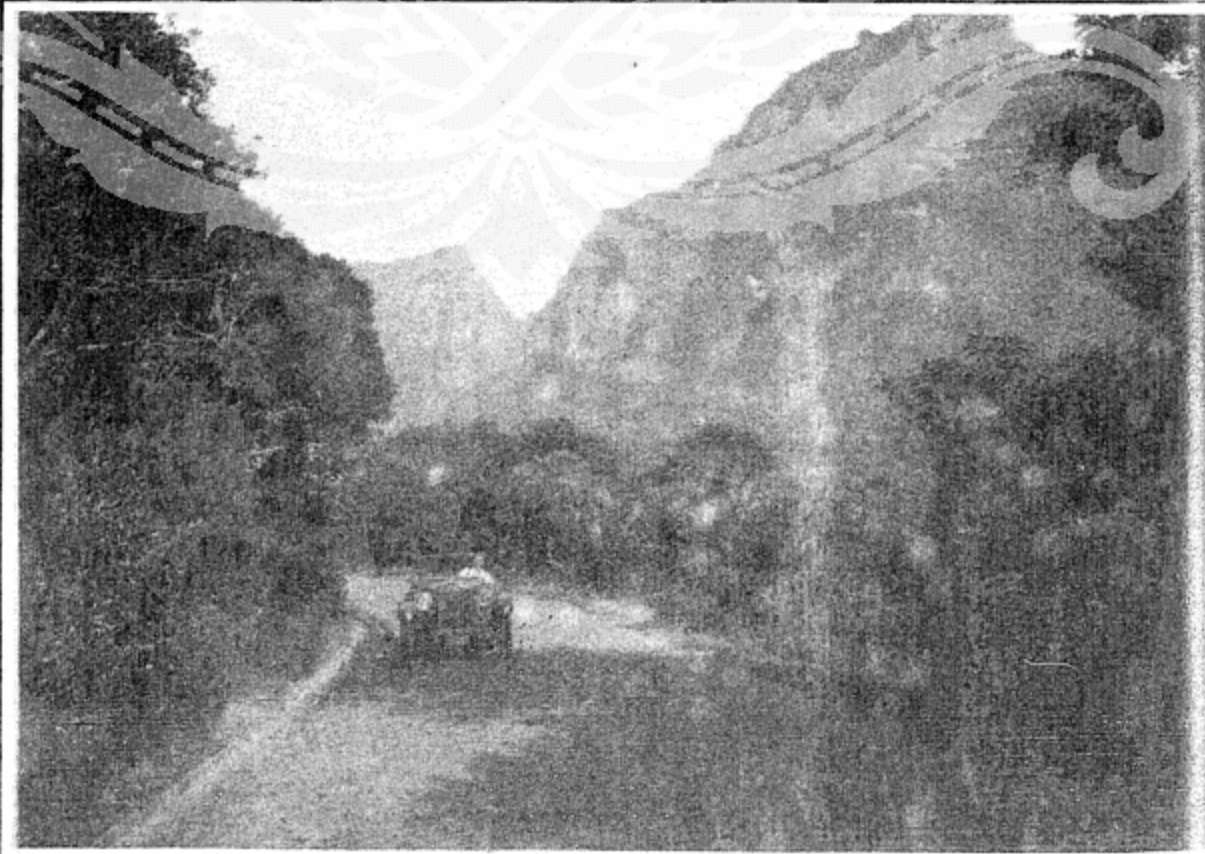
A casa onde morou Christovam Colombo na ilha da Madeira. A esposa do descobridor da America era madeirense, pertencente á tradicional familia Perestrello.

O busto de João Gonçalves Zarco, descobridor da ilha da Madeira.

O imperador Carlos e a imperatriz Zita, da Austria, que, após a Grande Guerra, banidos de sua patria, se refugiaram na ilha da Madeira, ali viveram alguns annos, com os seus sete filhos. O ex-soberano falleceu no seu exilio de Funchal. Os «clichés» desta pagina fixam um instantaneo dos soberanos passeando nas ruas de Funchal e um grupo dos filhos do nobre casal.

Os mais bellos passeios da ilha da Madeira são feitos através de montanhas imponentes, em grandes estradas como esta.

Uma perspectiva da cadeia de montanhas conhecida pelo nome de «Balcões».

TERRA DE ZARCO

De ANTONIO GUIMARÃES

DEPOIS da largada heroica de Ceuta, o Infante escondêra-se nos seus rochedos de S. Vicente, a enredar e a desenredar a teia dos seus sonhos, a afagar a seductora miragem do dominio africano, a agarrar-se á sua idéa fixa de conhecer, palmo a palmo, a costa que descia de Marrocos pelo occidente, levando certamente á terra de Prestes João. Era o seu pensar dia e noite. Cada veleiro que partia ia com o seu pensamento e elle ficava esperando febrilmente o seu regresso, passeando taciturno pela sua villa de Sagres, querendo a cada instante arrancar do horizonte a mancha branca de uma vela que lhe pudesse trazer novas, mais novas que dessem corpo ao seu sonho, realidade ás suas conjecturas. Os da sua *familia* eram os que elle conseguira enlouquecer tambem, daquella sublime loucura patriotica que ansiava estender Portugal pela terra desconhecida e mysteriosa de que as ondas do Atlantico guardavam o segredo.

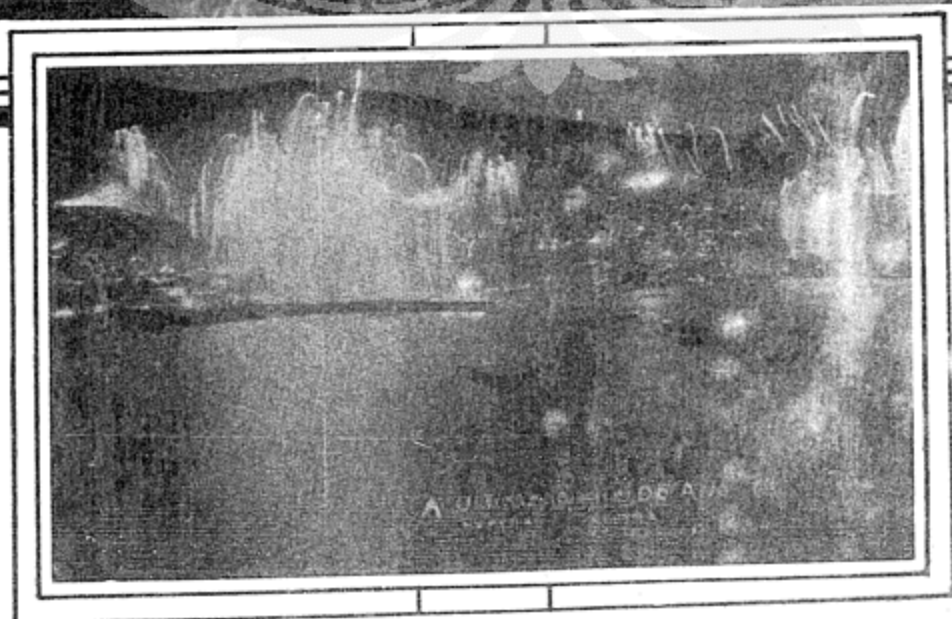
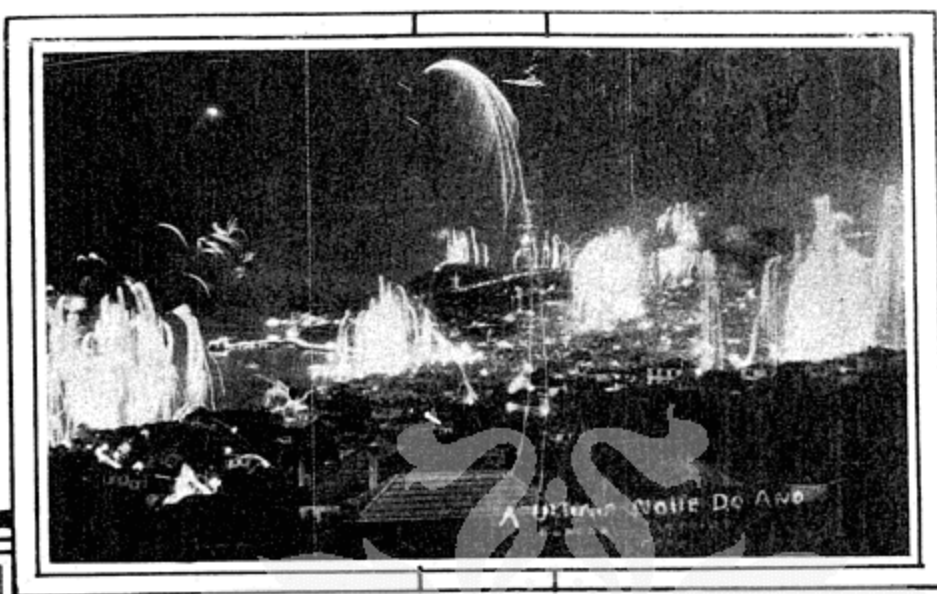
Os homens do Infante d. Henrique tinham almas á imagem e semelhança da sua. A vida que se vivia para tráz do mar não lhes interessava. Para deante!... Para deante!... Era o que a cada hora lhes gritava o desejo, a ambição, a propria attracção irresistivel do desconhecido. Aquelle principe de coração frio para todos os encantos da vida, abstemio, severamente casto, só tinha allucinações de apaixonado, sensualidades quentes na imaginação para essa mulher que lhe fugia e que elle loucamente procurava: Africa!... Africa!... E todos elles, homens de corações altivos, de forte compleição, aprestos para a luta, lhe obedeciam; mais, viviam dentro do seu sonho, como se todos se guiassem, como cegos, pela mão daquelle vidente, daquelle visionario.

João Gonçalves Zarco, Bartholomeu Perestrello e Tristão Vaz Teixeira, cavalleiros da casa do Infante, eram todos tres homens dessa tempera. Continuamente velejando por esse traiçoeiro mar, a que iam, dia a dia, arrancando os segredos, a cada passo traziam a Sagres uma nova, que o Infante recebia alvoroçado. Tinha-se descoberto a ilha de Porto Santo. Pouco a pouco, todo o archipelago cabo-verdeano subiria á flor do mar, levantando nas penedias o signal do Infante, a cruz de Christo rubra e potente. Essas ilhas não interessavam grandemente ao solitario de Sagres. Estavam longe do seu maior sonho, que elle temia morrer sem vêr realizado. Negligentemente, sem lhe dar maior valor, entregava-as, como quem entrega pequenas joias, aos homens que o serviam com tanta lealdade.

Typos regionaes da ilha da Madeira. A infancia e a velhice com o mesmo sorriso de alegria e saúde.

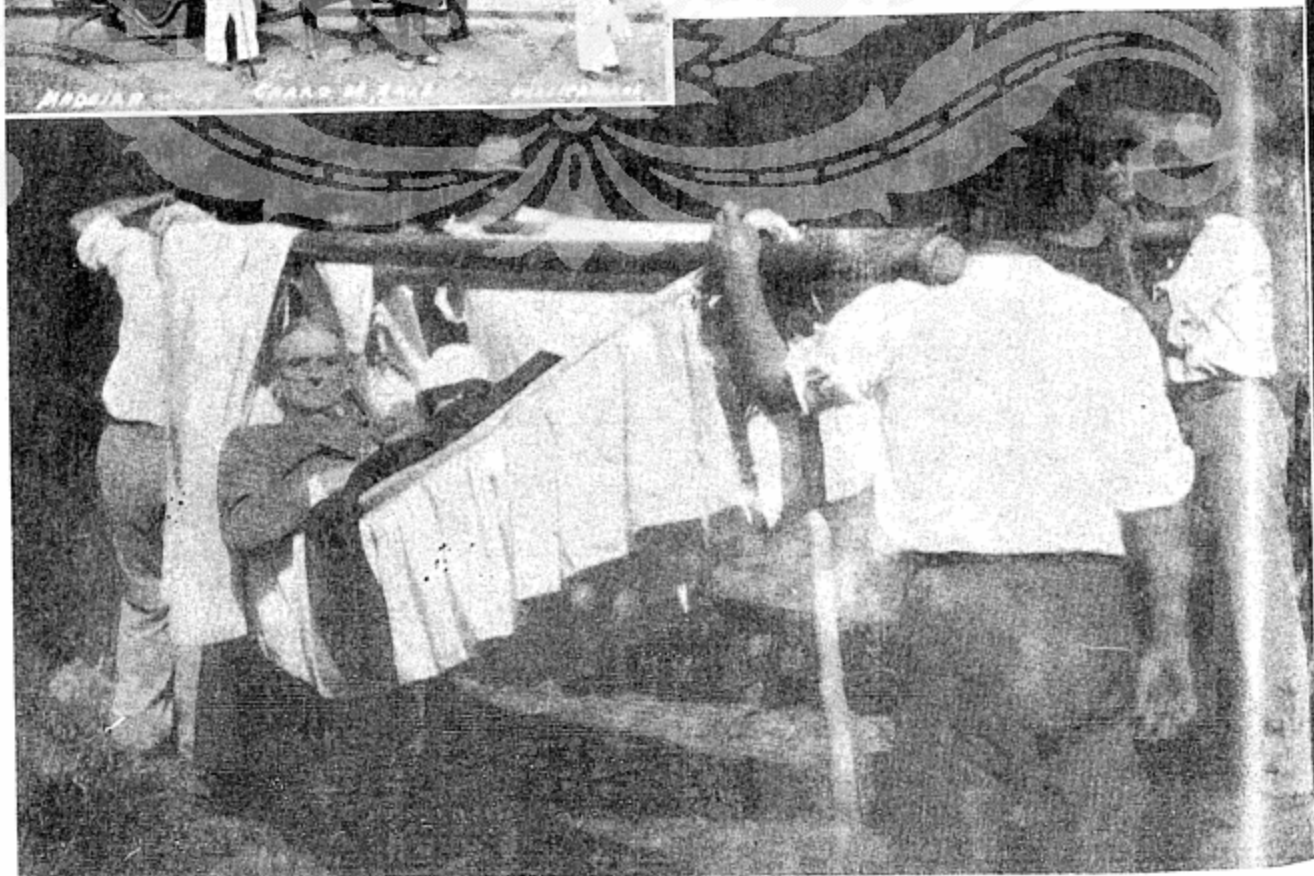
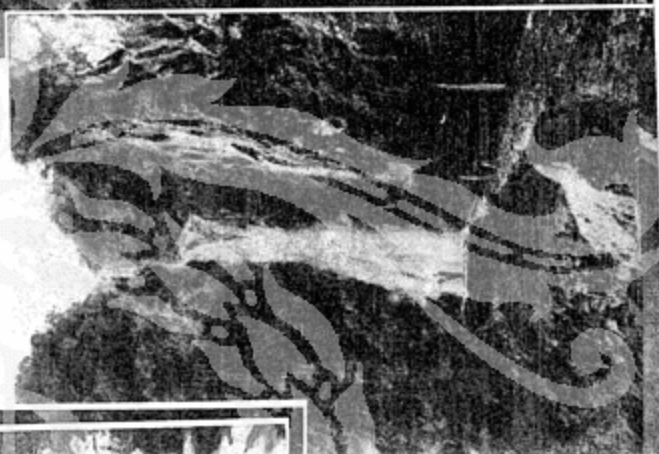
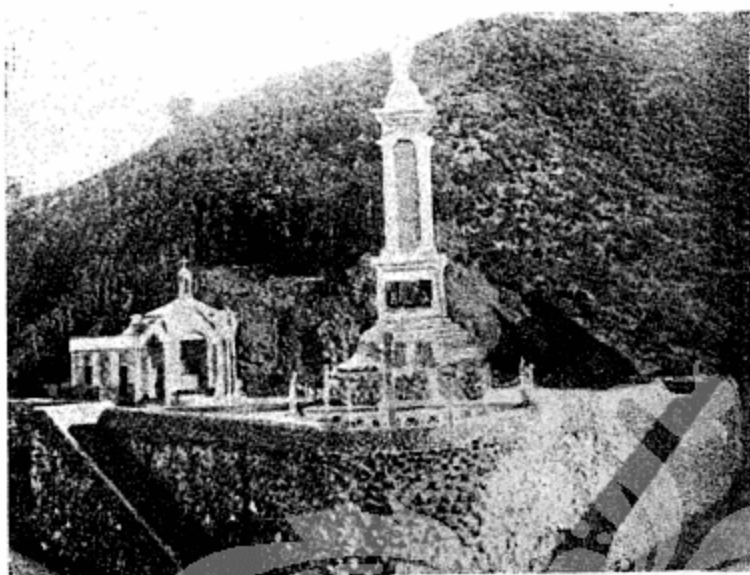
Um dia, como Gonçalves Zarco quedasse em Ceuta, ouviu dum hespanhol liberto, a vaga noticia duma ilha maravilhosa que ficava mais para o norte e em que estivéra um inglez de nome Roberto Machin, que della affirmava sêr um paraiso de encantadora formosura. Fustigado pela nova, o espirito ambicioso de Zarco desde logo pensou procurar a verdade. Para o norte, nas suas viagens da ilha de Porto Santo, Zarco encontrava sempre uma larga cortina de nevoa, que evidentemente escondia terra. Esse como que panno branco não deixava divisar o menor ponto e dava corpo ás lendas que enchiam o mar nas almas dos marinheiros. Quem sabia lá?!... Não seria offender a Deus tentar descobrir aquelle mysterio?!... Era melhor não ir... Era melhor não ir...

Mas uma manhã Zarco decidiu-se. Largou para o mar num veleiro, com alguns homens mais ousados, mas que se atiravam áquella aventura com o coração apertado pela angustia dos maus presagios, como se fossem commetter uma heresia. E o pequeno barco seguiu. Os homens olhavam, receiosos, a grande toalha de nevoa. Que estaria por detraz daquella cortina impenetravel?!... Começou a ouvir-se o claro som do estalar das vagas, que pouco a pouco se foi tornando mais nitido. De repente, a cortina de nevoa foi lentamente desfazendo-se, como se a mão de Deus a estivesse erguendo para o Infinito. Desfez-se, por fim de todo,, e o olhar embaciado de lagrimas daquelles rudes homens do mar fixou-se, espantado, deante daquella maravilha, que parecia ter sahido naquelle mesmo instante das mãos divinas. Um tapete de verdura, duma macieza de velludo estendendo-se a perder de vista; altas penedias erguendo-se para o azul; cerradas florestas impenetraveis, de altos e umbrosos arvoredos. Era uma ilha?... E o veleiro foi seguindo, seguindo, em longas horas fatigantes, até que voltou ao primeiro ponto. A cada passo novos encantamentos surgiam aos olhos dos nautas. Que maravilha!... Que maravilha!...

Largados de novo para Porto Santo, Gonçalves Zarco correu ao Infante a dar-lhe a bôa nova. Mais uma joia para o escrinio de Christo. E Zarco foi prodigo em descrever os encantos da nova ilha descoberta. O Infante teve um momento rapido de alegria. Doou a ilha, que se chamaria da Madeira, a Zarco e a Perestrello. Depois, não pensou mais nisso. Aquillo era nada. O seu sonho, sonho de todas as horas, sonho que lhe devorava o coração, era a Africa, essa Africa de que elle queria descobrir a forma seductora.

Visões nocturnas da cidade do Funchal. Ao centro, a bahia, numa noite de luar. Em cima e em baixo, aspectos das festas de fim de anno, com o deslumbramento dos fogos de artificio.

A colheita da uva para a fabricação do precios[o] vinho da Madeira.

Uma das conducções typicas da ilha da Madeira: [o] carro de bois de fundo plano, usado nas montanhas.

Outro meio de conducção typicamente madeirense: a[s] commodas rêdes, em que os excursionistas sobem as montanhas.

As reportagens do «Fon-Fon»

MADEIRA, a ilha encantada

O Terreiro da Lucta, com o Monumento da Paz.

CONFESSO que a perspectiva de uma visita obrigatoria de 15 dias a Madeira não me encantava. Céos! Que horrivel massada! E como um dos «ossos do officio» se me apresentava em um momento bem desagradavel para a minha vida de judeu errante do jornalismo! Malas promptas, cheio de mau humor, revoltado contra esse golpe immenso, no meu equilibrio nervoso, lá me deixei transportar pelo «Orania». Afinal, não comprehendi bem o fim e a utilidade de uma reportagem em uma ilha perdida no meio do Oceano, e da qual não guardava senão uma recordação penosa e enxovalhada por um guia que me houvéra conduzido á casa mais infecta de promiscuidade que já vi, um tal «Palacio de Crystal», como o unico divertimento e a unica cousa digna de ser vista por um passageiro cansado de 12 dias de viagem da America para a Europa. Haviamos chegado ás 10 e sahiriamos á meia noite. A recordação que dessas 2 horas guardava eu era sufficiente para sentir uma enorme pena pela Madeira.

Por que para lá me enviavam? Eram ordens, que naquelle momento me revoltaram, e que hoje bemdigo. Madeira não é nada daquillo que eu vira em uma noite escura e na avidez de um lenitivo para o cansaço e a monotonia de uma longa viagem. Penitencio-me do erro, e renégo a chronica que então escrevi na «Bôa-Noite», mas não posso deixar de encontrar mil e uma desculpas para a minha falsa impressão.

Primeiro, os guias dum porto, em todo o mundo, são fiscalizados e controlados, e quem está habituado a viajar não deixa de «fazer fé» no que se lhe apresenta, como me succedeu. Depois não se faz, na Europa ou na America, uma propaganda condigna sobre a ilha da Madeira, o maior e o melhor recanto de Portugal para o turismo. De modo que, quando, de surpreza, um ignorante, á cata de tostões, nos mente, temos que acreditar nelle forçosamente.

O artigo que então escrevi dando as minhas impressões, e que suscitou protestos, foi feito na maior bôa fé e devo dizer que, se o renégo hoje, é porque vi o que nelle havia de injusto e não porque tenha recebido algum favor do governo portuguez. Prézo os portuguezes, admiro-os enormemente, mas nada lhes devo senão um immenso respeito. Dito isto, voltemos a essa bemdita viagem de agora, na qual a Madeira foi para mim uma revelação.

Faço minhas as impressões do grande Geographo d'Avezac: «Nada conhecemos de mais bello e magestoso do que a Madeira, vista á distancia, da coberta de um navio; de toda a parte se elevam rochedos maritimos gigantescos e escarpas formidaveis de lava, nos quaes o fogo, o tempo e as águas fizeram enormes rasgões, que formam os portos e as bahias abertas á navegação».

E, á medida que o navio se aproxima, deslumbra-nos a vista uma apotheose que percorre todas as gamas do verde, estojo que se nos abre para mostrar o que ha de mais bello. Funchal, verdadeiro presepe, com as suas casinhas brancas encravadas na montanha, com os seus roseiraes e as suas magnolias sempre em flôr!...

Funchal é uma das cidades mais typicas que possue Portugal. Digo a mais typica, porque, se a mão fina, longa, aristocratica da civilização passou nos seus hábitos e nos seus costumes, a cidade conservou um aspecto bem portuguez, caracteristicamente portuguez, onde se vê e se sente o seculo glorioso em que Portugal commandava o mundo, para as descobertas e para o romantismo-aventurerio da colonização. Não vacillo em declarar que é na Madeira que melhor se falla e melhor se escreve actualmente o portuguez. Encontrei, no Funchal, na bôcca do povo, termos bem populares lá, e cujo significado (venho de verificar) só encontrei em Bernardes, Vieira e Sá de Miranda, e que tanto o Portugal de hoje como os seus escriptores não empregam. E áquelles que ainda duvidam da marca indelevel da colonização portugueza no mundo, basta mostrar que alguns desses termos são usuaes tambem no norte do Brasil: basta mostrar-lhes a Madeira onde os costumes, os hábitos e os defeitos se aproximam mais do Brasil que de Portugal. Não hesito em affirmar, mesmo, que são elles identicos aos do Brasil. Melhor e maior gloria para Portugal não póde existir, porque se delle estamos separados desde 1822, a «trade mark» ficou. Comparem os nossos defeitos e qualidades aos da Madeira, e verão.

Madeira é um céo aberto. Madeira é a casa do sol que ali se deita e ali se levanta. Infelizmente, emquanto seus proprios paes a occultam ao mundo, como um filho engeitado, (esquecendo que o turismo hoje é uma das maiores fontes de renda de um paiz), os inglezes, os frios e impassiveis inglezes, cujo coração é feito de «spleen» e o cerebro de cifrões, souberam vêl-a como ella é e dar-lhe o seu justo valor. Na Madeira só se vê inglez em «vacances», em cura, em «agrement», em funcções commerciaes e á procura daquillo que Deus lhe negou para dar a Portugal — o sol. O sol do inglez é a libra que aquêce artificialmente e o do portuguez é o proprio astro que o aquêce e aquêce a libra. Lei natural das compensações.

Não fallarei das bellezas da Madeira, que são infindaveis e já descriptas e cantadas por todo o mundo. Não haveria papel sufficiente para descrevêl-as, nem palavras para fixál-as. Fallemos dos homens.

A Madeira, até agora, tem sido abandonada, ou melhor, esquecida dos poderes publicos portuguezes. Por que? Não o sei. Talvez a politica, essa sórdida politica que até bem pouco dominou Portugal, tenha sido um dos factores primordiaes desse esquecimento. Comprehendendo isso, Salazar, esse Cabral do equilibrio financeiro portuguez, volta agora os seus olhos para a ilha que póde ser, pelo turismo, uma das maiores fontes de renda para Portugal. E já não é sem tempo! Um porto magnifico deve ser construido, (e cujas obras ainda este anno, ao que dizem, serão iniciadas) com um enorme e magnifico cáes, que virá supprir uma das mais sensiveis faltas existentes na ilha, que é a impossibilidade da atracação dos vapores. Por outro lado, um novo governador vem

A Ponta de Sol, recanto da cidade do Funchal.

Por BRICIO DE ABREU

(Correspondente em Paris e enviado especial do «FON-FON»)

de ser nomeado, homem energico, alheio inteiramente á politica, cheio de talento e iniciativa, e de quem mais adeante fallarei. Assim inicia o governo portuguez a campanha da bôa vontade em favor de um dos recantos mais lindos da terra, que é a Madeira. Tudo, em Portugal, é como no Brasil: custa-se a fazer, não se liga, mas, uma vez que se faz — faz-se de verdade. De modo que, dentro em breve, veremos a formosa ilha definitivamente integrada no seu destino, figurando no programma do governo da metropole. E esperemos que, com uma bella propaganda (de que ella bem precisa!), os olhos do mundo se voltem para o paraiso de 1934.

* * *

O caracter do madeirense differe bastante do do portuguez do continente. O seu temperamento chega-se mais ao dos povos tropicaes, com aquella sinceridade á flôr da pelle, aquelles gestos largos e exuberancia de expressão. Dahi o haver eu notado a sua semelhança com os brasileiros. Todos os sentimentos de egoismo, que se entrechocam e dilaceram aquella desconfiança que tolhe o gesto e retrae a expressão caracteristica do homem moderno, das grandes cidades, não existem na Madeira. Feliz terra, onde as chaves dormem nas portas, onde o furto é tão raro que, quando um apparece, o espanto é tão grande, que attinge as raias do ridiculo! Fe'iz terra, onde os Oustrics, as mmes. Hannaux e os Stavskys são completamente ignorados! A honestidade é innata no madeirense, como innata é a sua fidalguia; o respeito é a base de toda a sua gentileza. Não fui á Madeira com uma única recommendação. Conheci o mundo official quasi que superficialmente, vivi com o povo, com o advogado, com o hoteleiro, com os empregados subalternos e não encontrei uma unica creatura que, natural e instinctivamente, não fôsse cortez e gentil, que não levasse ao maximo a preoccupação de ser útil e de deixar no viajante uma impressão admiravel da terra.

Existe na Madeira um brasileiro honorario, advogado de grande renome, consultor juridico do nosso consulado, Alexandre da Cunha Telles. E' notavel nesse homem, o amôr pelo Brasil, a que nenhum laço o liga. Não póde dizer duas palavras sem pronunciar o nome do nosso paiz. Senhor de um formoso talento, fál-o de uma maneira tão intelligente e tão sincera, que, mesmo nas cousas mais afastadas e sem nenhuma relação comnosco, encontra meios de fazer a propaganda e elogiar a nossa terra. Ainda ultimamente, publicou um livro sobre a... Dinamarca. Fiquei estupefacto de ver no indice: «O Brasil e a Dinamarca». Por que diabos e a que proposito lá estavamos nós, com um vasto capitulo no livro sobre a Dinamarca? Pois não se espantem. Inteiramente coordenado, esse capitulo absolutamente leal é feito com um a proposito digno de ttaenção! Assim tem elle sido sempre e, se tivessemos cinco homens como esse em todo Portugal, não necessitavamos de outro representante para exaltar as nossas cousas. Aliás, devo dizer que todo o madeirense é um sincero admirador e amigo do Brasil; mas, francamente, em toda minha vida de jornalista errante, nunca encontrei um homem tão ao corrente das nossas cousas, da nossa terra, da nossa historia, dos nossos costumes e um tão enamorado do Brasil como o dr. Cunha Telles. Por seu intermedio, conheci toda a ilha, todas as suas notabilidades — todas as suas bellezas. Por seu intermedio, conheci o padre Fernando da Silva e o major Reis Gomes. O primeiro, historiographo meticuloso, de grande envergadura, constitue uma das preciosidades da ilha; o segundo, é um dos mais finos literatos e uma das culturas mais sólidas de Portugal. Da Academia de Sciencias de Lisbôa, talento brilhante, o major Reis Gomes conquistou a minha profunda admiração.

* * *

Termino aqui esta chronica breve, de impressões rapidas, sobre a ilha mais formosa. Verdadeiro paraiso terrestre, que é Madeira, e que nós no Brasil ignoramos completamente, não por nossa culpa. Aliás, a Europa, tambem a ignora, por falta de uma propaganda efficiente e bem feita; e se não fôsse o seu famoso vinho, creio que seria ella completamente desconhecida. O brasileiro que vae á Europa perde, talvez, a sensação de belleza, a maior da sua viagem, não visitando a Madeira... O celebre naturalista Humboldt, em um soberbo artigo, dizia: «Se a bella descripção da Ilha Pheacia, feita por Homero, em que os fructos succedem aos fructos, e as flôres ás flôres, em uma variedade rica e sem fim, póde ser applicavel a alguma ilha moderna, é seguramente á Madeira». E é bem verdade.

Ruinas do Convento de Santa Clara.

Quanto a mim, sou suspeito para dar uma opinião, porque dizem que os apaixonados vêm tudo côr de rosa... E a Madeira é toda côr de rosa...

* * *

O QUE NOS DISSE O GOVERNADOR DA MADEIRA

O novo governador civil da Madeira synthetiza as grandes esperanças dos ilhéos. Jurista notavel, advogado famoso em todo Portugal, o dr. Antonio Corrêa Caldeira Coelho, que possúe innumeras amizades no Brasil, é um grande amigo nosso e conhecedor profundo das nossas cousas. Viveu alguns annos na nossa terra, e seu pae, que se considéra um «bom brasileiro», deu ao Brasil 30 annos, os melhores de sua vida, de energia e trabalho, pelo engrandecimento do nosso solo.

O dr. Caldeira Coelho veiu tomar posse do seu governo na vespera da minha sahida do Funchal, e qual não foi a minha surpreza e satisfação ao saber que elle queria ver-me antes da minha partida. Gésto verdadeiramente amavel, e ao qual sou profundamente reconhecido.

(Conclúe na pagina 55)

A capella de Santa Catharina, monumento historico da Madeira.

A flora luxuriante da ilha da Madeira decora os jardins com a majestosa poesia dos vegetaes em festa. Aqui está um recanto de parque particular que offerece a belleza da terra exuberante.

ASPECTOS DA ILHA DA MADEIRA

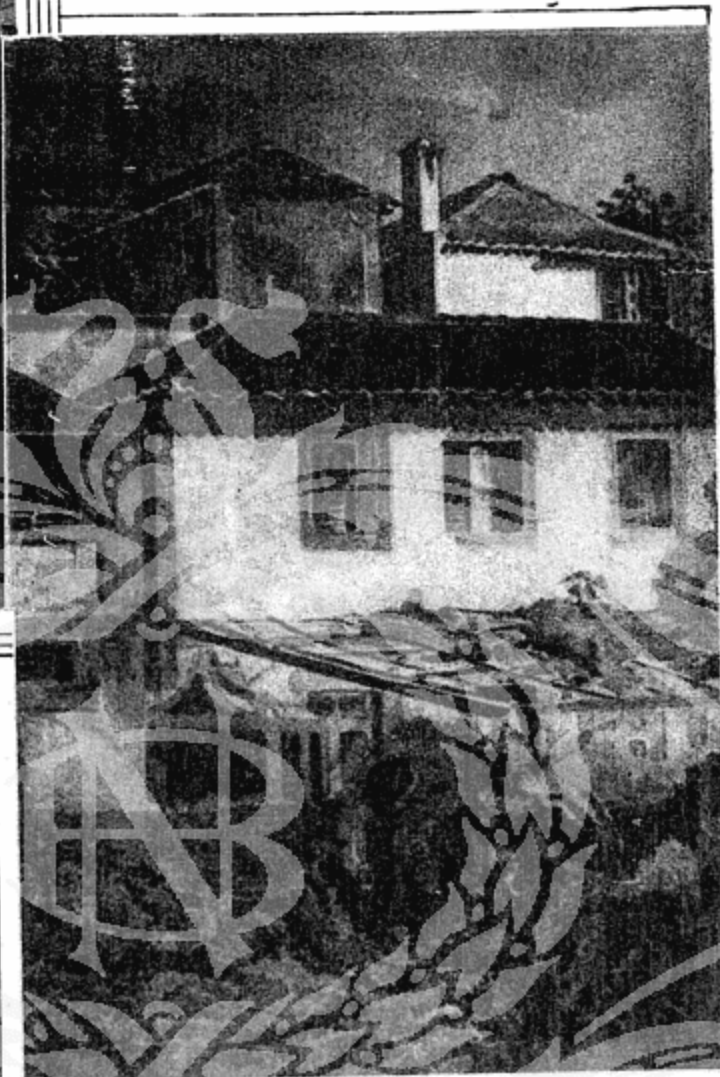
1 — Vista parcial de uma aldeia da Madeira.

2 — Os rochedos denominados «As trez Irmãs», na Ribeira da Janella.

3 — Porto da Cruz.

4 — Penedo do Sacco, na Ponta de S. Lourenço.

ARTISTAS MADEIRENSES

«Casas do Funchal», aquarela de Alfredo Migueis.

«Retrato», quadro de Henrique Franco.

Escultura em madeira de Francisco Franco.

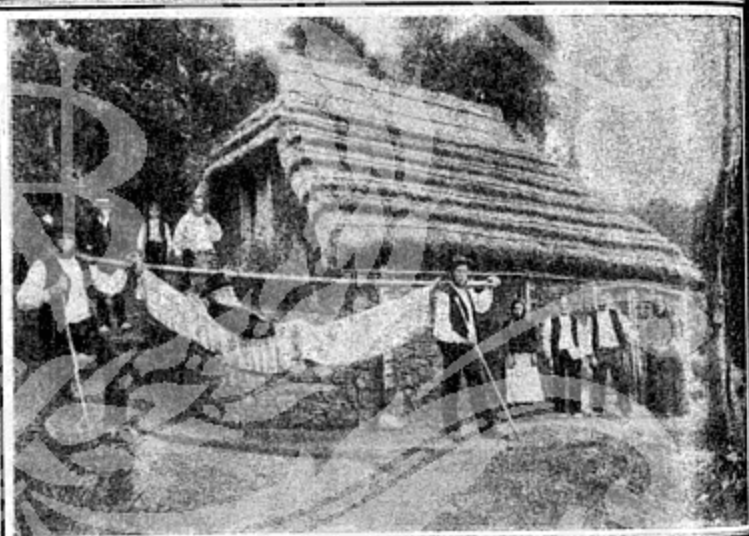
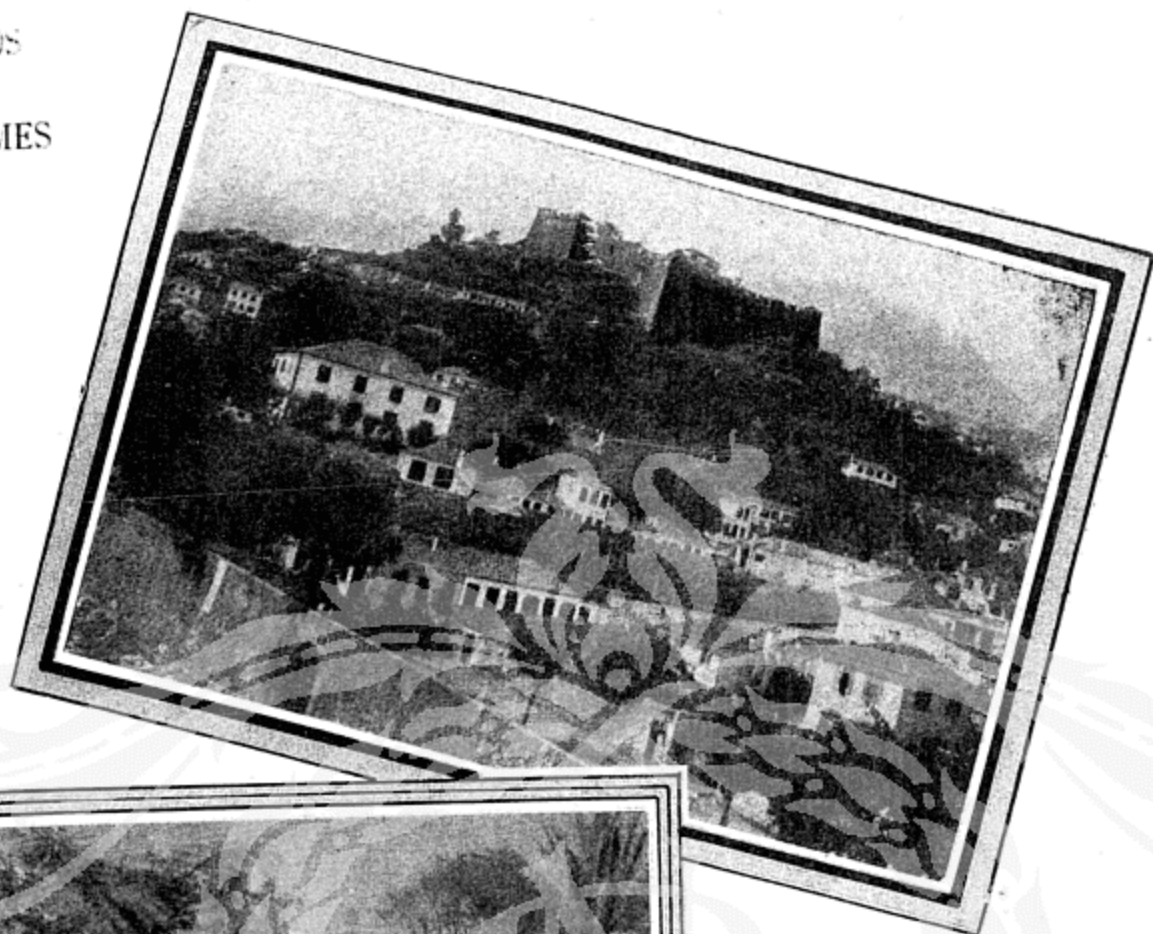
«Esperando o peixe», quadro de Adolpho Rodrigues.

1 — Vista geral da cidade do Funchal, capital da ilha da Madeira.

2 — O transporte em rêde pelas montanhas da Madeira.

3 — Uma plantação em plena ilha.

4 — Recanto de um jardim.

TYPOS
E
COSTUMES

1 — Outra perspectiva da capital madeirense. Ao fundo, no alto, destaca-se uma das fortalezas que a defendem.

2 — O commercio de flôres e fructas nas ruas de Funchal.

3 — O transporte do vime, que é uma das fontes de renda da ilha.

4 — Mulheres occupadas no preparo do vime.

FON-FON no cinema

ENTRE A CRUZ E A ESPADA

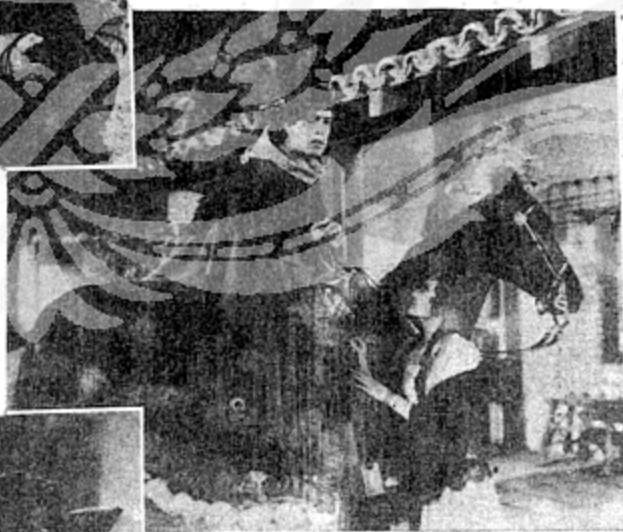
FILM DA FOX

com

José Mojica

ALIFORNIA, 1830. Uma das historicas issões fundadas pe- padre Junipero erra.

O tempo corre tranuillamente, até que m dia, pela primeira ez apparece a nova e que nas montanhas e encontrara ouro. osé Antonio, um raaz corajoso, decide ir xplorar esperançado m enriquecer para oder casar com Carnela uma linda rapaiga que vive com sua a Monica. Emquanto osé Antonio e um rupo de rapazes se ncontram na sua arojada aventura de procurar ouro na montanha, o Iestiço, um bandido que era o terror do logar, entra a povoação, saqueia as casas e abusa dos pacificos avradores. O Mestiço rapta Carmela, mas o irmão rancisco consegue resgatal-a. O Irmão Francisco é m noviço joven sempre prompto a pegar na cruz u na espada, segundo as circumstancias o exigiam. E' o melhor amigo de José Antonio, o que o não npede de se sentir irresistivelmente atrahido pela doce innocencia de Carmela, se em que a principio não de conta da natureza dos seus sentimentos. Decidido, trata e refrear aquella tentação, estando por vees na iminencia de lhe ceder. De luta em luta consegue vencer o seu instincto e dominar-se precisamente quando na aldeia rompe a noticia de que finalmente se encontrara na montanha o ouro desejado. O Irmão Antonio podia tambem ser rico e poderoso se quizesse, pois a elle se devia a descoberta pois guiara os pesquizadores. Mas desde que salvara Carmela das mãos do bandido que toda a aldeia começava a falar da sua paixão pela formosa rapariga.

Quando José Antonio regressa á aldeia, rico e feliz, disposto a casar com Carmela, chegam-lhe aos ouvidos murmurações sobre os amores do Irmão Francisco e de Carmela. Cheio de raiva, procura o noviço e exige uma explicação. O Irmão Antonio ouve tranquillo os insultos do seu amigo e nada lhe responde. Isto desespera José Antonio, que enfurecido tenta aggredil-o. Nem então o Irmão Francisco perde a calma convencendo o seu amigo de que Carmela é a mais pura das mulheres, merecedora do melhor homem da aldeia. Quando Carmela, horrorizada ao pensar no que poderia ter acontecido, corre á missão, em busca de José Antonio, o Irmão Francisco

tranquilliza-a, affirmando-lhe que o seu noivo viera apenas pedir-lhe que cantasse no dia das suas bodas.

A cerimonia relizou-se na capella da Missão. O Irmão Francisco, afogado de emoção, cantou nesse dia como nunca cantara em sua vida.

A mais genial interpretação artistica de Mojica!

Um poema de belleza e religião e um drama de fé e renuncia que será apresentado simultaneamente na semana santa como preito aos corações catholicos na maior data do christianismo! Mojica com a sua voz adorada far-se-ha ouvir em trechos musicaes de um encantamento mystico!

Durante a semana santa

Alhambra (*Rio de Janeiro*) **Odeon** (*sala vermelha*)
Central (*Juiz de Fóra*) **Guarany** (*Bahia*)
E MAFALDA (*S. Paulo*)

ANN VICKERS

Producção da RKO-Radio — com

IRENE DUNNE - WALTER HUSTON - CONRAD NAGEL - BRUCE CABOT e EDNA MAY OLIVIER

ANN VICKERS é uma mulher de temperamento energico e decidido, que escandaliza os que a conhecem pela sua independencia de idéas e pela guerra sem treguas que move contra a hypocrisia social... Socialista, de idéas avançadas, ella não se intimida quando tem de rebater as opiniões dos que combatem os seus pontos de vista, marcando, assim, para a sua figura, uma aureola de superiodade que todos lhe reconhecem. Por essa altura os Estados Unidos são chamados a intervir na Grande Guerra e o homem dos seus sonhos, a quem se entrega, perdida de amor, parte, perdido de paixão. Termina o sangrento e brutal conflicto e Ann, que já era mãe, vê o seu bem amado voltar, interessado por outra. Cheia de revolta com a ingratidão, sua alma de mulher se revolta, mesmo abafando todas as vozes da mãe que ella era, e alija da sua vida e do seu pensamento aquelle homem que lhe marcava na alma, assim de maneira tão rude, a sua primiera grande desillusão. E volta-se toda para os seus estudos e procura o isolamento na casa de uma intima, a doutora Wormser, que a incentiva a proseguir na sua carreira interrompida. Morre-lhe o filho e passando por mais este duro golpe, dedica-se inteiramente, aos seus trabalhos e ao livro de grande sensação que escrevia sobre as barbaridades a que assistira numa penitenciaria onde occupava um lugar de destaque. O seu livro provoca enorme escandalo e em consequencia demittem-na do lugar, não sem provocar protestos, os mais vivos, de varias individualidades de destaque, entre os quaes o juiz Barney Dolphin, que, mesmo sem conhecêl-a, se interessou pela reparação da clamorosa injustiça. A esse tempo Ann Vickers encontra o joven Lindsay Atwell, amigo dos tempos de infancia, e que se mostra inclinado a desposál-a.

Ann, que sempre sonhou com um lar e com o carinho meigo e bom dos filhos, sorri de alegria, na esperança de que Lidsay lhe proporcionará o grande sonho. Mas, subindo sempre na sua carreira, ella, em pouco, augmenta a sua celebridade, ao receber o gráu de doutora numa celebre Universidade. Mas em breve novo desengano vem assaltál-a e feril-a. E' que Lindsay, para occupar um lugar de destaque na magistratura, se compromette com certa dama de grande influencia politica... Ainda não estava refeita desse golpe atróz, quando conhece pessoalmente numa reunião, o juiz Barney Dolphin. Sente por elle uma grande attracção e todas as vozes intimas da sua alma lhe dizem que o mesmo se passa com o juiz, que é casado, mas que no matrimonio só tem soffrido revezes e os mais amargos desenganos. Estabelece-se entre ambos grande intimidade e a identidade de espirito e de cultura mais e mais os aproxima. Eram dois infelizes que se comprehendiam, como se a propria Fatalidade os empurrasse um para o braço do outro... Mas a esposa do juiz, por capricho e interesse, não concorda com o divorcio; mesmo assim, elles se unem para começar a felicidade que ambos mereciam. Dessa união nasce uma linda criança, e Ann já se convence de que nenhum golpe mais lhe reserva o Destino, quando Barney se vê envolvido num ruidoso processo, sob a accusação de que se deixára subornar. Com o escandalo, a esposa do juiz divorcia-se e Ann fica collocada num difficil dilemma: ou renuncia ao seu lugar de grande destaque, na magistratura, ou renuncia ao seu grande amor. Prefere ficar com este, por não querer desamparar o homem querido quando elle mais necessitava da sua assistencia; perde a posição mas consolida a felicidade do seu lar, casando-se com Barney, cuja reputação se rehabilitou, desde que seus amigos provaram que seus erros judiciarios eram apenas reflexos das condescendencias do seu coração generoso.

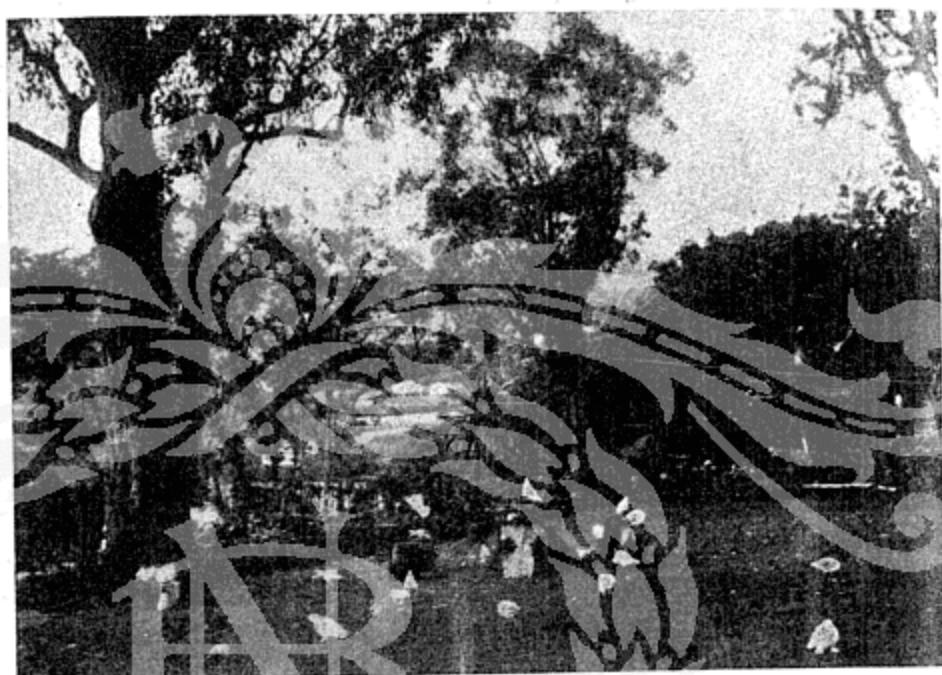
E os dois começaram a ser felizes, para sempre...

A formosa ILHA DA MADEIRA

A PEROLA DO ATLANTICO

É um dos recantos mais bellos do Mundo

Paisagens surprehendentes

GRANDES ALTITUDES

Ilha do Sol — *temperatura suave — ausencia de poeiras*

SERVIÇOS DE EXCURSÕES ORGANISADOS PARA OS pontos mais bellos da Ilha e da cidade e arredores.

Pela COMPANHIA INGLEZA DE EXCURSÕES

a maior organização de turismo da Ilha. Agentes das Companhias Internacionaes de Turismo. Carros de luxo, correctores especialisados

Preços minimos = Tabellas reduzidas

A bordo de todos os barcos que aportam o Funchal, peça prospectos e informações de preços, etc. AOS NOSSOS CORSECTORES

Primeiramente consulte os nossos preços, excepcionaes

BUREAU: — Rua Murças, 46-2.º — MADEIRA

NÃO PASSE PELA MADEIRA SEM VISITAL-A

MADEIRA, a ilha encantada (Conclusão)

No meio da «lufa-lufa» da chegada, sem mesmo tomar sciencia dos factos e actos mais urgentes do seu espinhoso cargo, s. ex. quiz ver um jornalista, sómente porque elle era brasileiro! As minhas impressões sobre elle, já as dei em um dos diarios do Rio. Alto, magro, physionomia energica, olhar firme, metalico, que synthetiza as grandes vontades, o dr. Cabeira Coelho, que não é politico profissional, que como jurista é um apologista e respeitador dos direitos e da Lei, foi para a Madeira munido exclusivamente do desejo de fazer o bem e acertar.

— Veja v. — dizia-me elle: — venho com a firme vontade de esquecer que sou de Lisbôa. Quero convencer-me, emquanto aqui estiver, de que sou madeirense e batalhar pela minha ilha. Quero que a Madeira seja grande em tudo e por tudo, e, trabalhando assim, trabalharei pela grandeza de Portugal.

A nossa conversa prolonga-se sobre varios aspectos da Madeira, que s. ex. conheceu quando estudante de Coimbra. Repentinamente, um silencio se fez entre nós. Aquelle olhar duro, energico, perde-se no infinito; a sua physionomia illumina-se por uma recordação longinqua, e, pausadamente, elle, como se as palavras lhe viessem do fundo d'alma, balbuciou:

— O Brasil!... O meu Brasil!... Ah! Quem póde esquecêl-o?... Falle-me delle. Diga-me o que vae por lá. Como vão os brasileiros?... Que vontade tenho eu de lá voltar!...

Satisfiz-lhe á curiosidade o melhor possivel e, como chegassemos ao terreno politico, dobrei uma esquina na conversa e cheguei ao ponto de partida, e ainda lhe fallei do ministro Salazar.

— O ministro Salazar, — respondeu-me s. ex. — é um facto virgem na historia do mundo actual. Os paizes melhor governados na Europa têm dictadores, administradores, mas não têm financistas, e dahi a causa de serem, ás vezes, bem governados, mas luctarem titanicamente com as finanças e o seu equilibrio interno. O dr. Salazar é um administrador e um grande financista. Nisso se explica a situação actual de Portugal, uma das melhores da Europa. Homem simples, o poder não lhe subiu á cabeça. Conservou os mesmos habitos e a mesma vida simples que tinha antes de ser governo. Sobretudo justo, de uma justiça forte e sem rodeios, o que lhe deu a admiração e a confiança de todo o mundo. Comprehenda que não vae nas minhas palavras o desejo de o agradar. Não. Consulte o mais humilde operario portuguez, e verá que a opinião é uma única em todo Portugal, é que esse homem conseguiu uma das cousas mais difficeis, que é governar e ser querido do povo...

— E v. ex., que foi nomeado pelo governo Salazar, traz grandes projectos para a Madeira?

— Aqui estou com a confiança do governo, que se interessa enormemente pela ilha. Obras vão ser iniciadas no porto. Um novo e grande casino será construido e uma intensa propaganda de turismo será feita pela Madeira, afim de tornál-a conhecida e collocál-a no logar em que ella deve estar, um dos primeiros do turismo mundial. O clima aqui é admiravel; não ha grandes chuvas, nem grandes calores, nem grandes frios. A paizagem é uma das mais bellas do universo. Possuimos hoteis que são verdadeiros palacios de conforto. Por que então não dar á Madeira o posto que ella merece no turismo mundial?

— Talvez a falta de propaganda — aventurámos.

— E' justamente nesse ponto que páram actualmente os estudos dos poderes publicos, e estou certo de que essa causa desapparecerá dentro em pouco, pois breve a Madeira terá uma propaganda efficiente e bem organizada. Mas, para se fazer tal propaganda, é necessario possuir os elementos que a justifiquem. Ponhamos a casa em ordem, arranjemos tudo e, depois, então é que se deve fazer convite, para as visitas. Como vê, venho apenas de tomar posse e nada lhe posso dizer senão que o governo pensa em realçar aos olhos do mundo esse paraiso que é a Madeira, e que o seu programma é um único — «engrandecimento de Portugal». E se um dia, como governador da Madeira, me fôr dado acompanhar uma caravana de madeirenses ao Brasil, afim de visitar sua grande terra e convidar os brasileiros a virem aqui como á casa de um irmão, creia que serei um homem felicissimo e que realizarei um dos meus ideaes!...

Um continuo avisa a s. ex. que o reitor da Universidade deseja vêl-o. Despeço-me. E, já na porta, o dr. Cabeira Coelho, bondosamente, repete:

— Diga aos meus amigos do Brasil que não os esqueço, como não me esquecerei jamais desse querido Brasil.

Quando passei pela sala do continuo, um soldado, ainda espantado de me haver visto tanto tempo com um governador que vinha de chegar, julgando-me um sujeito importante, bateu os calcanhares e apresentou armas, emquanto o continuo me abria a porta e dizia:

— Passe muito bem!...

E aquelle soldado convenceu-me de que eu era qualquer cousa na vida...

A Madeira é tão bonita, que dá essas illusões á gente...

BRICIO DE ABREU

A. IZIDRO GONSALVES

ESTABELECIDO EM 1870

A MAIOR CASA EXPORTADORA DE VINHOS MADEIRA PARA OS MERCADOS DO BRASIL

Proprietaria das famosas marcas

"R" e "M"

conhecidas em todo o Brasil

Premiadas com **Medalha de Ouro** na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 — **Grand Prix** na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1922 -- **Medalha de Ouro** na Exposição de Sevilha de 1929

AGENTES NO RIO

SEIXAS & AFFONSO

12 Rua do Ouvidor, 1.º andar
Rio de Janeiro

AGENTE EM SÃO PAULO E SANTOS

ANTONIO A. DA SILVA MOREIRA

Avenida Cons.º Rodrigues Alves, 83
S. PAULO

A PEROLA DO ATLANTICO - MADEIRA

A Ilha ideal como clima — O Paraiso da Saude

Adquirí:

Os maravilhosos TAPETES e CARPETES a mais artistica industria da linda

Ilha da Madeira

A PEROLA DO OCEANO

Typos | MADEIRA
SMIRNA
TURCO
PERSA

(Grandes Premios em todas as Exposições Portuguezas)

Deposito de vendas: CENTRAL BAZAR, Rua da Alfandega, 33

Funchal---Madeira

---

*Quando passar pela Ilha da Madeira, visite a artistica manufactura de tapetes **(exclusivo na Ilha)** situada na encantavel* **QUINTA DA BOA VISTA**

---

5 minutos, em auto, do caes de desembarque

A MORTE DE ACHILLES

De ITAVAZ

UCAS — disse Romeu ao amigo: — quero morrer.

—Estás louco?! Porque morrer? — perguntou Lucas, consternado.

—Porque amo uma moça que não poderá ser minha.

—E de quem poderá ser?

—Não sei! Mas a mãe della tem do matrimonio, a mais absurda theoria. Diz que um marido sem dinheiro é como um *pleonasmo*... E' o ultimo botão do collete de um pintor futurista; uma coisa, emfim, completamente inutil. E eu sou precisamente, para ella, um pleonasmo em figura allegorica de botão.

—Por que não tens dinheiro?

—E' isso mesmo; de maneira que tomei a resolução de morrer.

—Reflecte ainda um pouco, antes de te matares — recommendou Lucas, no momento de partir. Os gestos apressados são sempre inuteis... Pódes te arrepender. E depois?...

* * *

Noutra semana, Romeu, que ainda estava vivo, foi ter alvoroçadamente com o Lucas.

—Lucas, meu amigo, Julieta indicou-me o meio mais certo de angariar as bôas graças da sua mãe. E' preciso dar-lhe um papagaio. Lucas, salva-me, por piedade! Arranja-me um papagaio!

—Mas é tudo quanto ha de mais facil! No mercado ha centenas de papagaios.

—Desgraçado, que não comprehendes nada! O papagaio deve falar... deve saber conversar com verbosidade fluente. Onde encontro um volatil tão sabio?

—Romeu! — gritou Lucas. — Tenho uma idéa! Chegou, ha pouco tempo, de Vienna d'Austria, um professor de *ventriloquia*".

—Como?

—*Ventriloquia;* quer dizer a sciencia de falar com o epigastro, ou, se preferes, a sciencia de falar com a barriga... Aprende a falar com a barriga. Vae depressa ter com o professor!

—E quando souber falar com a pança, que vae acontecer?

(Cont. na pag. seguinte)

A MORTE DE ACHILLES

(*Continúação*)

— Comprarás o papagaio mudo e falarás no lugar delle.

— Lucas! Lucas!, és um deus!—gritou Romeu, no auge do enthusiasmo.

E correu em busca do famoso professor de ventriloquia.

* * *

— E' verdade, meu caro Romeu — disse a mãe de Julieta ao nosso heróe, encontrando-o num *garden-party* — é verdade que você tem um papagaio que fala?

— Perfeitamente, minha senhora; tal qual o protagonista de um film 100|100 falado. Se me dá licença, tomarei a liberdade de pôl-o a seus pés, em signal de respeitosa homenagem, prevenindo-a, todavia, que é uma ave muito desconfiada. Não fala deante dos estranhos. Só fala quando eu estou presente. Talvez que com o tempo, muito tempo!, acabe tomando o habito de falar com sua nova familia. Que quer?... Mandar-lhe-ei o papagaio; mas olhe que longe de mim elle não falará!

— E quem lhe impede — disse amavelmente a senhora — de vir á nossa casa?

— Com o "Achilles"?

— Quem é o "Achilles"?

— E' o papagaio.

— Pois venha com o "Achilles".

— Ah, minha senhora! — exclamou Romeu, no auge da alegria. — Hoje mesmo, depois do jantar, irei á sua casa com o "Achilles"!

* * *

— Lucas! — disse Romeu ao amigo alguns dias depois: — estou ébrio de felicidade! O papagaio está em casa de Julieta e fala pela minha barriga. A futura sogra não cabe em si de contente! Logo ao me avistar o "Achill[...] começa a gritar:

"Como vae, patr[...] Romeu? — Como v[...] patrão Romeu? Qua[...] do não estás aqui, s[...] to-me mal; apesar d[...] teus amigos serem t[...] sympathicos! Vem m[...] cêdo amanhã, patr[...] Romeu!"

— Mas então, apr[...] deste na perfeição [...] *ventriloquia?* — pe[...] guntou Lucas.

— Certamente. [...] nem é preciso o co[...] curso da barriga. T[...] do se passa na garg[...] ta. Queres ver?

E Romeu deu [...] amigo um concerto [...] *ventriloquia!*

* * *

Passaram-se os di[...] Numa manhã de ch[...] va, Julieta, no s[...] quartinho branc[...] abriu os lindos olhos [...] luz triste de um c[...] cinzento e carrancud[...] A mãe entrou pertu[...] bada, tremula, e, ch[...] gando perto da filh[...] soluçou:

— Julieta, minha f[...] lha, aconteceu u[...] grande desgraça! E[...] tamos perdidas!..

— Que susto, [...] mãe! — gritou a mo[...] nha, alarmadissima. — Que teria acontecid[...]

— Imagina tu qu[...] nosso pobre "Achille[...] morreu! A sua al[...] verde vôo para ju[...] do Creador dos pap[...] gaios! Encontrei-o d[...] ro, espichado, na g[...] la!... Que farem[...] agora com o Romeu[...] O pobre rapaz gost[...] tanto delle...

— Será talvez b[...] não lhe dizer nada, p[...] emquanto.

— Sim, é verdad[...] Procura tu, hoje, p[...] parál-o aos poucos [...] ra a triste nova. E[...]

...entretanto, vou compôr o bichinho na gaiola como se ainda estivesse vivo...

* * *

Na mesma noite, um telephonema urgente fez correr o Lucas até a casa de Romeu:

—Vem, meu fiel amigo; quero dar-te um derradeiro abraço, antes de morrer!

E Lucas precipitou-se, voando, na baratinha, pelas avenidas a fóra. Romeu jazia immovel, pállido, funebre, sobre um leito de flôres.

—Lucas, meu Lucas, tu falas a um cadaver! — gritou elle, ao avistar o amigo.

—Mas, por que és cadaver? — perguntou Lucas, com anseios de profunda e natural curiosidade.

—Porque Julieta

A MORTE DE ACHILLES

(Conclúsão)

está definitivamente perdida para mim!

—Como? Fala! Conta!

—Ouve! Hontem, fui, como de costume, á casa della, e, como de costume, apenas entrei no *living-room*, falei na garganta como se "Achilles" me estivesse dando o seu bom dia habitual. Assim: "*Bom dia patrrrão Rrromeo!... Como estás? Quando virás morrar definitivamente aqui? De outro modo não falarei mais com ninguem!!*" Um grito abafado ecoou atraz de mim. Virei-me, e vi Julieta e a senhora minha ex-futura-sogra olhando-me com olhos arregalados!... Por fim, a matrona prorompeu: "Miseravel intrujão! — Como ousou nos enganar a este ponto? — Sáia immediatamente!" — vociferou a megera. "Mas, e o "Achilles"? — perguntei: "O "Achilles", desgraçado, morreu, desde hontem!... Suma-se daqui: e não me appareça mais!" E... eu... eu..

* * *

O infeliz Romeu não poude continuar: Tinha desmaiado.

A SERRA

De Eça de Queiroz

Com que brilho e inspiração copiosa a compuzera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado! A grandeza igualava a graça. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, dum verde tão moço que eram como um musgo macio onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros sacudia a fragrancia. Através dos muros seculares, que sustem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raízes colleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flôres silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a solida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como prôas de galeras enfeitadas: e de entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para as galgar, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeara nas telhas. Por toda a parte a agua sussurrante, a agua fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, de entre as patas da egua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta á beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficamente, á espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma seara, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjaes rescendentes. Caminhos de lages soltas circumdavam fartos prados com carneiros e vaccas retouçando: — ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, numa penumbra de repouso e frescura. Trepavamos então alguma ruasinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos centros remotos por cima da negrura pensativa dos pinheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e pura entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

(Trecho de "A cidade e as serras")

A CASA VAZIA

DR. *FERNAND IZOUARD. advogado do Tribunal de Appellação, Paris.*

"Meu caro amigo:

"Escrevo-te do Deposito. Queres vir reconhecer-me o mais depressa possivel para tratares de pôr-me em liberdade?

"Sou victima da minha tolice, e o que me succede é um castigo bem merecido.

"Mas devo explicar-te, do principio ao fim, as minhas infelicidades. Ri quanto quizeres, mas acóde-me! A estadia no Deposito não é, apesar de tudo, uma villegiatura para um homem que teve a estupidez de querer fazer crêr que não passava o mez de agosto em Paris.

"E' o meu unico aggravo, a minha unica culpa, o unico crime que commetti.

"Ha oito ou dez dias que levava para minha casa conservas. No dia 2, mandei carregar as malas num caminhão e disse ao porteiro:

Guarde as minhas cartas; parto para um cruzeiro: é inutil fazêl-as seguir, não sei para onde!"

"— Muito bem, senhor. Por outro lado, eu tambem vou ausentar-me. Vou reunir-me a minha mulher e aos meus filhos; durante a ausencia de todos os moradores do predio, será um dos meu prim[...] que o guardará".

"Conduzi as malas ao armaze[...] da gare d'Orsay; dormi no hotel [...] espiei o momento em que sei q[...] o porteiro deixa o predio um in[...]tante para ir buscar os jornaes [...] beber um copito de vinho branco [...] então, introduzil-me na casa e fe[...]chei-me a toda a pressa no me[u] appartamento.

"Com as persianas corridas, fa[...]zia uma temperatura deliciosa no[s] seus aposentos e passei trez dias incomparaveis; o mez inteiro te[r]-me-ia dado um repouso como ne[...]nhuma praia, nenhuma estação thermal, nenhuma aldeia, mesm[o] a mais socegada. Trabalhava li[...]vremente no escriptorio; dormi[a] quando tinha vontade; levantav[a]-me quando não tinha mais somno[...] estava livre, não dependia de ne[...]nhuma contingencia, de nenhum encontro, de nenhuma carta, e quando o telephone tilintava, dav[a] de hombros: "Visto que estou num cruzeiro!"

"Hontem de manhã, pelas fresta[s] das persianas, vi partir o porteiro. Levava duas valises nas mãos e na ponta da calçada, fazia recommendações a sue primo, a quem confiava o predio.

"Essas recommendações, não era preciso ser feiticeiro para as adivinhar: "A casa está vazia. Não tens que te amofinar; fecha a porta e não deixes subir ninguem!" Depois, partiu.

"Infelizmente, o porteiro estava de tal maneira habituado aos ru[i]dos da casa, que já não os ouvia, emquanto que o seu substituto, tanto mais desconfiado quanto ha[...]via menos tempo o occupava esse posto, ouviu de repente um baru[...]lho de agua nos cannos. Porque — não tenho segredos comtigo — é[u] acabava de puxar a corrente do water-closet.

"Esse guarda minucioso sobre[...]saltou-se, descobriu facilmente d[e] onde provinha aquelle barulho [...] velador, não duvidou que um [...]tuno occupasse o logar — era [o] caso de dizer! — e mandou buscar os guardas, emquanto que com [...]

De Robert Dieudonné

cacete na mão, se postava deante da porta para que ninguem pudesse escapar.

"Eu ignorava tudo o que se tramava contra mim: assim, quando os guardas bateram, imaginando que era algum importuno, me abstive de responder e mesmo quando falaram "em nome da lei", pensei tratar-se duma brincadeira agradavel.

"Emfim, a porta voou com um golpe de hombros e achei-me frente a frente com dois esbirros exasperados.

"Não ha a menor duvida que, se tivesse aberto aos primeiros chamados, nos teriamos entendido muito mais facilmente. Mas a sua insistencia fizera-me teimar e, por outro lado, o meu mutismo podia legitimar todas as suspeitas.

"— E' um abuso arrombar a porta para entrar em minha casa."

"Mas elles tinham-me segurado os dois pulsos, affirmando que dessa vez não escapava.

"Arrastaram-me, em pyjama, até um *taxi*, no qual me atiraram, apesar de todos os meus protestos.

"Julguei que o commissario comprehendesse e admittisse as minhas explicações. Era um magistrado moço, que se manteve num raciocinio estreito:

"— O guarda da casa sabe que ella está vazia e a prova de que não é quem diz ser, é que, ha trez dias, o verdadeiro porteiro, que devia conhecêl-o não lhe entrega a correspondencia!

"Quiz que fossem a minha casa buscar a carteira, onde estavam o meu titulo de eleitor, a licença de caça..."

"O commissario riu-se ás gargalhadas:

"—Isso prova que o morador deixou os seus papeis em casa!... Commigo não!...

"Pedi-lhe que convocasse o meu alfaiate, o sapateiro, o *garçon* do café que frequento, parentes, amigos: todos, bem como os vizinhos, estão em férias, Só conto pois, comtigo!...

"Deus queira que não tenhas partido tambem, sem o que me arrisco a passar deante dos juizes e ser condemnado, por ter vivido no meu appartamento numa época em que tinha feito tudo para parecer não morar ali..."

A MORTE DO LÔBO

DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

UMA noite de novembro cahia neve, e os aspectos do céo profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar álgido que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida duns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alentejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapela da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos sêrros. Uivos longinquos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande naquella immensa corda de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo ali perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contrição; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos serios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horizonte branco com uma negrura immovel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço num aspecto de admiração, de surpreza. Depois, descahiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôz-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: "Bóca! péga! cérca! Ahi vae, lobo!" E'chos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu mui de passo, com uns vagares ironicos, com a cauda de rojo e o dorso eriçado, a ladeira da colina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldeia e, para aquelle lado latiam cães dum faro

que adivinha o lobo antes de l
ouvir o uivo,, e o fariscam pela i
quietação das reses nos curra
Trepou afoito ao têso do outei
ganhára animo; bebera uns trag
de aguardente duma cabaça ata
com o polvorinho no correão. Se
tiu-se capaz de afrontar o rebel
se elle o não respeitasse como s
da criação, segundo afirmativas
theologos que nunca o avista
Carcavava-se um algar emmar
nhado de bravio espesso onde s
embrenhára. Estugando o pass
ganhou uma chã ladeada de ext
sas leiras de feno alvejantes com
um estendal de lençóes; e, quand
olhava para traz receioso, via
alimaria, a grandes passos, com
cabeça alta atravessar a leira d
esquerda, parecendo querer cort
lhe o passo na extrema do camin
que entestava com a aldeia. O pa
dre agachou-se, coseu-se com o va
de urzes e giestas que formava
o tapume das terras cultivadas
muito derreado, arquejando com
dedo no gatilho, e a fecharia re
da barba, caminhou parallelo co
o lobo que o farejava de focin
anelante e as orelhas fitas; e assi
que a fera passou de perfil e
frente do tapigo, o rei da criaçã
que o era pelo direito do ba
marte, despediu-lhe a primeira b
la com a dextra pontaria de que
havia já matado aguias com za
lotes. O lobo, varado pela espadu
até ao coração, decahiu sobre
dos quadris, escabujou em ronc
frementes, espargindo flocos
neve, ergueu-se ainda inteiriça
numa grande agonia, e morreu

(Trecho de "Eusébio Macário")

Escriptores e livros

Leon Groc — A CABINE TRAGICA
Liv. Classica Editora — Lisbôa

O volume pertence á "Collecção de romances policiaes". Trata-se de um trabalho curioso, apparecendo como figura central a rainha da *Mi-Carême*, cujo assassinio emocionou Paris. Romance de acção, cuja leitura interessa.

Mario Marroquim — A LINGUA DO NORDESTE — Comp. Edit. Nacional
São Paulo — 6$

O autor affirma uma verdade escrevendo: "Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro. A enorme extensão geografica em que o português é falado no Brasil dá a cada região peculiaridades e modismos desconhecidos nas outras, e exige, antes da obra integral que fixe e definanossa differenciação dialetal, trabalhos parcelados, feitos com criterio e honestidade, sobre cada zona do país. Esses trabalhos serão o material de que lançará mão o estudioso de amanhã para uma obra de conjunto, completa e definitiva, sobre o dialeto brasileiro. E' extranhavel mesmo que um assunto tão importante, qual seja esse das modificações sofridas pelo português na America, tenha sido tratado até hoje com tanto indiferentismo pelos nossos linguistas e filologos. Somos, no entanto, quarenta milhões de pessôas que falamos uma lingua transplantada ha quatro seculos para um novo meio, onde tem estado exposta aos influxos modificadores de clima diferente, de ambiente diverso, sofrendo ainda o contacto intimo de dois grupos étnicos e gloticos estranhos. Nossa lingua ter-se-á transformado, da mesma fórma que o português falado em Portugal no seculo XVI se alterou apenas pelo impulso genial da evolução das linguas, apesar de não ter estado em contacto com fatores externos de modificação. O português do seculo XVI é o ponto de partida de uma evolução divergente. Enquanto em Portugal se modificava num sentido, no Brasil, envolvido por fatores mesologicos étnicos e geograficos radicalmente diversos, orientou diferentemente a sua evolução. E' o que Eduardo Carlos Pereira chama um amplo triangulo cujo apice é o seculo XVI e os lados o falar brasileiro e português. Os lados, partindo do apice, cada vez mais se afastarão. Contra a opinião dos que negam o dialeto brasileiro, opinião que vai de encontro a tudo o que está estabelecido em relação á evolução das linguas, se opõe a realidade que não exige demonstrações.

"Nem o dialeto brasileiro nos envergonha. E' um fenomeno cuja espontaneidade não podemos deter nem governar, é uma força viva que surge das massas populares ao impulso de tendencias logicas e naturais e cuja expansão devemos estudar e observar, mas que não está em nós orientar, porque ella se dirige de acordo com leis gloticas certas e imutaveis. A essa preocupação de repudiar e negar o dialeto brasileiro, é que cabe a culpa de não termos até hoje um estudo sistematizado de nossas tendencias dialetais."

Rompendo justamente o indifferentismo condemnado, o autor apresenta-nos um valioso trabalho, que é o estudo da lingua popular de Alagôas e Pernambuco, englobando as duas populações debaixo de um só aspecto dialetal.

De facto a formação historica e ethnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, e identica é a sua orientação linguistica, como escreve o autor deste estudo notavel, que revela uma cultura admiravel, rara na actualidade.

Do ponto de vista grammatical, é uma grande obra, que demandaria vagares para ser analysada como merece, o que naturalmente será feito por quem melhor possa fazêl-o, que não nós, simples noticiarista de livros.

Jean d'Agraives — O VIRUS 34 —
Liv. Classica Editora — Lisbôa

O segundo volume desta collecção de romances de aventuras é uma traducção do magnifico trabalho de Jean d'Agraives, que já agora póde ser lido em portuguez. Apresentação material, optima.

Nelson Tabajara de Oliveira — SHANGHAI
Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 6$

NESTE volume o autor "descreve os espantos de um sul-americano inesperadamente jogado no turbilhão de Shanghai".

E' um livro de narrativas singelas, verdadeira reportagem de jornalista curioso, cuja leitura agrada.

O proprio autor confessa tratar-se da narrativa despretenciosa dos episodios de *touring* que emocionaram o voluntario da aventura, um transeunte bem humorado da vida, e nesse bom humor, talvez, está todo o encanto da obra repleta de observações interessantes.

Louise May Alcott — MULHERZINHAS
Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 3$

MAIS um voulme da *Nova bibliotheca das moças*, romance de linhas singelas, que póde ser lido tambem por meninas. O enredo já foi filmado pela R. K. O. Radio Pictures, com ampla divulgação.

SAUDADE D

RAUL fôra em busca do amigo Jorge, para lhe pedir uma informação. Ia com pressa, e, obtido o esclarecimento, despedia-se, já na porta do escriptorio, quando Jorge, com a voz hesitante, o olhar obliquo, num esforço para dominar a sua emoção, perguntou-lhe:

— Estás livre logo mais a noite ?

— Sim.

— Então fica commigo. Jantaremos juntos. Não me negues este prazer. Preciso tanto de ti.

Raul olhou melhor para o amigo e notou-lhe um grande abatimento, um ar estranho.

— Que ha ? Estás doente ?

— Oh, a carcassa ainda está solida... E' outra cousa.

Botou a mão tremula sobre o braço do amigo:

— Vens.

Raul seguia atraz delle até a sala de visitas e fez menção de sentar-se numa cadeira de braços, ... to dá janella; mas o outro o e... purrou-o brutalmente.

— Não ! Ahi não ! gritou, ... rudeza.

Mas explicou logo:

— E' a sua poltrona; a poltr... onde ella sentava sempre.

Virando a cabeça, procurava ... gir aos olhos indagadores do a... go, esperando, ainda de colher ... confidencia.

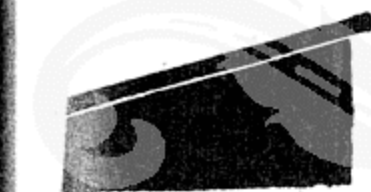
— Estas admirado, não é ? E ... comprehendes a minha attitu... Ouve. E' preciso que saibas ... alguem... um irmão... um ami... sincero, emfim... saiba que ...

posso mais viver com este peso ... coração...

Sentou-se deante do amigo, ... as mãos cruzadas sobre os joelh... a cabeça alta, os olhos perdidos ... escuridão da noite que nos po... invadia a sala, e começou a fal... com a voz lenta, uniforme, ... imagino deva ser a voz dos cri... nosos quando, após haver fe... mente negado, acabam por conf... sar seu crime, vencidos, numa ... se frenetica de sinceridade.

— Conheces a historia do m... casamento ?

UMA MULHER

— Um caso banal!... Depois da morte de meus paes, aos 35 annos, já me considerava um solteirão inveterado. Mas Tia Sinhá se preoccupava com meu futuro!... Eram sermões continuos, insidiosos elogiando as delicias do lar, da familia, dos filhos, accumulando os argumentos susceptiveis para convencer:

Eu, porém, me obstinava e, successivamente, recusava todas as suas propostas. Pobre, bôa Tia Sinhá, quanto carinho esperdiçado! Mas a liberdade era-me mais preciosa do que tudo. Foi neste tempo que cahi doente. Lembras-te dos trez mezes de pesadello que passei entre a vida e a morte, com aquella febre que não cedia?... Afinal, entrei em convalescença. Durei muito tempo ainda numa fraqueza mortal e Tia Sinhá, aproveitando-se de minha depressão nervosa, recomeçou a sua encarniçada campanha matrimonial.

Desta vez, cedi. Apresentou-me Alcinda. Uma figurinha sympathica: o rendimento de duas ou trez casas alugadas, uma bôa educação, emfim, ella ou outra daria tudo no mesmo. Casamos. Tu conheceste Alcinda e, provavelmente, a julgaste como eu mesmo a julguei naquelle tempo. Era uma dona de casa perfeita, mas para mim não passava de uma creatura um pouco acima de um animalzinho domestico. Era doce, apagada, nunca discutia. Eu, absorvido pelos meus negocios, as relações mundanas e os amigos, não lhe prestava quasi attenção. Nunca ella manifestava uma vontade precisa. Parecia estar sempre contente com tudo e, no emtanto, não estava nunca alegre. Raras vezes sahiamos juntos á noite. Alcinda gostava de musica e das velhas operas lyricas. Mas eu preferia outra cousa: *A Casa de Cabloco* ou as *zarzuellas*. E acabavamos indo sempre a um *cabaret*. No verão, bem sabes, iamos sempre tomar banhos de mar em Copacabana e, perante o incomparavel espectaculo de nossas praias douradas, ella dizia, simplesmente: "Como é lindo!" Nada mais. Isto durou trez annos. Pois bem: uma tarde, minha mulher não chegou para jantar. Eu esperava com alguma inquietação, quando, pelas 11 horas da noite, um *chauffeur* de *taxi* trouxe-me uma carta de Alcinda. Abri-a, curioso. Só havia trez linhas escriptas com a sua bella letra calma e clara. Sei de cór o que ellas diziam:

"Jorge: *encontrei um homem que me ama e me comprehende. Prefiro deixar-te. E' mais nobre. Perdôa-me! — Alcinda*".

(*Continúa na pag. seguinte*)

Algumas Lendas e alguns Mont

DESDE a descoberta do Archipelago da Madeira, na madrugada do seculo XV, até o seculo XVI affluiram áquellas formosas Ilhas povoadores de origens e nacionalidades diversas, que transportavam comsigo as idéas e costumes medievaes dos seus Paizes.

Tambem os Mouros, aprisionados na costa de Marrocos, se tornaram um elemento importante de população que, perdendo lentamente o seu aspecto hecterogeneo, dominada e nacionalizada pela influencia dos elementos Portuguezes, entre os quaes se destaca a Companhia de Jesus, apparece ao fim com um cunho proprio, um caracter a um tempo portuguez e extremamente original.

Findas as horas incertas e aventurosas da guerra nascem os dias felizes da paz. A' rudeza dos costumes e aos impulsos brutaes, que vincadamente marcam a meia idade, succedem-se as etiquetas, os galanteios, e os requebros fidalgos.

Assim tambem na literatura — que é sempre o reflexo da alma de uma época — da poesia narrativa, adstricta aos tempos bellicos, se passa á poesia discursiva, cheia de argucias, de criticas ou repassada de herotismos...

A vida palaciana é o fulcro de onde emana esta verdadeira transformação social e intellectual. As camadas inferiores da população, sempre affeitas ao tradicionalismo, não vêm com bons olhos estas evoluções que lhes levam o seu viver de seculos, alterando-lhes os habitos e pretendendo até arrancar-lhes as vibrações da sua alma que em versos e canções se expande.

D'est'arte, supplantada na vida palaciana a poesia narrativa pela poesia discursiva, ella vae refugiar-se no meio popular onde, até agora, mais ou menos alterada ou innovada, tem vivido com seus fóros de poesia tradicional.

Ora esta alma arraigada ás glorias, ás tradições e aos costumes da Raça Luzitana, é a que, na mór parte, passa ao Archipelago da Madeira e que, fundindo-se com as correntes extrangeiras, nos dá esse sabor typico, caracteristico dos Insulares.

A' poesia de reminiscencias medievaes dos Povoadores juntam-se

De Visconde de Po

o figurado e a melopéa dos contos e *lengas-lengas* — "lingui-lingui" dos arabes.

Quando a Hespanha estende

SAUDADE DE

(Continúação)

"Era tudo! No primeiro momento juro-te que não senti nenhuma indignação. Fiquei antes surpreso. Mas então ella não se sentia feliz commigo? E depois experimentei uma grande alegria... uma adoravel sensação de liberdade... Estava livre! Outra vez livre como um celibatario... E com a mais deliciosa sensação de saber apreciar melhor, pelo contraste, os bens reconquistados! Retomei meus antigos habitos voltei aos velhos amigos abandonados, e a duas ou trez mulherzinhas alegres e encantadoras. Mas, de repente, senti como uma molla que se houvesse estragado. Tive a sensação do relogio a que não se dá corda ha muito tempo; a gente quer fazêl-o andar, e elle anda um pouco, mas depois se atraza e para. Eu estava assim. Sem perceber, me havia tornado incapaz de sustentar a intensidade de vida dos meus velhos camaradas. Aliás, nesta casa demasiado grande para mim, muita coisa me faltava... Tudo andava mal cuidado. Tive muitas discussões com os criados. A cozinheira preparava-me uma comida infame! A minha roupa branca vivia rasgada, sem botões; as meias, furadas. E depois faltava-me outra coisa. Sem querer, eu procurava *alguem*. Sim; faltava-me *ella*. Oh, não pelo que tu pensas... não; mas pela necessidade de sentir alguem ao nosso lado, de saber que no quarto junto ha um ser vivo que anda e mexe e responde ao nosso chamado. Alcinda, todavia, não occupava muito lugar, não fazia barulho; mas estava ali. Se, de repente eu me sentisse mal, ella correria promptamente para me soccorrer. Comecei assim a pensar nella de vez em quando. Depois, mais a meudo, de hora em hora. A sua imagem surgia deante de mim como um sol. Começava como um ponto avermelhado, sem brilho, e depois subia, subia, augmentado sem medida. Agora enche o céo e preciso fechar os olhos para não cegar com o seu brilho.

"Foi assim que principiei a apreciar a minha mulher. Mil pequenos detalhes revelaram-se lentamente aos meus olhos e conduziram, emfim, para mim, a verdadeira Alcinda. Crê: muito mais facilmente podemos reconstituir a face exacta

---

...ntos do Archipelago da Madeira

...Porto da Cruz

...n dominio a Portugal, por mor... do cardeal-rei dom Henrique, ...omeçam a afluir á Madeira no... as ondas de povoadores Castelhanos, que levam, com os seus habitos, as velhas *romanzas*.

Mais tarde, ainda, novas fornadas de colonizadores vêm de paizes longinquos, chamados pelo desenvolvimento commercial e industrial — industria saccarina e venda de preciosas madeiras de construcção — e com elles fixamse no lindo rincão novas correntes que, tal como já se déra com as anteriores, a pouco e pouco vão sendo assimiladas.

Todos estes elementos, que constituiram o nucleo da população e da vida da Madeira, foram tambem a fonte de riqueza e variedade de *contos* e *lendas*, como da poesia narrativa, tradicionaes do Archipelago.

Com os costumes medievaes, que tão entranhadamente se infiltraram nas lindas ilhas, e que, a despeito das innovações e das tentativas insistentes e criminosas de desnacionalização, ainda perduram, de um modo particular se afincaram os processos de agricultura, as danças — *"bailhos"* e *"meia volta"*, com reminiscencias arabes — os contos fantasiosos e as lendas interessantes que procuraremos reviver.

Affeitos ao lidar das terras e ao commercio com os outros povos, os Madeirenses tomaram um cunho positivista e a um tempo emprehendedor. As suas preoccupações não os deixaram inclinar-se decididamente para a Arte nem para os feitos aguerridos. A paz do lar e a posse de grandes haveres tem sido, desde o começo, a sua preoccupação dominante.

Assim se concebe facilmente a sobriedade dos seus Solares, a falta de ostentosos monumentos e de grandes Palacios. Passadas as fainas do dia, olhando a immensidade do Oceano que os cerca e que no horizonte distante se confunde numa só linha com o azul do firmamento, os Madeirenses sentiram a necessidade de uma paz espiritual e dahi vem a religiosidade e a calma que os caracteriza. E a Fé Christã, que lhes vem desde sempre, revigorada pelo espirito das descobertas e das conquistas, tem-se mantido firme naquellas paragens.

Originaes no seu viver e nos seus costumes, originaes são os seus cantares, as suas *lendas* e tradições.

...UMA MULHER

(Conclúsão)

...s coisas pela memoria. No pri...eiro momento, em geral, não ve...os as coisas como ellas são real...ente. Mas as retinas registam ...do, fóra de nossa vontade. E' ...mo uma visão retrospectiva, uma ...pecie de placa photographica que ...a impressa e que revelamos ...uito mais tarde. Assim eu vivia ...constituindo aos poucos a minha ...ulher. Queres um exemplo? Al...nda é morena, de cabellos pretos, ...eu a considerava igual a todas ...outras mulheres de cabellos es...uros. Mas agora eu sei que ella ...m um reflexo ruivo na ponta dos ...abellos e vejo a sua cabeça lumi...osa como envolta numa aureola ...ourada. E os seus olhos, sobre os ...uaes nunca me curvei? Que nun...a tive o tempo, a curiosidade ou a ...ernura de interrogar? Tenho a ...erteza, sim, de que são os mais ...ndos olhos que ha no mundo. ...ão uma obra prima da natureza, ...uja leitura só me dava enfado, ...as que só agora descobri e que ...orno a ler com interesse e devo...ão. Revejo a fórma de suas mãos. ...a sinuosidade da bôcca, os seus ...estos preciosos. Agora eu sei o ...uanto ella é fina, doce e delicada: ...ei agora o que se escondia atraz ...os seus silencios, da tristeza do ...lhar; sei, emfim, o quanto me ...uiz, no paciente e longo esforço ...e me amar exclusivamente. Te...ho disto a mais absoluta certeza! ...inha perto de mim uma alma pu...a e rara, um lindo ser altivo e ...ondoso e não soube guardal-o. ...ejo-a agora tal qual ella é real...mente; tenho-a nos olhos e no ce...rebro como se tivesse resuscitado ...entro de mim. Apoderou-se do ...eu somno e já não posso me li...bertar de sua obsessão dolorosa"...

Jorge parou de falar. Offegante, tomou da mão do amigo, apertando-o convulsivamente; e, com uma voz baixa, uma voz miseravel, que o soffrimento endurecia, tornando-a quasi selvagem, confessou:

— E' porque... agora, comprehendes?... Amo a minha mulher...

Raul tinha ficado immovel. Não respondia nada; que poderia dizer? Seus olhares, todavia, não se podiam mais afastar da poltrona vazia, como se fôra um buraco fundo, onde a sombra de Alcinda parecia estar pousando de leve.

ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

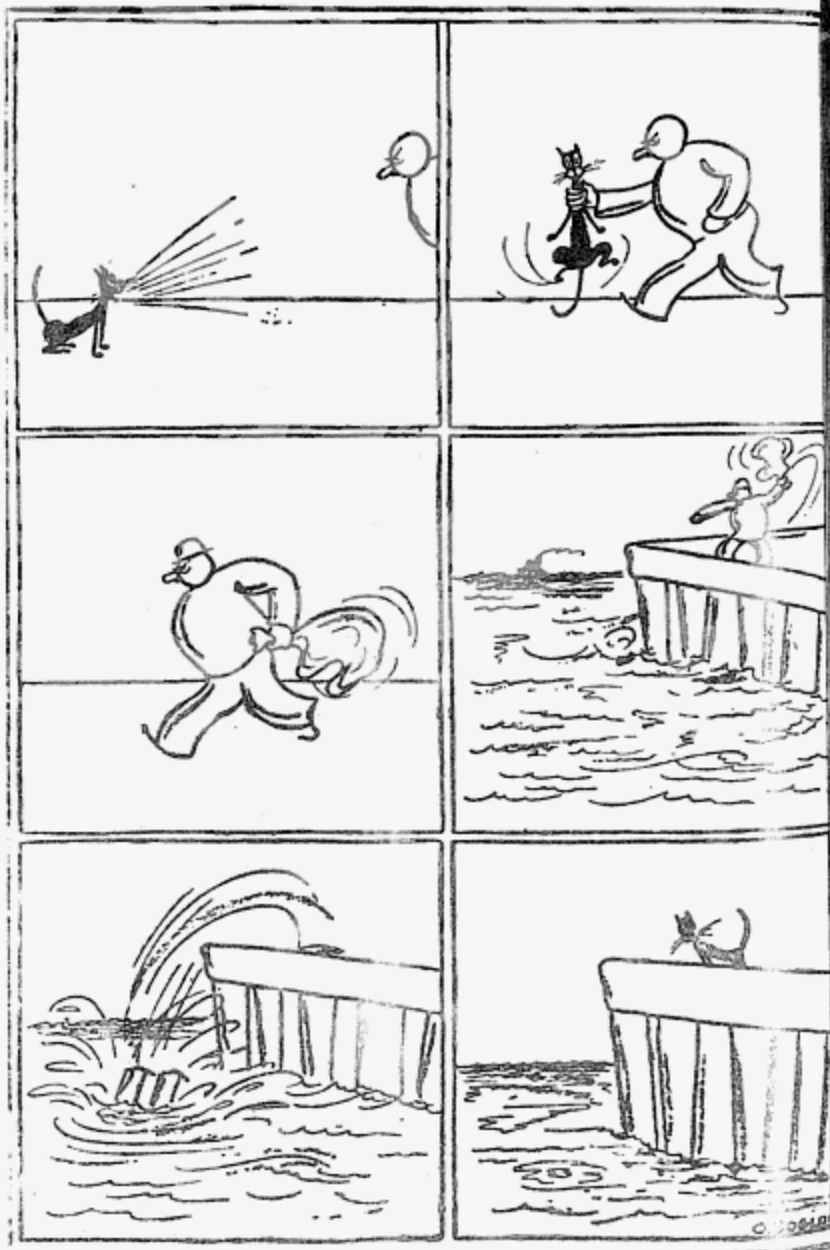
ESCRIPTORES

DIR-SE-IA que a paizagem da Madeira, o seu clima e a provinciana tranquillidade da vida deveriam estimular entre nós a creação literaria e artistica e darnos um movimento intellectual que definitivamente nos ganhasse o respeito do mundo.

Não succede bem assim, porque, dum modo geral, só cultivam as letras uns vagos bachareis affeiçoados aos adjectivos detonantes e ansiosos duma regional celebridade que lhes estenda a fama até os limites da segunda Capitania...

No emtanto, existem aqui individualidades cuja cultura e cujo talento seria imperdoavel não destacar para um merecido relevo.

Apesar de pertencerem a uma geração que ha muitos annos ... as suas provas, trez escriptores ... que conservam, em toda a ... tude, as qualidades que justam... te os consagram.

O padre Fernando Augusto ... Silva realizou uma das obras ... notaveis de toda a historia ... ria da ilha: o *Elucidario*, ... riquissima de informações de ... a especie sobre a Madeira. O ... espirito conserva hoje a fresc... e a vivacidade da juventude ... autoriza-nos a esperar das ... mãos novos trabalhos de ... mérito. O coronel Alberto Arth... Sarmento é um historiogra... distincto, duma infatigavel ... sidade, que continúa extrahi... do Passado lições do mais ...

O homem que quiz se desfazer do seu gato...

DA MADEIRA

...teresse. João dos Reis Gomes, ...tor de novellas, estudos philo... ...phicos, ensaios sobre arte e li... ...s de viagem é, sem duvida, a ...is curiosa figura desse grupo ...velha guarda: uma intelligen... multiplice e uma penna da ...is apurada elegancia.

Da nova geração, póde a Madei... orgulhar-se de possuir o mais ...re poeta: João Cabral do Nas...ento, cuja encantadora inspi...ão encontrou para fixar-se uma ...ma de rara belleza. Prosador ...lo de talento e da doce pre...ça da nossa terra, é: Ernesto ...nsalves.

Entre os *velhos* e os *novos*, al...s nomes poderiam citar-se ain... mas preferimos limitar esta ligeira noticia aos nossos escriptores que não trocaram o céu da Madeira pelo sol de Lisboa.

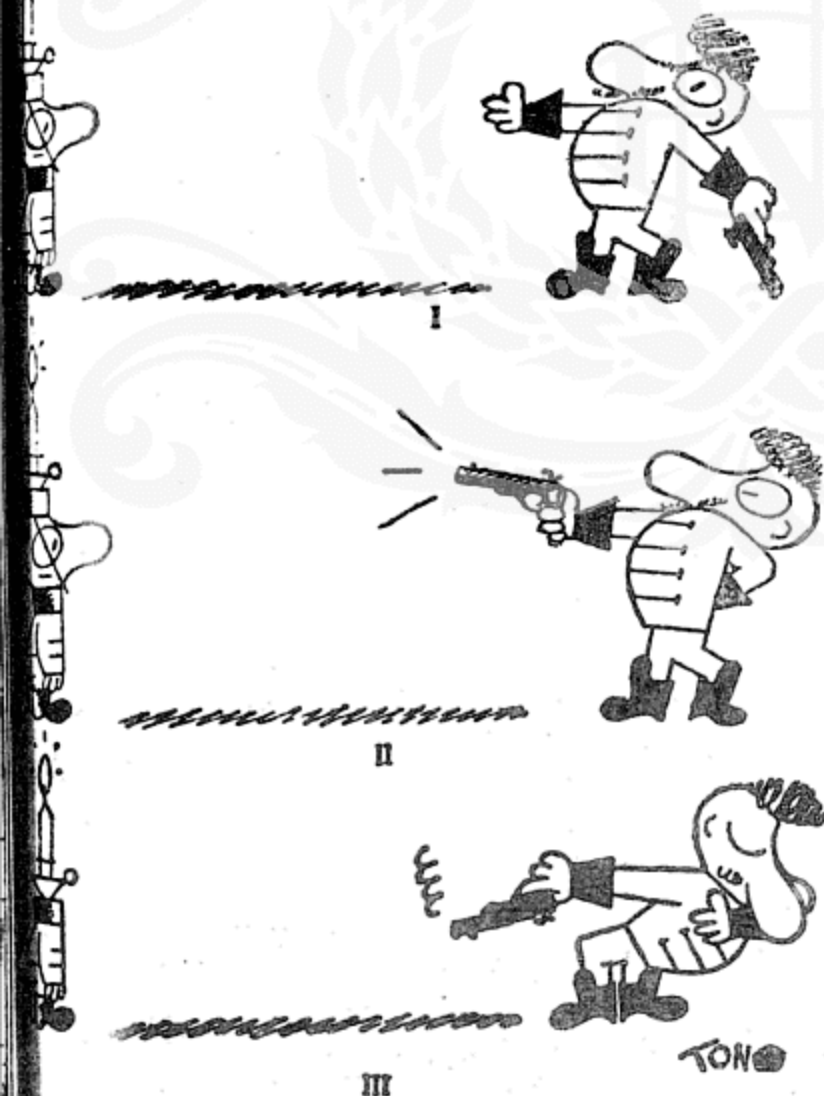
E não devemos esquecer o nome de Alfredo de Freitas Branco (Viscónde do Porto da Cruz), polygrapho de talento, cuja penna tem tocado, com uma feliz facilidade, os mais variados e complexos generos literarios.

Mais se poderia dizer da Madeira, neste capitulo, mas uma corajosa prudencia avisa-nos de que, a partir deste meridiano, o juizo do publico póde nem sempre conformar-se com o do critico.

LUIZ VIEIRA DE CASTRO

I

II

III

Um atirador que tinha plena confiança em sua pontaria...

A lenda d...

(SHERLOCK HOLME...

CAPITULO I

SHERLOCK HOLMES

Sherlock Holmes, que tinha por costume levant... muito tarde, salvo nas occasiões, assás frequentes, ... que ficava a pé toda a noite, estava sentado á m... almoçando.

Detive-me no capacho e peguei na bengala qu... nosso visitante por esquecimento deixara ficar ... vespera, á noite. Isso se passava no tempo em ... antes do meu casamento moravamos juntos em ...ker-Street.

Era um pau grosso, muito rijo, com um ca... rugoso, da especie conhecida pela designação de ... *gado de Penany* (1). Por baixo do castão, um ... de prata, muito largo, medindo quasi uma polleg... "A James Mortimer, . R. C. C. (2), os seus ami... do H. C. C., lia-se insculpido no metal, com a d... "1885". Era o genuino typo da bengala predil... dos classicos de algum dia — veneranda, rija e ...piradora de confiança.

— E dahi, Watson, qual a sua opinião sobre e... Holmes estava sentado, de costas viradas para m... e eu nem por sombras lhe tinha dado a perceb... que me captara a attenção.

— Como é que sabe o que estou fazendo? Você t... olhos na nuca?

— Na ausencia delles, tenho na minha frente u... cafeteira, de metal, a luzir que nem um espelho, ... torquiu. — Mas não me dirá, Watson o que é ... deduz da bengala do nosso visitante? Já que tive... a má sorte de nos desencontrarmos com elle e ... não suspeitarmos sequer o motivo da sua visita, ... recordação accidental assume certa importancia. ...mos lá a ver como é que você reconstróe o indiv... mediante o exame do objecto.

— A meu ver, encetei, cingindo-me quanto em ... cabia aos methodos do meu companheiro, o dr. M...timer é um facultativo, já idoso, com uma boa c...tela, estimado, visto as pessoas do seu trato ... offerecerem este testemunho de apreço.

— Muito bom! acudiu Holmes. Optimo!

(1) Equivale ao argumento *baculinum*, ultima ... Justiça de Fafe.

(2) Membro do Real Collegio de Cirurgia.

— Pa... ...raveis ... ...effectua... ...olcant...

— E...

— Po... ...precos, ...redita... ...linico ...rova ...ndar a...

— Al...

— E... ...alpita... ...cador... ...os ell... ...e ciru... ...te tr...

— Re... ...olmes ...m cig... ...ue ter... ...mme... ...e a s... ...lvez ...nduc... ...ados ...ntido... ...sso c...

Nunc... ...s sua... ...e m... ...iffe... ...ntati... ...ethod... ...azer ...plic... Elle ...nal-... ...ysis ...ette... ...exa.

— I... ...ctan... ...rfá.

...ção phantasma

(Por CONAN DOYLE)

—Parece-me, aliás, existirem probabilidades favo...veis á circumstancias delle ser um clinico rural ...ffectuando a maior parte de suas visitas *pedibus ...lcantes.*

—E por que?

—Porque esta bengala, um primor, nos seus tempos ...reos, tem aguentado tão má vida, que me custa ...reditar que haja andado nas mãos de um qualquer ...inico urbano. A ponteira, muito grossa, está gasta, ...rova manifesta de que o homem se tem farto de ...ndar amparado a ella.

—Absolutamente sensato! disse Holmes.

—E dahi temos ainda os "amigos do H. C. C." ...lpita-me que serão socios de um club qualquer de ...çadores, de alguma associação local a cujos mem...ros elle haja prestado os seus serviços, na qualidade ...e cirurgião, e que em paga lhe tenham offerecido ...te brinde modesto.

—Realmente, Watson, está-se sahindo, — declarou ...olmes, arredando para traz a cadeira e accendendo ...m cigarro. — Cumpre-me confessar que, em tudo ...e tem publicado, referente aos meus modestissimos ...mmettimentos, tem systematicamente amesquinha...o a sua propria pericia. O meu amigo não será ...lvez luminoso, mas nem por isso deixa de ser um ...nductor de luz. Ha individuos que, sem serem fa...dos de genio, dispõem de um notavel poder no ...ntido de o estimular. E eu, meu caro amigo, con...sso o muito de que lhe sou devedor.

Nunca elle tinha dito tanto, e devo confessar que ...s suas palavras me causaram intimo prazer, visto ...e mais de uma vez me senti melindrado pela sua ...differença ante a minha admiração e as minhas ...ntativas no sentido de dar publicidade aos seus ...ethodos. Desvanecia-me, aliás, a convicção de me ...aver assenhoreado do seu systema a ponto de o ...pplicar de modo a grangear a sua approvação.

Elle, tirou-me a bengala das mãos e poz-se a exa...inal-a por espaço de minutos com a vista desarmada. ...Depois, exprimindo interesse, largou o cigarro, sub...metteu-o a novo exame através de uma lente con...vexa.

—Interessante, comquanto elementar, declarou, ...oltando a aninhar-se no seu cantinho predilecto do ...fá. A bengala apresenta uma ou duas indicações,

(*Continúa na pag. seguinte*)

não ha duvida; ministra-me base para varias deducções.

— Escapar-me-ia qualquer coisa? perguntei um tanto ou quanto desapontado. Quer-me parecer que me não terá passado despercebida circumstancia alguma importante?

— Custa-me declarar-lh'o meu caro Watson, mas as suas conclusões são erroneas quasi todas. Eu, quando affirmei que você me estimulava, para lhe falar com franqueza, queria dizer que, notando as suas illusões, me sentia eventualmente encaminhado para a verdade. Não quero dizer com isto que você, no presente caso, labore absolutamente e merro. O individuo é, com certeza, um clinico rural. E anda muito.

— Nesse caso, tenho razão.

— Tem, até ahi.

— Exclusivamente?

— Exclusivamente, não, meu caro Watson, de modo nenhum. O que eu pretendo suggerir, por exemplo, é que um brinde a um facultativo é muito mais provavel provir de um hospital do que de uma associação de caçadores, e isto tanto mais, dando-se o caso de se acharem as iniciaes "C. C.", collocadas depois do alludido hospital, e suggerindo naturalmente as palavras "Charing Cross".

— E' possivel que tenha razão.

— Abundam probabilidades nesse sentido. E acceitando-as como hypothese fundamental, temos uma nova base para assentarmos a nossa construcção, a respeito desse incognito visitante.

— Muito bem, mas supponhamos que H. C. C. queira significar "Hospital de Charing Cross", que devemos deduzir dahi?

— Não lhe parece suggerirem-se quaesquer conclusões? Conhece os meus methodos. E' applical-os.

— Apenas me acode a conclusão clara de que o homem terá exercicio clinica na cidade antes de se transferir para a provincia.

— Parece-me que podemos aventurar-nos a ir um pouco mais longe. Considere o caso sob este ponto de vista: em que occasião haveria maior probabilidade de ter sido offerecido este brinde? Quando se haverão quotisado os taes amigos para lhe offertarem um penhor da sua estima? E' claro que não deixaria de ser na occasião em que o dr. Mortimer se despediu do serviço do hospital no intuito de encetar clinica por conta propria.

Sabemos que houve brinde. Suppômos ter havido transferencia de uma cidade para um partido rural. Será pois levar longe demais as nossas deducções o dizermos que o brinde se effectuaria na occasião dessa transferencia?

— Tem seus visos de probabilidade, não ha duvida.

— Assim, pois, não deixará de ponderar que o homem não podia fazer parte do *estado maiaor* do hospital, visto que semelhante posição só póde compete a um pratico devidamente estabelecido e exercendo clinica em Londres, e o individuo em taes circumstancias jámais derivaria para um districto rural.

Quem era elle, então? Se estava adjunto ao hospital, comquanto não pertencesse ao *estado maior*, apenas poderá ter sido cirurgião ou medico-praticante, pouco mais do que um estudante do ultimo anno do curso. E elle largou o serviço ha cinco annos — cá está a data na bengala. Portanto, o seu medico de partido, homem sério e de meia edade, esvaece como fumo, prezadissimo Watson, e surge-nos um moço que ainda não trintou, dono de um cachorro predilecto, que eu descreveria, por alto, como sendo maior que um rafeiro e mais pequeno que um mastim.

Incredulo, desatei a rir, ao passo que Sherlock Holmes se refestelava no sofá, a baforar uns anneis oscillantes de fumo para o tecto.

— Com respeito á outra parte do assumpto, não tenho meio de o contestar repliquei, mas ao menos não será difficil encontrarmos meia duzia de particularidades relativas á edade do indiivduo e á sua carreira profissional.

Fui á minha pequena estante de materia medica, lancei mão do Indicador-profissional e folheei-o até encontrar o nome.

Existiam varios Mortimers, mas um apenas que podia ser o nosso visitantet.

Li alto os dizeres respectivos:

"Mortimer, James, M. R. C. S., 1882. Grimpen, Dartmoor, Devon. Cirurgião interno desde 1882 a 1884 no hospital de Charing Cross. Obteve o premio Jackson no ramo da pathologia comparada, mercê de uma memoria intitulada: *A doença representará uma reversão?* Membro correspondente da Associação Pathologica da Suecia, autor de "Alguns casos de Atavismo" (*Lancet* 1882), "Acasao progredimos?" (*Journal de Psychologia*, março, 1883). Medico de partido das parochias de Grimpen, Thorsley e High-Barrow."

— Nem palavra a respeito do tal club de caçadores, Watson, ponderou Holmes, com um sorriso caustico, mas sim um facultativo rural, como você muito astutamente observou. Quer-me parecer que se justificam completamente as minhas deducções.

Com respeito a adjectivos, eu, se bem me recordo, affirmei: amavel, desambicioso e distrahido. Ora, diz-me a experiencia que os homens amaveis são os unicos que neste mundo recebem testemunho de estima: os desambiciosos os unicos que abandonam a carreira em Londres com o sentido na carreira provincial, e os distrahidos os unicos que deixam a bengala em vez do cartão de visita, depois de terem estado á espera uma hora, na sala de qualquer pessoa.

— E o cão?

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso

THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4186

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Garçon & Levindrey
Rue Trenchet, 9 — France
— Paris VIII Ludgate Hill.
Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500